DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

008

SOMA

volcom brand jeans

rider-tested denim

GENUINE VOLCOM BRAND JEANS

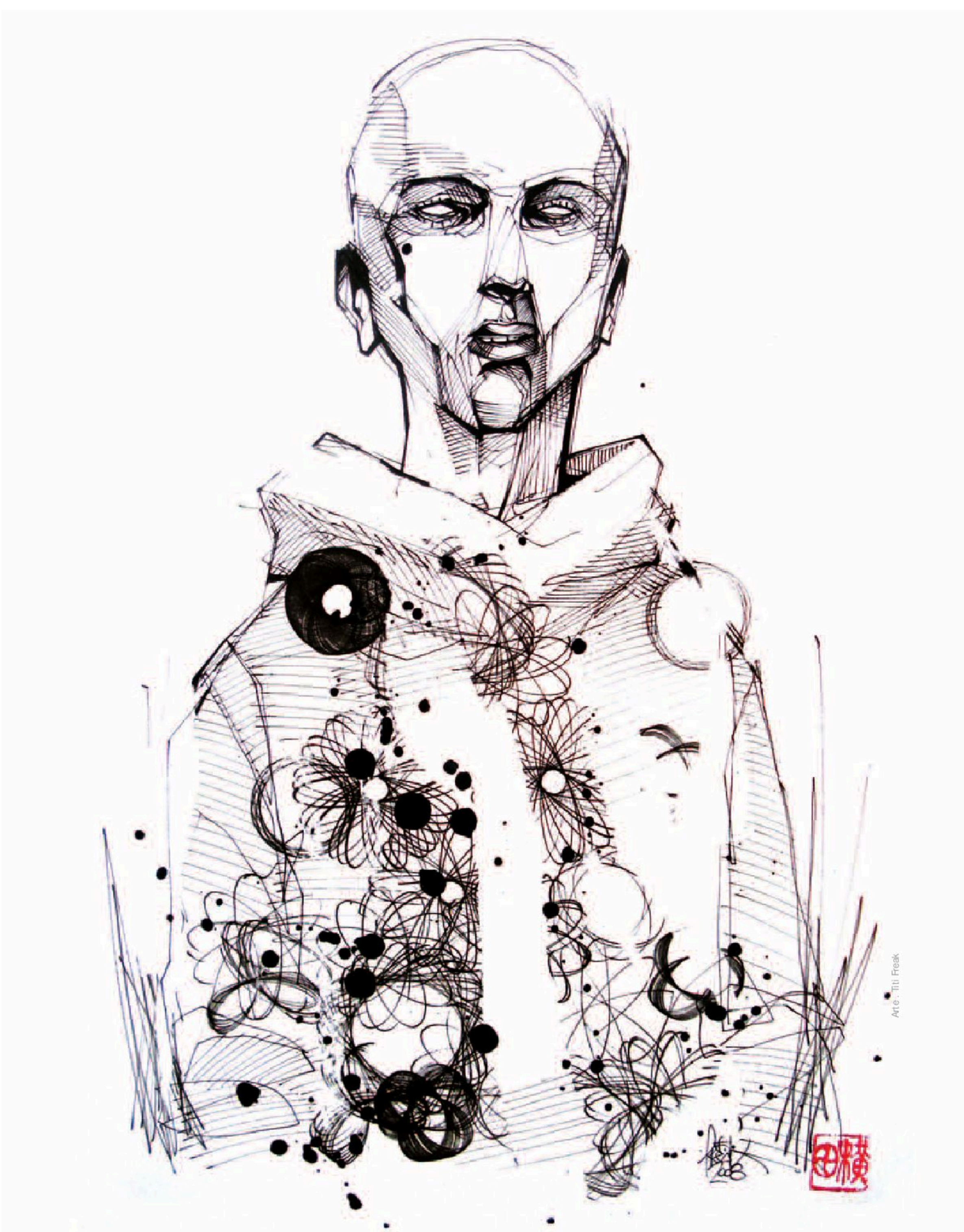
biano bianchin

volcom.com

Falcon São Paulo
BRASIL

Av. Ibirama, 1935, São Paulo, SP

elementskateboards.com



Arte: Titi Freak

+SOMA . #8

Questões de atualidade e nossa agenda

Tem gente que procura minhocas em solo fértil com luvas de boxe.
Tirando o absurdo desta imagem com quarenta graus de febre,
tem momentos que variamos do perplexo ao bestializado.

Tem gente que acredita também, assim como Mike Tyson, que é preciso arrancar orelhas na base da dentada para ganhar uma audiência. Aí, já entra uma questão de perspectiva: quem se encontra em um panteão (quem consagra as supostas divindades?) pensa que pode tudo e raramente consegue alguma coisa.
Para os que são tachados de desqualificados, resta dizer a verdade e sair correndo.
Ou não: se você segura a bucha e encara o desafio, corre o risco de integrar o time dos "belos perdedores". E a +SOMA joga deste lado do front.

Falar em belos perdedores é uma forma de incorporar a opinião dos que,
por falta de vontade ou talento, querem atrasar a vida dos que esbanjam
talento e, contra as pretensas adversidades, desafinam o coro dos
contentes mostrando talento raro. A história da arte underground
e da cultura independente como um todo é calcada nessa idéia.

Tendo em vista tudo isso, gostamos de pensar que não seguimos tendências
nem sobrevivemos da indústria da novidade. Buscamos exatamente
o elemento que não se constitui em regra ou norma.

O bom de ser uma revista livre e independente é isso –
fazemos o que nos dá na telha. Sem piedade. E como tem muita
gente por aí cansada do joguete de cartas marcadas,
vêm somando com a gente neste um ano e meio de existência.

Abra a revista. Olhe a diversidade.

Veja que um mundo com muito mais cores e nuances se descortina
por detrás do imenso cinza, como diz o músico Guizado em sua entrevista.
Porque assim como o mestre Jorge Ben, também somos a favor da paz,
do amor e da esperança.

Boa leitura!

+SOMA

+CONTEÚDO

Shuffle.....12
Freak Show.....14
Bill Callahan.....22
De Olhos Bem Abertos.....26
Low_res nyc stickers mobile cam shots.....34
O toque jazz de Letieres Leite & Orkestra Rumpilezz.....36
Tara McPherson.....40
Rota: Raiz.....48
O punk lounge de Money Mark.....54
Horoiwa não discute com o destino.....58
Michael Azerrad.....62
Clube do Desenho.....66
Guizado e a imensa solidão cinza.....72
A forma da pintura que virá.....76
Assumindo riscos - Jason Munn.....82
Bailando com a Academia da Berlinda.....90
Maritime.....92
Aspen.....94
A Musica Visual do ruído/mm.....96
Quem Soma . Guilherme Barrela.....98
Reviews.....100
Tédio.....102
Dias de um fantasma suicida.....104

NIXON

THE 51-30 GUNMETAL
THE MONEY SHOT

nixonnow.com

O projeto +Soma é uma iniciativa da Kultur,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: www.maissoma.com

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #8
Novembro 2008

Fundadores . Kultur
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Helena Sasseron, Marcelo Fusco e Rafael Jacinto

Editor . Tiago Moraes

Redação . Arthur Dantas
Mateus Potumati

Revisão . Marcelo Y. Salles

Projeto gráfico . Fernanda Masini

Arte . Fernanda Masini, Tiago Moraes e Rodolfo Herrera

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

Gostaríamos de agradecer a Fernanda Couto & Studio SP, Marcos Boffa, Eduardo Ramos, Emile Abinal & JR Studio, Alex Pinto, Cia de Foto, SESC Pompéia, Akin, Daigo Oliva, André Barcinski, aos artistas Dea Lellis, Mariana Abasolo, Rimon Guimarães, Dom Vital e Lucas Biazon, Kátia Abreu & Alavanca Produções, Galeria Vermelho, Inker Squat, Tiago Mesquita, Domingos Jr, e a todos que enviaram material para resenha, aos anunciantes e aos pontos de distribuição da revista. Nosso mais sincero muito obrigado!

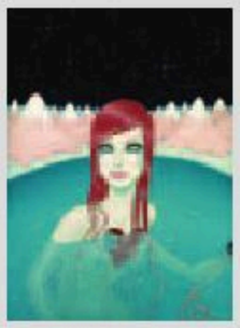
Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da Cia de Foto.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

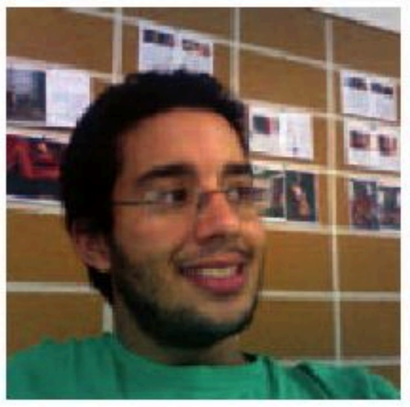
Publicidade . Cristiana Namur Moraes
T. 55 11 3849.2045 . cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone 11 3842.6717 ou escreva para info@kulturstudio.com.

Capa
Tara McPherson



Periodicidade . Bimestral
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, galerias de arte, museus, centros culturais, shows, eventos e casas noturnas.
Veja os endereços em: www.maissoma.com/info
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares



Lauro Mesquita

Jornalista, foi vocalista e
guitarrista do Space Invaders.
Nas horas vagas escuta um
som e aproveita a vida em
Belo Horizonte, Pouso Alegre
e na idílica Heliodora.
Apesar de negar com veemência,
é roqueiro brasileiro nato.

Fernando Martins

É skatista e fotógrafo
autodidata.
Nasceu no Rio de Janeiro,
mas escolheu a cidade
de São Paulo para viver.

+COLABORADORES

Debora Pill

É jornalista, produtora cultural e apresentadora do programa "Conexões Urbanas", na rádio Eldorado FM.

Didi Cunha

Trabalha com design e artes plásticas desde os anos 90. Além das artes e meios editoriais, também faz design têxtil. Didi é metade da dupla Comma, que está gravando seu primeiro CD.

Marcelo Viegas

É skatista, cientista social, redator da *CemporcentoSKATE* e vocalista da banda Ästerdon. Já teve loja na Galeria do Rock, selo independente e fanzine. Adora comer peixe vermelho frito, fazer caipirinha para os amigos e ler André Comte-Sponville, não exatamente nessa ordem.

Rafael Dabul

Morou fora do país por cinco anos, tempo suficiente para obter um mestrado em artes/fotografia, aprender a comer comida indiana extremamente apimentada, trabalhar para a *Interview* e conhecer lugares como Coréia do Sul e Marrocos. Mora em Curitiba, onde fotografa, faz curry para amigos e lê Borges.

Zico Farina

40 anos, publicitário, diretor de criação da África, ouvinte atento e resenhista musical nas horas vagas.

Alexandre Vianna

Alexandre Vianna é skatista, jornalista, fotógrafo e criador/editor da *CemporcentoSKATE*. É workaholic, não vê televisão e não desiste de continuar trabalhando para que o estilo de vida do skate, e da cultura ligada a ele, seja legal no Brasil.

WILCO
Bears
HELMET

HELMET
SOUNDGARDEN

5HUFFL&

POR TIAGO NICOLAS

Fotos Fernando Martins

Alexandre Demeo é o meu amigo mais indie. Mas é o indie do bem, nada de calça skinny nem cabelo de rehab. Só a boa e velha flanela. Nossa conversa foi pela internet mesmo, porque a internet é um barato. Ah, e o Demeo também é muito conhecido por Milo. Isso mesmo, Milo do Milo Garage, o dono. Se liga na discoteca mais indie do Brasil.

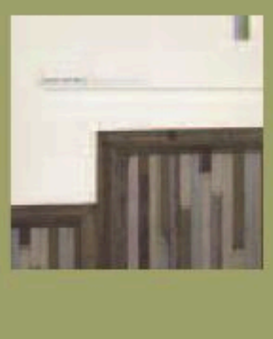
Seu disco indie mais rap?
Now Soon Someday, do Beans. Rapper da Warp Records, disco de rap bem gravado. O cara é de Nova York, a gravadora é da Inglaterra e minha cópia é italiana. Gosto também do *Boy in da Corner*, do Dizzee Rascal.

Disco indie mais jazz?
Tortoise, *Standards*. Se for instrumental, qualquer um do Tortoise. Com vocal, *Some Boots*, do Karate.

Disco indie mais metal?
Meantime, do Helmet. Não sei se dá pra chamar de metal, mas com certeza é como o metal deveria ser.

Disco indie mais brasileiro?
De Mel, de Melão, do Portastatic. Banda do Mac McCaughan (Superchunk), fundador da Merge Records, gravadora que dispensa comentários. Nesse EP tem versões cantadas em português de clássicos brasileiros como "Baby", do Caê. Ou o vinil do Hurtmold que tô esperando até hoje.

Disco indie mais "jovem empresário da noite bem-sucedido"?
A Grand Don't Come for Free, The Streets. O nome do disco já diz tudo. Gosto também do *Good News For People Who Love Bad News*, do Modest Mouse.



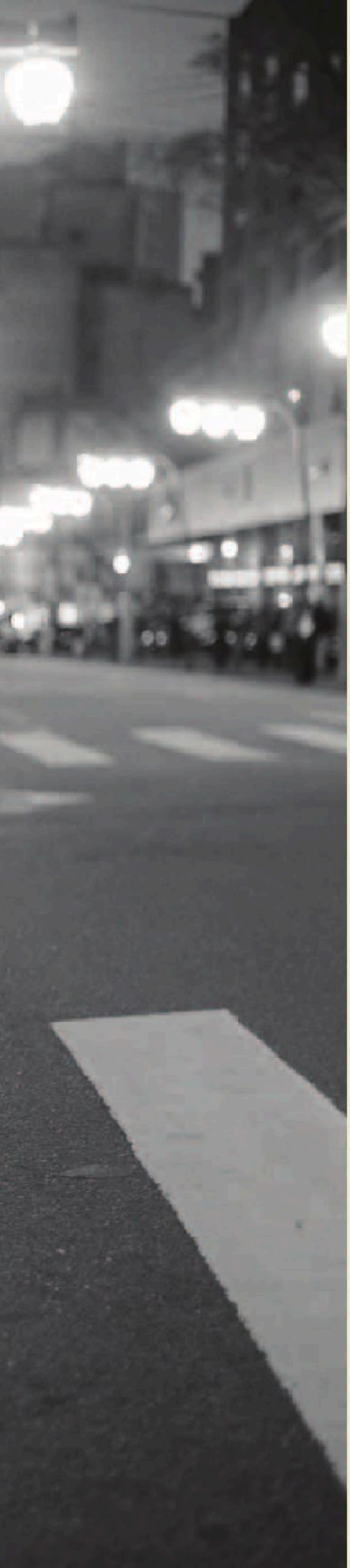
Disco indie mais cabeça?
How Memory Works, do Joan of Arc. Se a cabeça for cabeçuda, qualquer disco do Joan of Arc.

Disco indie mais punk?
While You Were Out, Soul Asylum. Anos 80, punk, Minneapolis, da mesma cena do Hüsker Dü. Se quer algo mais atual, tem *Lemonheads*, de 2008, do Lemonheads, o melhor disco de indie-punk feito.

Seu disco indie mais indie?
The Soft Bulletin, The Flaming Lips. Raridade em vinil, clássico.

Disco indie mais de motoqueiro?
Songs for the Deaf, do Queens of the Stone Age. Bem mais legal que Billy Idol. Pode ser também o *Peace, Love & Death Metal*, do Eagles of Death Metal.

Disco indie que eu compraria na época em que o Milo era uma loja?
Moon and Antarctica, do Modest Mouse.



FREAK SHOW

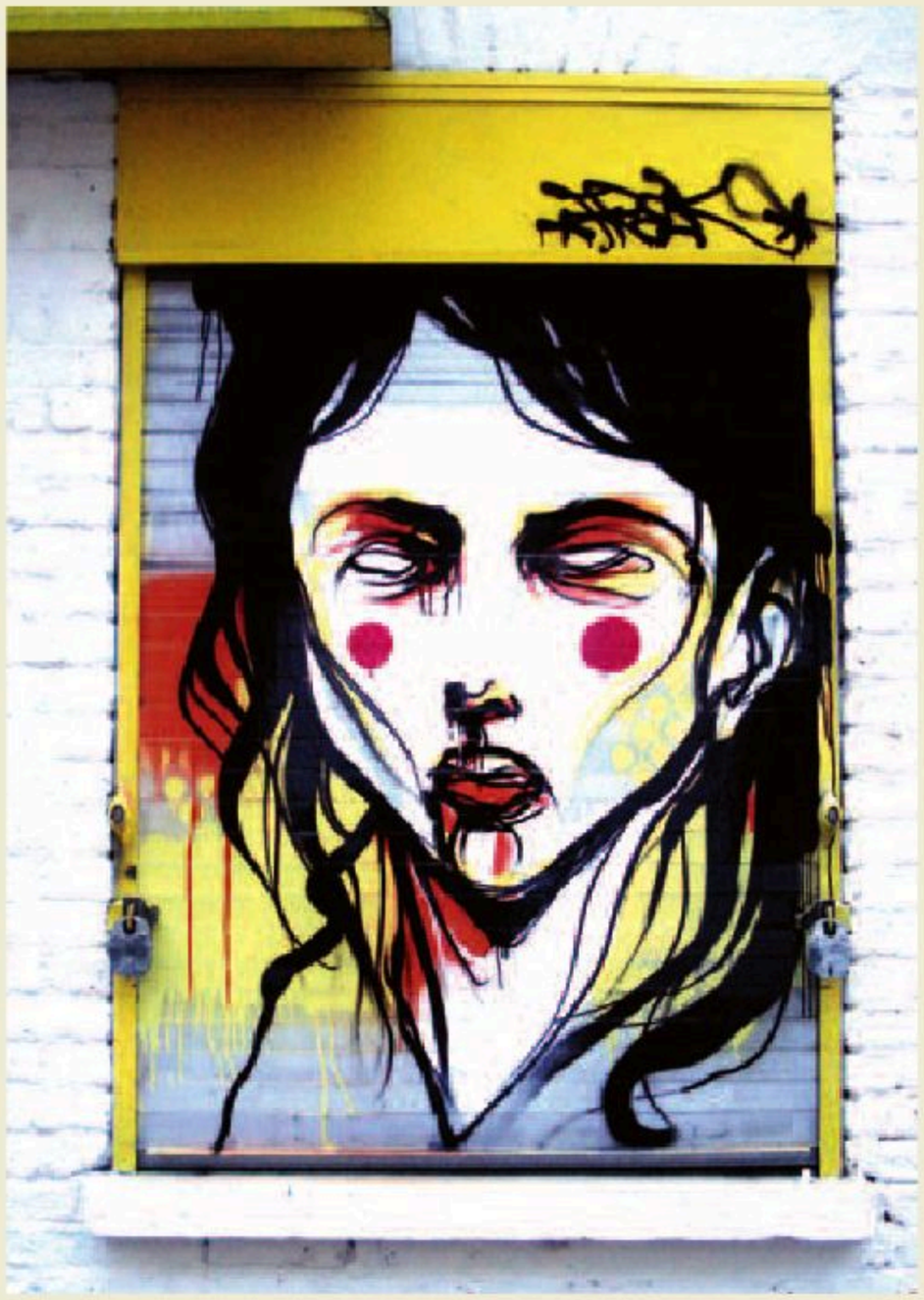
Entrevista com Titi Freak

Por Tiago Moraes
Retratos por Alexandre Vianna . Imagens acervo do artista

Hamilton Yokota, aka **Titi Freak**, ***definitivamente faz parte do time da elite do graffiti brasileiro, ainda que ele mesmo não se considere de fato um grafiteiro. Seja em artes espalhadas pelos muros da cidade, seja em exposições no Brasil e ao redor do mundo ou mesmo em campanhas publicitárias de grandes marcas, é bem difícil você ainda não ter esbarrado com o traço dele por aí. Aos 34 anos, desenhando profissionalmente desde os 13, ele ainda se considera novato. Encontramos o artista na Liberdade, em São Paulo, onde mora com a mulher Yumi e com o filho recém-nascido Jin. Sentamos no Kintaro, um pequeno e simpático boteco onde Titi, se sentindo em casa, foi logo pedindo uma cerveja gelada e acendendo um cigarro antes de iniciarmos nossa conversa.***

Vendo o seu trabalho hoje, é quase inacreditável pensar que sua maior escola no desenho tenha sido o estúdio Maurício de Souza. Quando e como você foi parar lá?

Eu tinha uns 13 anos e ficava sempre desenhando em casa. Um dia a minha mãe me incentivou a mandar um desenho pro Maurício de Souza, coisa de mãe, saca?, pra ver o que ele achava, qual a opinião dele sobre o meu desenho. Uma semana depois chegou em casa uma carta, de próprio punho do Maurício, querendo me conhecer, me convidando para uma visita ao estúdio dele. Quando fui conhecê-lo, comecei a pirar e fiquei louco de ver tudo aquilo. Acho que ele percebeu minha reação e perguntou se eu não queria ficar, passar um tempo lá... Como eu estava de férias na escola, topei na hora! No ano seguinte mudei a escola para a noite e passei a ficar o dia inteiro lá, conversando com os desenhistas, aprendendo... Com 15 anos fui registrado, ainda como estagiário, mas já desenhava várias coisas pro Estadinho, para a seção de cartas. Fiquei sete anos trabalhando com ele, passei todo o final da minha infância e adolescência desenhando. Foi uma puta escola para mim, ainda mais naquela época que quase não tinha computador, internet, era uma pegada bem diferente.



E o que você mais desenhava lá?
Chegou a fazer os personagens da Turma da Mônica?

Fiz tudo! Até um pouco mais tarde, quando eu já tinha uns 18 anos, eu e um outro desenhista chegamos até a modificar a Tina, deixamos ela mais sensual, com um corpão mais legal (risos). Em várias páginas que desenhava a Turma da Mônica, eu usava o verso do papel para desenhar outras coisas, uns desenhos meus de super-heróis. O Maurício começou a ficar puto comigo porque ele via que eu estava querendo ir para outro caminho e já estava fazendo vários frilas para a Disney, Abril, fazia Zé Carioca, peguei também umas coisas de super-herói na [escola] Fábrica de Quadrinhos, quando eles ainda estavam começando, mas foi bem pouco porque foi nessa mesma época que eu comecei a me interessar pelo graffiti...

E como foi esse processo de libertação
daquele estilo mais Maurício de Souza?

Foi meio do "lifestyle": eu já estava saindo numas baladas, ia direto à Galeria do Rock, estava saindo com uma galera diferente, e isso começou a mudar minhas idéias. Comecei a fazer uns flyers de balada, pro antigo 360 - eu sabia que ali tinha uma galera que ia ver meu trampo. Fiz capa de CD do Skamoondongos, dos Inocentes, fui conhecendo um monte de gente.

E o graffiti, como foi seu primeiro contato?

Foi em meados de 1995 que comecei a buscar informação sobre isso. Conheci o John "Da Casa", que era de uma facção (grupo de pichadores). Ele me mostrou o trabalho da galera da pichação etc. Ao mesmo tempo, também tinha OSGEMEOS, que moravam perto de casa, vendiam umas revistas, uns bicos, uns caps etc. Eu já tinha feito uns trampos na rua, mas não conseguia usar o spray direito. Não tinha todas essa opções de bicos e tal.

Você citou OSGEMEOS em entrevistas passadas como forte **influência e motivação para entrar no universo do graffiti,** em meados de 95/96. Como você conheceu o trabalho **deles e como o estilo deles influenciou o seu?**

Eu tinha uma bagagem de quadrinhos, mas não conhecia muito o grafismo, a estética do graffiti. Quando conheci essa galera, tive contato com um background diferente, proporções diferentes, a composição do desenho junto com as letras. Pude ver a técnica que os caras usavam, como usavam o spray. E assim criei o traço que eu tenho hoje.

"Nos últimos trabalhos tenho conseguido mesclar detalhes mais bem acabados com outros que têm mais cara de sketch mesmo, tenho pensado mais na composição de cor... E isso veio muito dos quadrinhos, essa história do traço, de desenhar anatomia."

Quando Hamilton Yokota se transformou em Titi Freak?

Titi foi no estúdio Maurício de Souza. Um ano depois que entrei, eles colocaram esse apelido, eu era bem pivete. Quando comecei a fazer frilas o pessoal já me apresentava como Titi. E depois, no graffiti, veio o Freak. Rolava naquela época muito de fazer roupa, o Flip fazia, OSGEMEOS também, e eu fiz a Freak Art, com uns desenhos meus ainda bem de quadrinhos. Daí adotei os dois apelidos.

E a transição dos muros para as telas
e outros suportes, foi mais fácil?

Foi conseqüência dos trabalhos que começaram a rolar, em campanhas publicitárias, roupas etc. Com a Choque Cultural começou a rolar essa mentalidade de fazer exposição. Nunca imaginei que iria viver de meu trabalho autoral - achava que iria viver de arte, sim, mas da forma como trabalhava antes. Pintar veio em conseqüência da Choque. Antes eu havia feito a expo na Most e algumas coisas em baladas. Na Choque

I'M
OK

a coisa deu uma ampliada, porque já não era só uma loja e tinha esse foco na exposição. A exposição de 2005 na Choque foi uma coisa muito nova - ainda é algo muito novo. Agora já fiz exposições em vários países que nem imaginava. Rolou uma em 2004 na Sub Aquática, em Barcelona, e acabou vendendo tudo. Uma que eu pirei foi em Osaka, no Japão, porque lá você tem que alugar o espaço para a exposição e rolou o convite de uma galeria, e eu já estava a fim de ir pra lá. Foi diferente porque lá ainda não tem essa cultura de consumir arte... lá tem outro tipo de consumo mais ligado a *customs*, *live painting* etc. A última de Nova York ("Vida Apaixonada", na galeria Jonathan LeVine) e a de Londres ("Plural", na galeria Ocontemporary) realmente marcaram, tanto pelo trabalho que fiz como pela forma que mostrei os trabalhos. O pessoal começou a falar mais sobre meu trabalho, a querer discutir, e aí comecei a me sentir mesmo artista e percebi que deveria focar mais nesse tipo de trabalho.

No Brasil você foi um dos primeiros grafiteiros a saber explorar bem a questão comercial, a associar seu trabalho com diversas marcas/empresas. Como essas oportunidades foram surgindo?
Eu ia atrás. Sempre tive essa pegada de ir aos lugares mostrar o meu trabalho, como fiz na MTV, na revista *Simples*, na revista *CemporcentoSKATE*. Eu dava idéias do que poderíamos fazer, criar e acabaram aparecendo uns projetos maiores, como o da Ellus - rolou de pintar dez outdoors na cidade, apareceu nos jornais.

Teve ainda o projeto com a Converse, de que participaram o Whip e o Binho também. Era um lance de saber se colocar. Eu que me agencio, vou ao cliente, faço contato com as galerias. Toma um tempo, mas fico mais tranqüilo com isso, as coisas ficam mais claras também.

Você tem um estilo de traço bem peculiar e pessoal, com traços soltos e orgânicos...
Cara, acho que tá ficando cada vez mais solto. Agora tenho um controle maior da expressão do traço mais parecido com o de caneta, de pincel - aquela linguagem mais de sketch -, tenho maior controle com o spray. Nos últimos trabalhos tenho conseguido mesclar detalhes mais bem acabados com outros que têm mais cara de sketch mesmo, tenho pensado mais na composição de cor... E isso veio muito dos quadrinhos, essa história do traço, de desenhar anatomia. Depois que você domina bem a técnica, a estrutura do desenho, fica mais fácil distorcer as coisas, colocar a sua identidade ali.

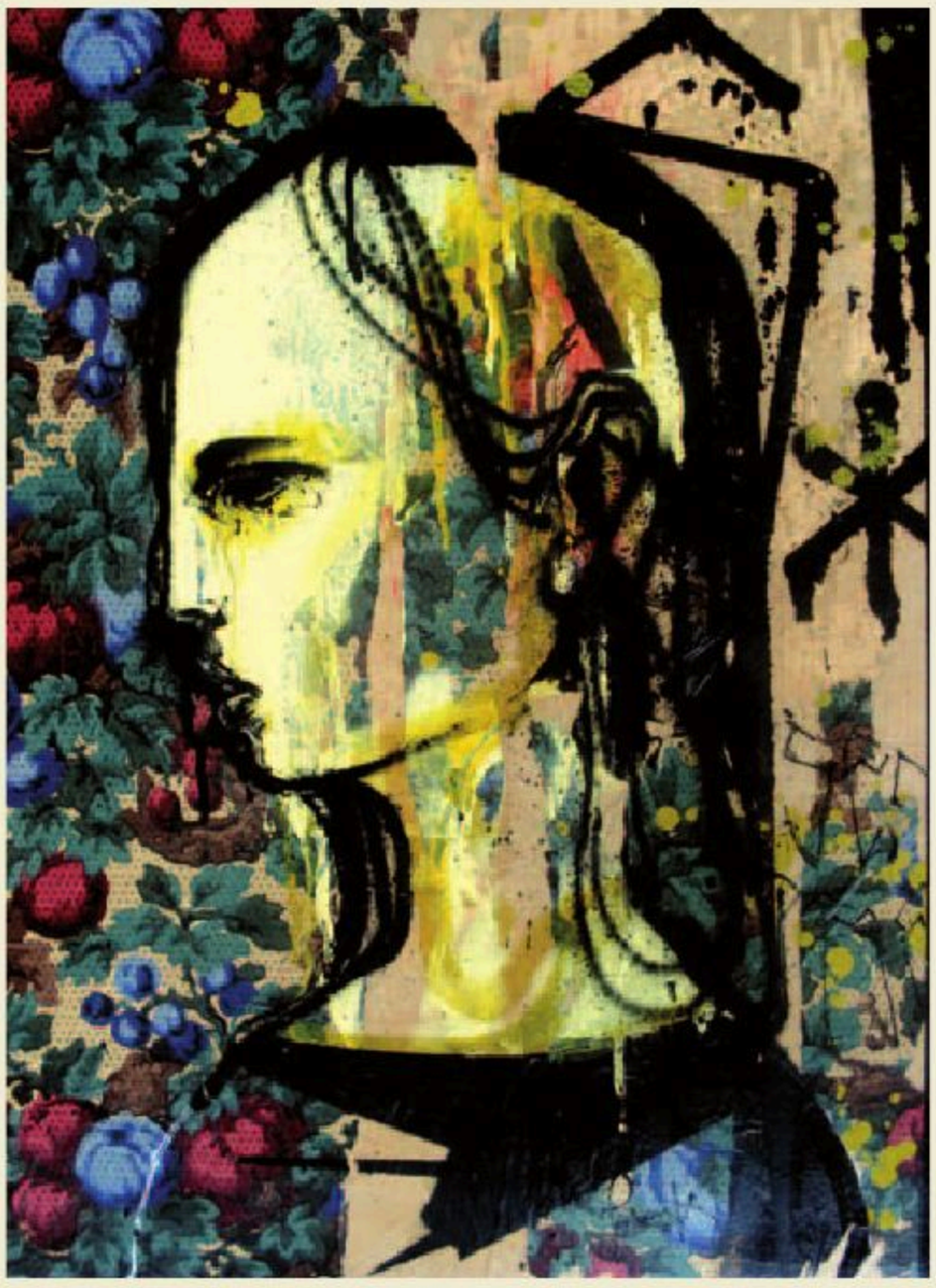
Fale um pouco das suas influências.
No início era Frank Miller, John Byrne, Deodato (todos artistas de HQ), eu também pirava no Asterix. Depois comecei a curtir muito Laerte e Luis Gê. Mais tarde, já no universo do graffiti, eu pirei no trabalho d'OSGEMEOS e hoje curto muito o trabalho do Herbert Baglione, do Nunca... Acho muito legal o diálogo entre os trabalhos, o processo, não ir lá e querer fazer uma parada igual. E tenho muita influência também de situações como essa agora, de situações que eu vivo, conversas que ouço, essas coisas também me inspiram muito.

E qual sua relação com o street art?
Você se sente parte disso ou você não é tão ligado nisso?
Eu sempre quero expandir o meu trabalho, cada vez mais, assim como foi desde o início. Por isso que não gosto de afirmar que sou tal coisa ou não sou, entende? São fases da vida, que é um processo de aprendizado, de conhecimento. E não posso dizer que sou só um grafiteiro ou um ilustrador. Me sinto mais como um artista mesmo, que ilustra, pinta e faz uns graffitis.

Hoje em dia, imagino que a demanda para produção de telas **e exposições vem crescendo bastante, ainda mais com a grande aceitação que seu trabalho tem conquistado no exterior.**
Você ainda arruma tempo para pintar na rua?

Eu tô focado no meu trabalho autoral para exposições, galerias. Mas quero achar um caminho mais saudável para meu trabalho, para que não fique só em galerias também. Meu trabalho autoral virou minha principal ocupação e tô me aprimorando em várias outras coisas, entendendo mais como funciona todo esse meio, pensando mais em como colocar as telas no espaço de uma galeria, pensando mais sobre ilustração, aprimorando o meu traço, estudando. O lance que eu fiz no Instituto Tomie Ohtake (em São Paulo), por exemplo, foi como uma grande instalação e me deu muito prazer, me senti muito à vontade... Eu tenho pirado nesse processo, nessa coisa de pensar mais o espaço.

Falando um pouco de materiais, dá para notar, mesmo em suas telas, a preferência pelo uso de tinta spray **e marcadores. Você tem vontade de experimentar outras** superfícies e técnicas? Pensa também em levar seu trabalho **para novos caminhos, como esculturas e instalações?**
Até penso. Vai acabar rolando. Não consigo ficar muito tempo em um estilo, em uma só técnica. Meu trabalho tá sempre mudando. Ano que vem vou para o Japão e minha idéia é ficar lá estudando, fazer uns trabalhos mais minuciosos... Andei também fazendo umas peças em madeira, entalhando umas portas com estilete e faca. Eu juntei a coisa da rua - o lance do graffiti, do spray, de ter um suporte - a ilustração mesmo. Queira sim, queira não, tá tudo voltando no meu trabalho. Fazer instalação também é muito legal, porque é um espaço que pede experimentação.



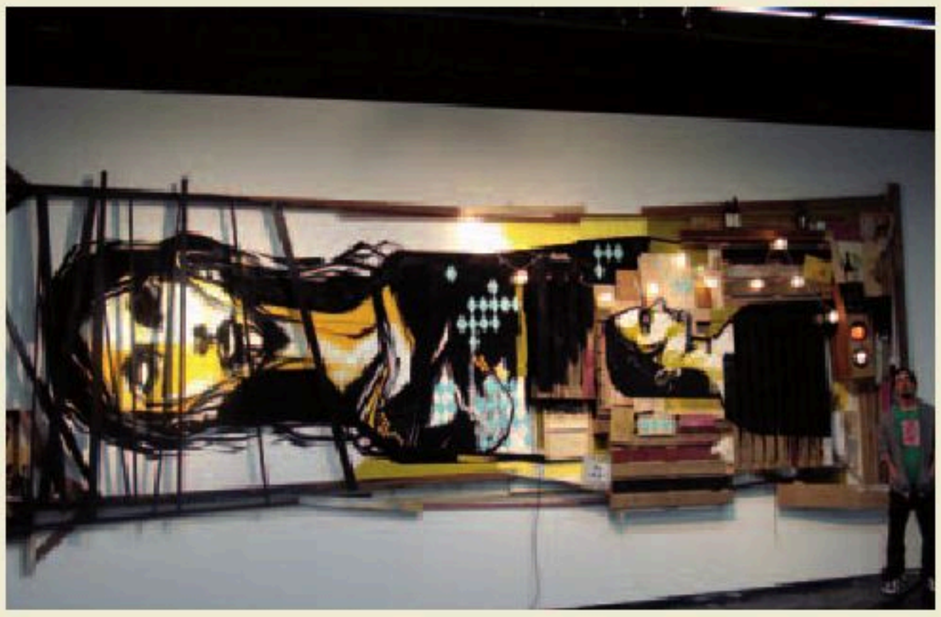
Só o quadro na parede não é uma coisa que me deixa tranqüilo, sinto necessidade de fazer um complemento, todo um ambiente que tenha a ver com o trabalho.

E nessa sua última exposição em Londres, como foi a montagem?
Rolaram uns problemas porque a galeria era novinha (trata-se da OContemporary em Londres, e a primeira exposição do espaço foi uma individual de Titi) e, quando falei que ia colocar papel de parede, a dona ficou meio preocupada, pensou: "Putz, minha galeria novinha e esse cara vai quebrar tudo" (risos). Mas no final do segundo tempo ela falou: "Vai, Titi, pode fazer o que você quiser" (risos).

"Comecei a querer viver com meu trabalho artístico aos 13 anos, e agora estou com 34. E é agora que estou começando minha vida de artista autoral, sou um novato. Foi todo um aprendizado, muito trabalho. Não é uma parada fácil. Viajar para fazer exposição não é curtição, é trabalho.

Existe algum tema recorrente no seu trabalho?
Alguma questão ou temática que acaba aparecendo?
Quando comecei a fazer as coisas nas ruas, tratava sempre de pessoas, da relação entre elas, dos sentimentos, sempre caiu nessa área. E focado nos rostos, expressões, sempre com os olhos em branco... Porque quando você coloca um olhar já passa alguma coisa, algum sentimento. Então, quando pinto as pessoas sem os olhos, é um jeito de olhar para o que está dentro dela, seus sentimentos. Tenho percebido agora que nas últimas exposições já estou inserindo mais ambientes, expressões corporais. Agora é mais uma cena do que um retrato. Tô estudando outros grafismos, experimentando novos traços e formatos. Eu nunca chego com uma idéia fixa, pronta, é sempre um processo, uma transformação, vai mudando no decorrer da pintura. Tem muito a ver com meu humor no momento, a situação, principalmente quanto estou pintando na rua.

A maioria das pessoas tem uma visão um tanto glamorosa da vida de artista, principalmente dos que alcançam status e reconhecimento. Fale um pouco da sua caminhada até agora e do seu dia-a-dia.
Teve todo um processo. Comecei a querer viver com meu trabalho artístico aos 13 anos, e agora estou com 34. E é agora que estou



começando minha vida de artista autoral, sou um novato.
Foi todo um aprendizado, muito trabalho. Não é uma parada fácil. Viajar para fazer exposição não é curtição, é trabalho. Eu chego no lugar, vejo o espaço, pinto, monto a exposição, rola a abertura e eu vou embora, sabe? E já vem outro trabalho na seqüência. Em uma montagem, gasto uma semana trabalhando o dia inteiro e uns três ou quatro meses antes pra preparar as coisas para a exposição.

Faz pouco tempo, seu primeiro filho, Jin, nasceu.
Como está sendo esse momento para você?
Cara, é muito maluco. Na época em que minha esposa estava grávida já era foda, porque eu ficava pensando no que rolava com ela. Eu tô aqui e tô pensando no meu filho. Aprendi pra caramba com isso, a ter paciência, acordar de três em três horas, saber lidar com o tempo dele. É um lance muito especial, tô muito bobão. Não quero ficar nessa coisa de mimar, mas é difícil (risos). Quando ele nasceu, peguei o menino no colo e chorei pra caramba. Ele chorando e eu também (risos). É muita emoção, você ver o moleque mudando a cada dia. Eu tinha uma exposição marcada para o fim do ano, mas nem vai rolar mais, cancelei... Quero ficar com meu filho e curtir essa fase. Ficar mais em casa mesmo, estudando na prancheta, fazendo ilustração e sketches para depois aplicar tudo isso.

E essa atual supervalorização dos artistas urbanos? Não que ache errado, pelo contrário, acho mais do que merecido. Mas não é estranho pensar que suas obras podem acabar na mão de colecionadores e investidores engravatados, mais interessados na **valorização do trabalho e no retorno financeiro futuro, enquanto** tem um monte de jovens que piram no seu trabalho e adorariam **ter uma tela sua, mas não têm condições de pagar por elas?**
Nas últimas exposições, tenho feito coisas menores até por causa disso, porque eu mesmo não tenho muito controle do valor final das minhas telas na galeria. No começo eu pensava num preço e o galerista avaliava em até três vezes mais. Mas acabei entendendo que é assim que funciona esse negócio das galerias. Meu trabalho deu uma crescida, tem valorizado muito, então tenho feito uns trabalhos menores, umas gravuras, para que esse pessoal possa ter alguma coisa minha. É por isso também que tenho curtido fazer instalações, porque elas não entram no esquema do business, entendeu? Ninguém vai comprar uma instalação.

Na sua última exposição em Nova York, a Christina Aguilera fechou a galeria só para ela, comprou uns trabalhos e isso acabou virando notícia. E o engraçado é que no seu blog você escreveu algo como " uma playboyzinha de Hollywood comprou dois trabalhos meus" (risos).
Ela comprou dois trabalhos. Pro meu trabalho é bom. Talvez não seja para o que eu penso disso. Mas outras pessoas vão ver isso, então é bom pro meu trabalho. Para mim não faz diferença vender para ela, fazer um trabalho na rua ou vender para qualquer outra pessoa.

Você comentou que está no meio do processo de produção do seu primeiro livro. Fale um pouco desse projeto.
Faz um tempo que queria fazer esse livro. Só agora que tô juntando tudo, e irei lançar no fim deste ano. É um apanhado do meu trabalho, que vem desde a época dos quadrinhos, quando saí da Maurício de Souza para fazer minhas coisas, até os dias de hoje. Vai ser meio que uma biografia visual, vai dar pra perceber de uma forma bem legal a evolução do meu traço. A Choque está dando um apoio para o projeto, mas é uma coisa bem underground, um amigo meu está dando uma força, e a idéia é colocar para vender em galerias e em algumas livrarias aqui no Brasil e lá fora.

» Saiba Mais
www.tfreak.com
www.titifreak.blogspot.com

Leia trechos exclusivos da entrevista e uma galeria virtual em www.maissoma.com

Por Arthur Dantas e Lauro Mesquita
Fotos Fernando Martins
Tradução Mateus Potumati e Lauro Mesquita

BILL CALLAHAN

Uma das cenas mais importantes da década de 1990 nos Estados Unidos foi a dos singers-songwriters. Nos últimos dez anos, os compositores do gênero nos EUA ampliaram o sentido da palavra (literalmente, "cantores-compositores"), não só retomando uma tradição tão cara à cultura americana, mas inserindo elementos como gravações caseiras (lo-fi), influências do R&B e do pop de massa e, principalmente, tratando de temas atuais. Nomes como Will Oldham, Kurt Wagner, Elliott Smith e Vic Chesnutt, entre outros, são cruciais nessa retomada. Da mesma forma, a visita de Bill Callahan ao Brasil foi crucial para que nós entendêssemos melhor esse período.

O papo da +Soma com o músico rolou na tarde do dia 10 de setembro, quando Callahan apresentou seu show em São Paulo acompanhado pelo baterista Luiz Martinez (que toca na banda texana Horse + Donkey). A impressão que o artista passou durante a entrevista é que sua comunicação com o público se dá quase exclusivamente pela música; suas respostas são rápidas, muitas vezes vagas, como se tudo em sua vida acontecesse meio que ao sabor do acaso. Sobre as mudanças de nome, por exemplo - Callahan já se apresentou como Smog e (Smog) antes de adotar o nome de batismo - ele diz: "comecei a usá-lo em 1990, e depois de dez anos ele deixou de ter sentido". "Não acho que esse nome tenha significado alguma coisa um dia. Ele nunca acrescentou nada à música, para mim, tipo 'ah, este é o nome perfeito'. Eu simplesmente escolhi e fiquei com ele. Aí eu me cansei e comecei a me livrar dele." Ao terminar as gravações do álbum *A River Ain't Too Much to Love* (último disco assinado com o nome de Smog, lançado em 2005), o artista já queria assinar como Bill Callahan, mas a mudança foi deixada para o disco seguinte, a pedido da gravadora Drag City. "Neste último disco eu não dei tanta chance de escolha a eles, porque disse antes 'o nome do disco será este'", ele brinca. ▸▸

“QUANDO VOCÊ ESCREVE ALGO, É PROVÁVEL QUE AQUILO JÁ ESTEJA NA BÍBLIA. ENTÃO, ACHO QUE É FRUTO DE UM SENTIMENTO INCONSCIENTE, PORQUE [A BÍBLIA] É COMO UM DICIONÁRIO: É DIFÍCIL NÃO CRUZAR O CAMINHO DELA DE VEZ EM QUANDO.”

Antes de viver apenas de sua música, Bill Callahan foi jardineiro, pintor de paredes e tomou conta de uma mulher deficiente. Sua opção pela música, segundo declarou reiteradas vezes, surgiu porque não lhe agradava a idéia de trabalhar para outras pessoas ou ficar enfurnado em um escritório. Além disso, diz, “o maior estímulo nessa ‘profissão’ é a liberdade que a música proporciona”. Liberdade é uma idéia que ganha contornos variados e é expressa de diversas maneiras em sua obra.

Apontar o contexto de onde surgiu o músico Callahan é oportuno. Na virada deste século, surgiu uma nomenclatura que abraçou - muitas vezes sem consentimento - todos os singers-songwriters ao redor do mundo: neofolk. E não foram poucos que tentaram empurrar Callahan para dentro desse balaio. “Eu faço isso há dezoito anos, e a cada ano eles inventam um nome novo para o que eu e outras pessoas fazemos.”

“É só um rótulo. Era post-rock dez anos atrás, depois anti-folk... Mudam isso a cada dois anos, então não dá pra levar a sério”, diz Bill Callahan, num dos raros momentos em que dá risada.

A declaração faz bastante sentido, uma vez que o músico, desde seu primeiro lançamento (a fita cassete *Macramé Gunplay*, de 1988), não busca somente a inserção em uma tradição; sua intenção é mais a de um esteta que, combinando elementos diversos e por vezes supostamente antagônicos, almeja a singularidade, em um resultado novo e vigoroso. E é assim que, em um primeiro momento, buscou conciliar o barulho em estado bruto com uma tradição marcada por formas mais tradicionais - de blues e rock e, mais recentemente, parece se agarrar à idéia de, através de melodias e arranjos minimalistas, alcançar expedientes mais grandiloqüentes.

Suas letras freqüentemente dão vazão a ponderações de pendores existencialistas, filtrando o mundo através de experiências muito particulares. O caráter literário de suas letras é evidente, o que nos leva a perguntar se a literatura influencia suas letras mais do que a música. “A primeira coisa que eu faço é escrever as letras, sem nenhum tipo de música. Isso me faz pensar que sou mais interessado na escrita, em prosa, ficção ou algo do gênero. Eu provavelmente sou mais influenciado por literatura, mas, no final, componho canções, por isso é algo difícil de te dizer.” Na seqüência, reflete: “Eu leio muito, mas não acho que isso influencie consideravelmente meu trabalho”.

“Acho que encontrei minha voz no jeito que escrevo - talvez esteja roubando alguém sem saber, também.” Atualmente, inclusive, Callahan escreve um poema épico que deve ser publicado em meados de 2009. “Comecei faz uns três anos. É em forma de cartas, um homem escrevendo para sua mulher e os dois falando sobre a vida, o amor...”
Em mais de vinte anos de carreira, o músico se acostumou ao trabalho solitário. Porém, quando necessário, soube escolher bem seus parceiros: Jim O’Rourke (Sonic Youth, Gastr Del Sol), John McEntire (Tortoise), Cat Power, Joanna Newsom. Em seu álbum mais recente, o belíssimo *Woke on a Whaleheart* (“Acordei no coração de uma baleia”), lançado na América do Sul pelo selo argentino Ultrapop, contou com a participação de Neil Hagerty, guitarrista e produtor, integrante de grupos como Pussy Galore e Royal Trux. “Perguntei se ele (Hagerty) poderia fazer os arranjos com rapidez, porque é algo que eu tenho dificuldade de fazer sozinho. Acho que fazer música boa de verdade não é o meu forte. Ele é um grande músico e tem influências bem rock. Achei que dava pra tirar alguma vantagem daquilo. E o tipo de música com que ele trabalha é bastante rítmica. Acho que ele levou sete ou oito dias para arranjar e gravar o disco todo. Comecei a trabalhar uns dois meses antes de mostrar as músicas pra ele, ele compôs algumas coisas e daí nós nos encontramos e fizemos o álbum.”

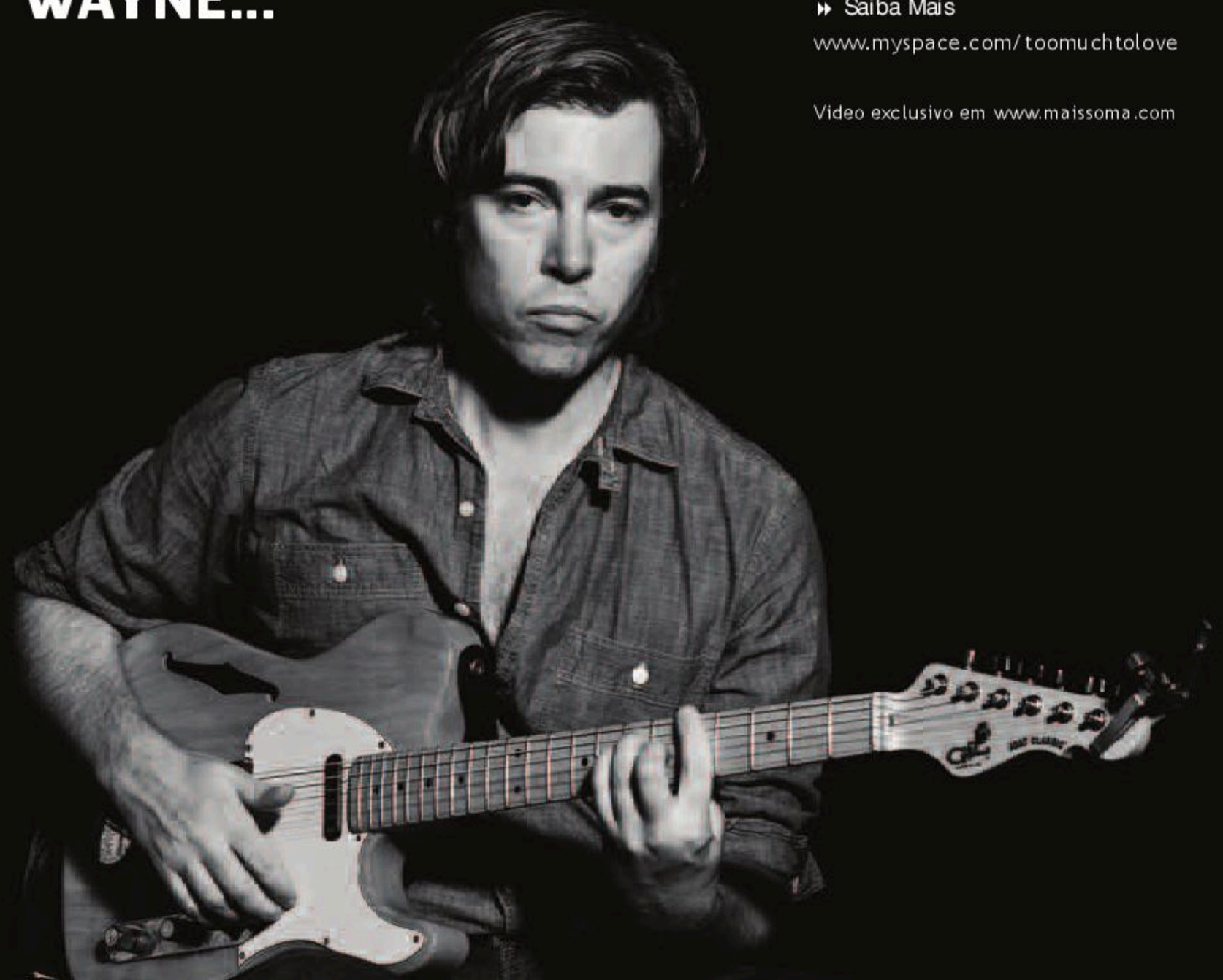
Uma característica muito forte de seu trabalho são as referências bíblicas, presentes no disco novo em canções como “The Wheel”, “Day” e “Footprint”. Isso leva a perguntar se ele enxerga influências religiosas em sua música. Bill é enfático sobre o assunto:
“Não. Acho que [a religião] é algo do qual as pessoas deviam passar longe e parar de praticar. Já fizeram muita referência à Bíblia, eu tento não fazer nenhuma, porque é muito comum. Mas [a Bíblia] é um livro grande, com um monte de histórias... Quando você escreve algo, é provável que aquilo já esteja na Bíblia. Então, acho que é fruto de um sentimento inconsciente, porque [a Bíblia] é como um dicionário: é difícil não cruzar o caminho dela de vez em quando”.

O músico mantém alguns traços permanentes em sua carreira. Inicialmente, produziu gravações caseiras em quatro canais, explorando em seus arranjos e elementos desde o white noise até canções mínimas. Nos últimos dez anos, seu trabalho se tornou mais orgânico, soando mais como uma banda tocando ao vivo, além das evidentes influências de música negra americana.

Além disso, o músico já usou corais infantis e arranjos orquestrais em seus discos. “Quando eu comecei, não queria fazer shows. Queria apenas fazer discos e músicas que não poderia recriar ao vivo, mesmo se tentasse. Mas aí comecei a querer fazer shows e a me interessar mais em fazer bons discos, com boas canções para que as pessoas ouvissem, sem nenhum barulho esquisito ou algo assim. Meus objetivos simplesmente mudaram.”

Callahan hoje tem maior interesse na música negra de seu país do que na música feita pelos brancos. “Sim, eu acho que [a música negra] é mais interessante do que a música branca americana. Eu gosto muito de R. Kelly, Lil’ Wayne... Acho que o hip-hop já não é tão inventivo como costumava ser, mas sempre os discos trazem alguma música, alguma coisa nas letras que te animam, chamam a atenção.”

“SIM, EU ACHO QUE [A MÚSICA NEGRA] É MAIS INTERESSANTE DO QUE A MÚSICA BRANCA AMERICANA. EU GOSTO MUITO DE R. KELLY, LIL’ WAYNE...”



Além do interesse nos cantores das paradas americanas, Callahan afirma escutar muito reggae e música cigana. “Não sou muito de procurar música - escuto o que chega até mim. Ouço muita coisa. Eu gosto do disco do Bill Fay (*The Time of the Last Persecution*), um inglês, só lançou dois discos (ambos no início dos anos 70). Depois ele se desiludiu com a indústria musical. Ainda está vivo, mas não gravou mais nada... Acho que os discos foram populares quando saíram, não sei por que ele desistiu.”

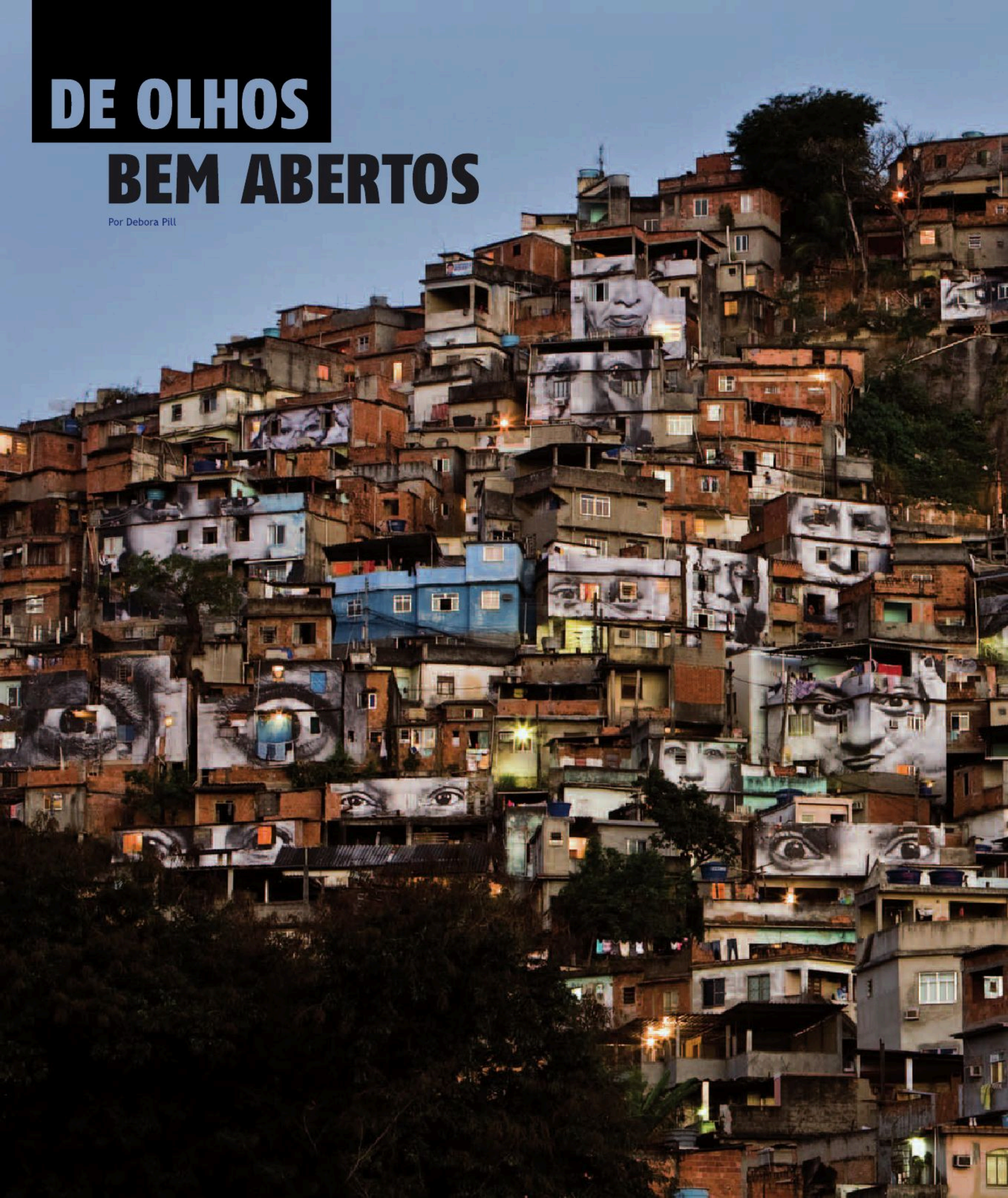
O músico, que já morou em mais de sete estados de seu país, passou os últimos anos em Chicago. Recentemente, trocou o frio do meio-oeste americano pelo sol de Austin, no Texas “Não queria voltar para nenhum lugar onde tinha morado. Ia parecer que estava andando pra trás. Toquei em Austin algumas vezes, e o povo lá é muito legal. Eu também queria viver em um lugar mais quente, e lá é bem barato pra morar, dá pra ter uma casa com uma garagem onde eu posso estacionar meu carro. Eu queria me mudar e aquele era o lugar pra ter tudo isso”, afirma. Se é lacônico e dá pouca chance de discutir suas motivações nas música, o desejo de Bill Callahan de sempre colocar a conversa no plano mais concreto possível (onde morar, que instrumento usar etc.) nos mostra o quanto sua música trata diretamente da sua vida e do que ela tem para oferecer aos ouvintes.

Saiba Mais
www.myspace.com/toomuchtolove

Video exclusivo em www.maissoma.com

DE OLHOS BEM ABERTOS

Por Debora Pill



Há dois meses, o morro da Providência foi tomado por olhos enormes. Arregalados, risonhos, desconfiados, esperançosos, tristes, inconformados, curiosos. Olhos que observavam o asfalto lá de cima, destacando-se nos rostos estampados na fachada de inúmeras casas por toda a favela. Olhos de mulheres, de idades e raças diferentes, todas da comunidade. A Providência se transformou em uma grande obra de arte. Orgânica, pulsante, livre. O morro ganhou vida. As imagens, parte de uma intervenção artística, fazem parte do **projeto 28 Milímetros: Mulheres**, criado pelo fotógrafo francês JR. Sua idéia é identificar mulheres que vivem em áreas de conflito e têm histórias de luta e superação, entrevistá-las, fotografá-las e colar seus rostos na própria comunidade. "O objetivo é voltar a atenção para essas mulheres guerreiras e suas histórias de luta, levar dignidade e apoio à sua atuação", resume o moço. Ele deu início ao projeto na África, em locais adversos como Quênia, Libéria, Serra Leoa e Sudão. Quando me disse que queria trazer o projeto para o Brasil, fiquei encantada. Ele falou sem perder muito tempo e, com aquela energia de quem sente, pensa e realiza, foi natural chegar à favela para sua realização. Não só por se tratar de uma área de conflito – o episódio trágico da morte dos três jovens envolvendo o tráfico e o Exército havia acabado de acontecer – mas também por ter o formato ideal para uma grande exposição a céu aberto, perfeita para o tipo de trabalho fotográfico realizado por JR. ▸▸

Artivista

"*Eu sou dono da maior galeria do mundo. Exponho de graça nas ruas e atraio a atenção de pessoas que não vão a museus. Meu trabalho mistura arte e ação, fala de compromisso, beleza, liberdade, identidade e limites. Sou um artivista*", define JR.

A mistura de arte e crítica social, tão presente em seu trabalho, já o levou a galerias respeitadas e também a boas enrascadas. Avesso à mídia, o fotógrafo não gosta de aparecer. Atrás de óculos escuros e chapéu, usa a abreviação de seu nome para se identificar - ou não.

Conheci JR em 2006, quando organizei o Red Bull BC One, campeonato internacional de dança de rua aqui em Sampa. Ele era um dos fotógrafos convidados para registrar o evento. Quando a gente se encontrou, ele me mostrou seu livro, *28 Milímetros: Retrato de uma Geração*, no qual registrou, com a poderosa lente que dá nome ao projeto, jovens da periferia de Paris, moças e rapazes vistos pela grande mídia - e pela sociedade - como monstros, delinqüentes, terroristas.

JR fotografou esses jovens fazendo caretas, incorporando o estereótipo tão fortemente difundido. O passo seguinte foi imprimir as fotos em papel de dimensões gigantes, como lambe-lambes, e colar os retratos nos bairros nobres de Paris, em locais inevitáveis aos olhos da elite local, como muros próximos a lojas de grife e cafés chiques. Tudo de forma ilegal.

No ano seguinte, JR deu início ao projeto Face2Face, quando foi ao Oriente Médio e fotografou palestinos e israelenses que exercem as mesmas profissões (taxistas, professores, atores) e invadiu os muros das duas cidades, colando os rostos dessas pessoas lado a lado.

Durante o tempo em que passou por lá, gostava de perguntar às pessoas na rua quem era o palestino e o israelense, e vice-versa. "*E muitas vezes elas erravam*", lembra. "*Isso porque as pessoas ali se parecem fisicamente e falam línguas parecidas, são como irmãos gêmeos que cresceram em famílias diferentes. E, por meio dos retratos, elas podem ver como são iguais*", explicou.

O auge da história foi colar o retrato de três lideranças religiosas no polêmico Muro da Segregação: um rabino, um imã (autoridade religiosa do islamismo) e um padre cristão. Mais uma vez, trabalho ilegal - o que levou JR a passar um tempinho na prisão local.

▸ *JR por Débora Pill*

JR e moradora do morro da Providência por Mauricio Hora

Brasil I(Legal)

Depois de um ano e meio, JR me ligou dizendo que, finalmente, havia reunido o investimento necessário para realizar o projeto no Brasil e perguntou se eu ainda estaria disposta a trabalhar com ele. Aceitei.

"*Então chego aí mês que vem*", disparou. E assim foi. Em julho, desembarcou no aeroporto do Galeão um moço magro, alto, de óculos. O JR que eu havia conhecido há um ano e meio não tinha mudado em nada. Na seqüência, chegaram mais cinco pessoas para completar o time: dois ingleses, uma alemã e dois franceses.

O passo seguinte foi encontrar a favela ideal para o projeto. Depois de algumas pesquisas e visitas, chegamos a ela. A Providência é a primeira favela do Rio de Janeiro e tem uma história muitas vezes esquecida. Nasceu nos tempos da Guerra de Canudos, no fim do século XIX, e os primeiros moradores foram os soldados sobreviventes das batalhas. O nome original da Providência é "morro da Favela", que remete a uma planta típica da região de Canudos, no sertão da Bahia.

A Providência ostenta, até hoje, o título de "favela mais perigosa da cidade". Não há nenhuma escola, centro cultural ou instituição de apoio à comunidade na Providência. É, sem dúvida, a favela mais excluída de todas. Havia também a história recente que deixou o morro inteiro de luto: o assassinato de três jovens inocentes em uma ação cruel que envolveu o Exército e o tráfico que controla o morro da Mineira. Wellington Gonzaga Costa, 19, Marcos Paulo da Silva, 17, e David Wilson Florêncio da Silva, 24, foram entregues a traficantes do morro da Mineira, controlada pela ADA (Amigos dos Amigos), facção rival do CV (Comando Vermelho), que domina a Providência. Os três foram mortos e seus corpos, jogados em um aterro sanitário.

Primeiros Contatos

Os passos seguintes foram visitar e se reunir com as lideranças locais. Foi assim que conhecemos Rosiete, nosso primeiro contato na comunidade e uma forte inspiração: "*Meu nome é Rosiete Marinho, tenho 45 anos. Nasci e me criei na primeira favela do Rio de Janeiro. Me orgulho de todos os passos que dei durante os longos anos desta favela e da minha vida*", se apresentou, com uma voz grave e enormes olhos negros. "*Sou apaixonada por isso aqui. Acho que a paixão é o que me leva a fazer coisas para levantar o moral e a estrutura desse lugar e dar condições às pessoas que necessitam*", contou ela.

A maioria das pessoas vai direto à sua porta. E isso é de família: "*Ajudar alguém sem olhar a quem*", dizia sua avó. E assim foi durante o período em que estivemos por lá, com a casa da Rosiete sempre movimentada, gente entrando e saindo. Pessoas em busca de conselho, de alguém pra chorar no ombro.

Morro da Providência, imagem do projeto 28 Milímetros: Mulheres

Geralmente sua porta fica aberta, sem tranca, acessível a qualquer um. "*Tenho endereço pra dar, tenho alguém pra falar. Já aconteceu muito de socorrer alguém, de levar para atendimento médico, hospital. Já cansei de amanhecer o dia no pronto-socorro, aguardando os parentes pra entregar criança ou idoso*", lembra Rosiete. "*Minha casa é conhecida como a Casa das Viúvas*", diz. "*Minha mãe é viúva, eu sou viúva, minha filha de 26 anos é viúva. Todos morreram por causa da violência na favela.*"

Foi Rosiete quem levou o fotógrafo Maurício Hora, também nascido e criado na Providência, ao nosso encontro. Era essa figura de olhar doce e fala tranqüila que se tornaria nosso grande parceiro no projeto. Mau é daquelas pessoas que fazem de tudo para ajudar a todos. Em cada esquina, alguém pára para contar sua história, pedir ajuda, conselho. Ele e JR se entenderam de cara, mesmo com a barreira imposta pela língua. O amor por pessoas e pela arte se encarregou de efetivar o entendimento entre eles.

Diálogo "Autorizado"

Mau foi o nosso contato direto com os moradores da Providência. Nos reunimos com as lideranças, explicamos o projeto, seu objetivo e reforçamos o fato de que todo o processo da intervenção artística seria documentado em vídeo e foto. Foi ele também quem ajudou a buscar autorização para o trabalho junto ao tráfico local. A condição: não registrar integrantes do tráfico nem pontos-de-venda. Negócio fechado, seguimos em frente.

Demos início, então, à primeira fase **identificar as casas com fachadas de maior destaque, que iriam receber a colagem dos retratos. Fomos de porta em porta apresentando o projeto, conversando com os moradores responsáveis por essas fachadas para explicar o trabalho.** Tenho orgulho de dizer que, das cerca de trinta casas visitadas, somente uma não autorizou o trabalho. Em todas as outras, independentemente da idade, raça, profissão ou religião do morador, todos apoiaram o projeto. E, quando falo em apoio, falo de atenção e carinho verdadeiros. Apesar de suas condições - ou da falta delas - não faltou água, comida, café e bolo para a equipe. Já estávamos tão integrados à comunidade que almoçávamos em mesas colocadas na rua, ao ar livre, em frente à casa de Rosiete, e nos deliciávamos com sua comida caprichosamente caseira.

O passo seguinte foi medir as casas e identificar aquelas em que teríamos maior dificuldade para aplicar as fotos - no caso, a maioria. As casas não possuíam condições para aplicação direta com escada, seja pela falta de espaço entre as construções, para o posicionamento na base, ou pela altura que extrapolava seu alcance.

Então, buscamos o auxílio de um grupo de cinco alpinistas para a aplicação nas casas com essas condições. O trabalho com os alpinistas

Retrato, Mulher de 45 anos . *Projeto 28 Milimetros: Mulheres*

fluiu bem, apesar do ritmo muitas vezes mais demorado do que esperávamos e de eventuais choques elétricos em alguns, graças à rede elétrica desordenada e improvisada.

Agora é Que São Elas

Demos início ao registro fotográfico e às entrevistas com as mulheres: num sábado de sol, cerca de trinta pessoas se reuniram na laje em frente à casa de Rosiete para nos contar a história de suas vidas.

A estréia ficou por conta de Doralice, 67 anos. "*Eu bebia muito, sabe? Fiquei paralítica por dois anos, numa cadeira de rodas*", revelou, quase por acaso, no finalzinho da entrevista. "*No dia que minha mãe foi enterrada, me levantei da cadeira de rodas. E hoje tô aqui: ando, danço, sambo, canto. Só não consegui abrir minha mão ainda*", disse, mostrando as duas mãos fechadas, como se agarrassem alguma coisa. "*Mas na fé de Deus eu vou conseguir. Já consegui me levantar da cadeira de rodas, não é? Tudo o que desejo na vida é minha saúde*", concluiu, emocionada. Doralice pediu então desculpas por ter chorado, achando que tinha estragado a entrevista.

Limpei as lágrimas do meu rosto e ajeitei a cadeira para a próxima. Ao fundo, um funk carioca saía da jukebox velha. A mesma música já havia tocado antes pelo menos umas dez vezes. Devia ser o hit do momento na Providência: *... vou te beijar, e te fazer sonhar...*, sussurrava a voz sexy da MC.

A entrevistada seguinte foi Dona Laci, uma senhora de cabelos curtos e bem brancos, jeitão de "nona". Memória afiada, um poço de his-

tórias para contar. "*Me lembro do tempo da Segunda Guerra, quando os soldados chegaram, uns riam, outros choravam... O pessoal trazendo cigarro, chocolate. Uns riam porque a família vinha, outros choravam porque num vinham, né?*", contou. "*Recordo também dos tempos em que não havia nem luz nem água, e a gente descia de madrugada as ruas de barro para buscar água na bica*", completou Dona Laci.

Outra guardiã da história da Providência é Rosiete. Ela busca preservar, em todos os sentidos, a história do Morro, normalmente ignorada pelos livros oficias de história. "*Procuro contar para as crianças quem somos, de onde viemos. Que estamos esquecidos na história, mas pertencemos à fundação deste país.*"

A Tragédia

Em dezembro do ano passado, duzentos soldados do Exército ocuparam o morro da Providência para acompanhar o projeto Cimento Social, do senador Marcelo Crivella, terceiro lugar no primeiro turno das eleições municipais deste ano.

Ninguém tinha muita certeza da responsabilidade dos soldados ali. "*Nos falaram que o Exército iria reformar as casas, mas eles nunca fizeram nada. Só tiraram nosso livre-arbítrio. Não bastasse isso, ainda atingiram nossos corações com a morte dos três meninos*", conta Rosiete.

Ela respira e continua: "*Choro até hoje a morte deles. Meninos que vi na barriga da mãe, que vi crescer, dar os primeiros passos na praça, brincar de bola, virar rapazes... De repente, eles devolvem os meninos no lixo... Mortos! Estraçalhados! Por nada. Pelo simples prazer cruel de matar*", conclui Rosiete.

Dona Benedita, 68, perdeu um de seus netos na tragédia. "*O Wellington vivia comigo. Fazia tudo comigo. Me levava ao médico, tudo era ele... E agora ele morreu*", chora, lembrando da tragédia. "*Eles estavam voltando do baile, era de manhã. O Exército viu os quatro garotos. Mandaram eles levantarem a camisa, eles num quiseram levantar, aí os soldados começaram a bater neles... Aí levaram para o tráfico rival. Entregaram lá, para eles serem mortos. Mas, além de terem cortado os garotos, deram 25 tiros de pistola e de fuzil na cara do meu neto!*", grita Dona Benedita.

"*Quando trouxeram a notícia, o povo se revoltou! Criança, velho, todos! O que é que a gente podia esperar de um Exército que faz uma coisa dessas? Entregar os jovens a uma facção criminosa para serem sacrificados como Jesus foi?! Eles não mereciam!!*", esbraveja Jaci.

"*Justiça? Para mim, só existe a justiça de Deus*", irrompe Rosiete. "*Espero que a justiça dos homens realmente exista. Mas você vê tanta impunidade... Me pergunto, existe justiça aqui? Quantos filhos nossos morreram aqui? E nem uma linha no jornal!*", critica.

De acordo com a maioria dos moradores da Providência que conhecemos nesse período, a polícia não respeita as pessoas da favela. "*Uma vez, dois policiais entraram na minha casa. Estava tirando uma pizza do forno e um deles me deu logo um tapão no braço; o outro botou um fuzil no meu peito!*", lembra Laci.

Posso dizer que senti isso na pele. Apesar daquela sensação desconfortável de cruzar com moleques do tráfico armados em algumas ruelas do morro, o único momento de medo verdadeiro foi com a polícia.

Era uma sexta-feira, fim de tarde, e toda equipe estava na escadaria do morro, algo como a entrada principal da favela, quando a polícia apareceu atirando para todos os lados, inclusive na gente. Motivo: haviam visto membros do tráfico subindo morro acima, que estavam, obviamente, armados. Sentimos na pele o que os moradores de favela vivem diariamente: a violência causada por membros de uma polícia corrupta que desrespeita os moradores e a grande maioria da comunidade não envolvida no tráfico. E eu, que não vivo a realidade da favela, demorei uns quatro tiros para perceber que aquele som era de bala.

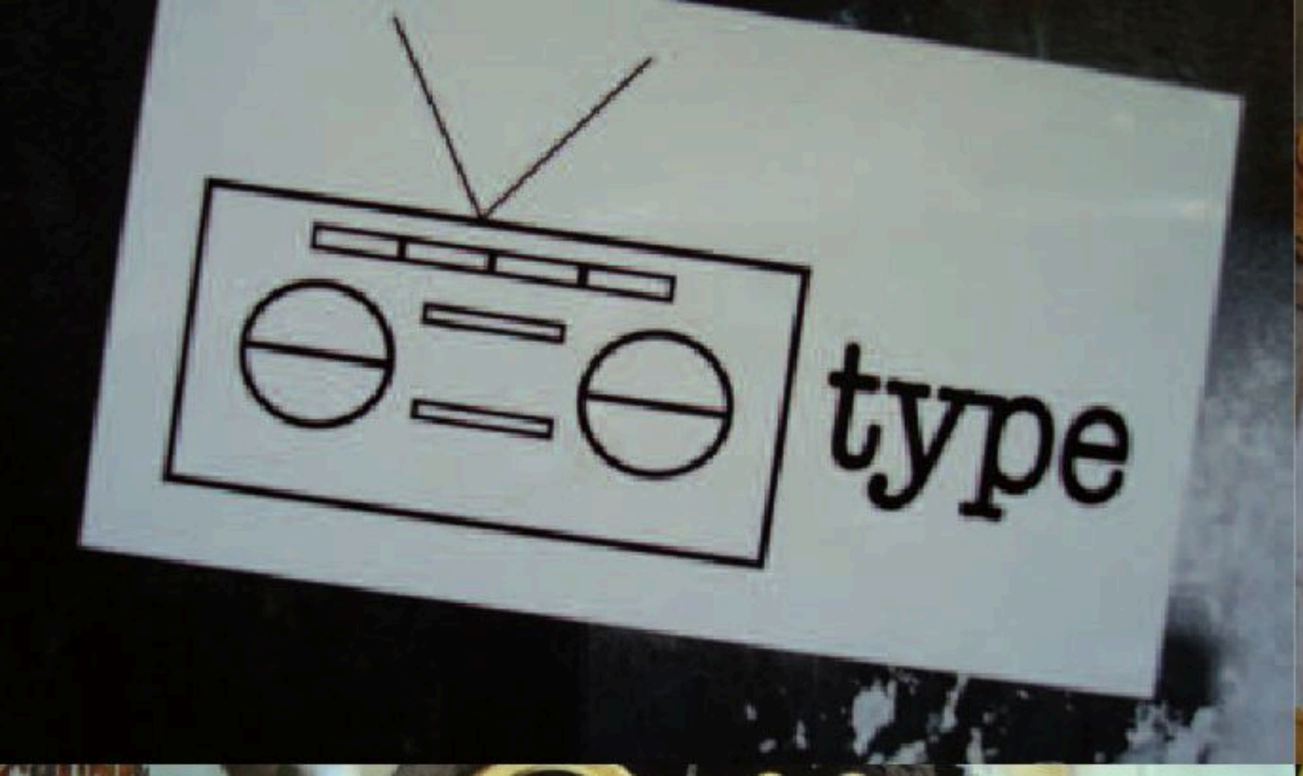
É contraditório, porque o sentimento de comunidade que existe na favela é muito forte. Por mais que haja preconceito no morro como há no asfalto - principalmente contra pessoas que não são "crias" da favela: os migrantes, em sua maioria nordestinos ou nortistas -, há também muita união. Por outro lado, você pode cruzar com membros do tráfico, moleques sem camisa carregando metralhadoras e fuzis, ou ser vítima de uma invasão da polícia com chuva de tiro. Num segundo, a calmaria de cidade do interior. No outro, a violência do submundo.

De Volta ao Asfalto

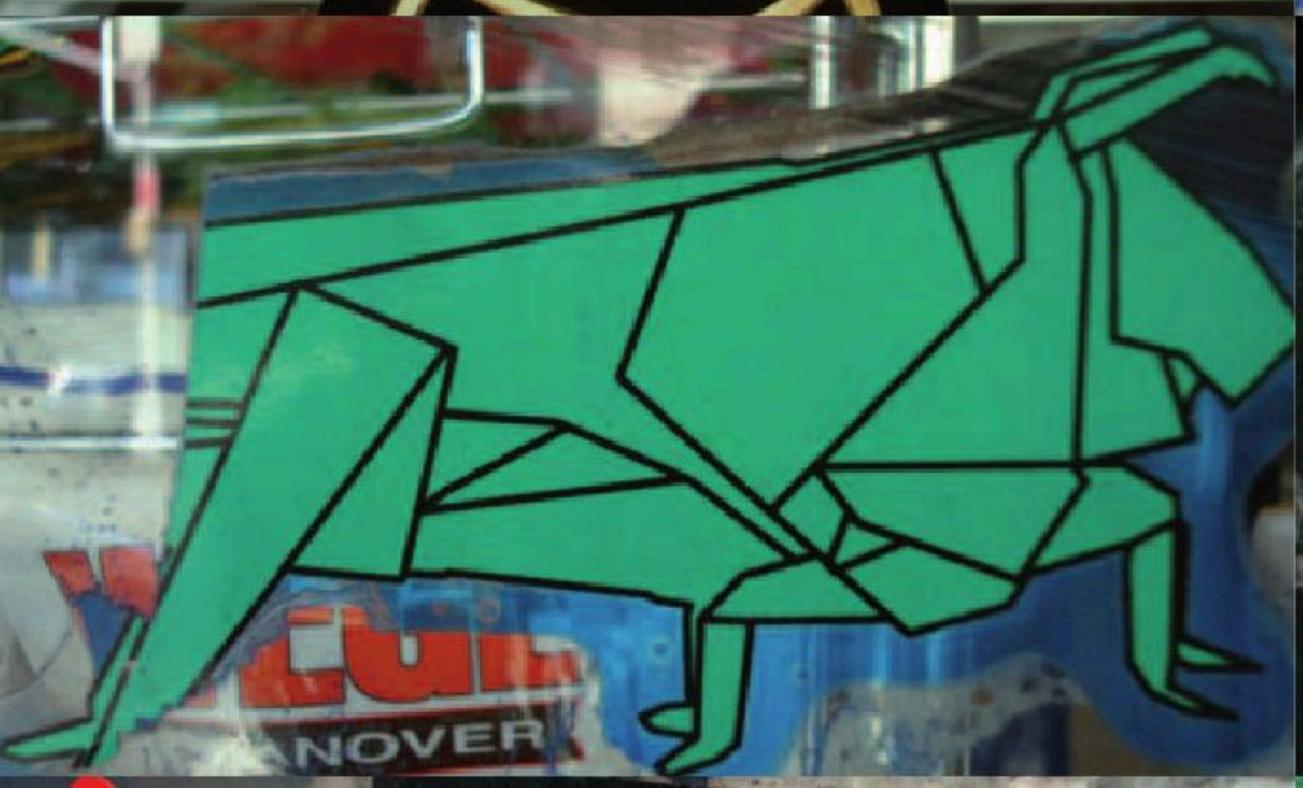
Do asfalto, a gente vê barracos por todos os morros do Rio. E assim, não é possível enxergar toda a vida que existe dentro da favela, toda a história de luta e superação de seus moradores. Os retratos feitos por JR olham para o asfalto, são eles que nos observam agora, do morro para o asfalto.

É uma troca de perspectiva. São as vítimas da exclusão, da violência, da dengue, da bala perdida que nos olham. São também trabalhadores honestos e cheios de talento que nos olham. Gente que inspira fé e exala esperança. E que, como a arte de JR, não dá respostas e, sim, provoca perguntas. ◂

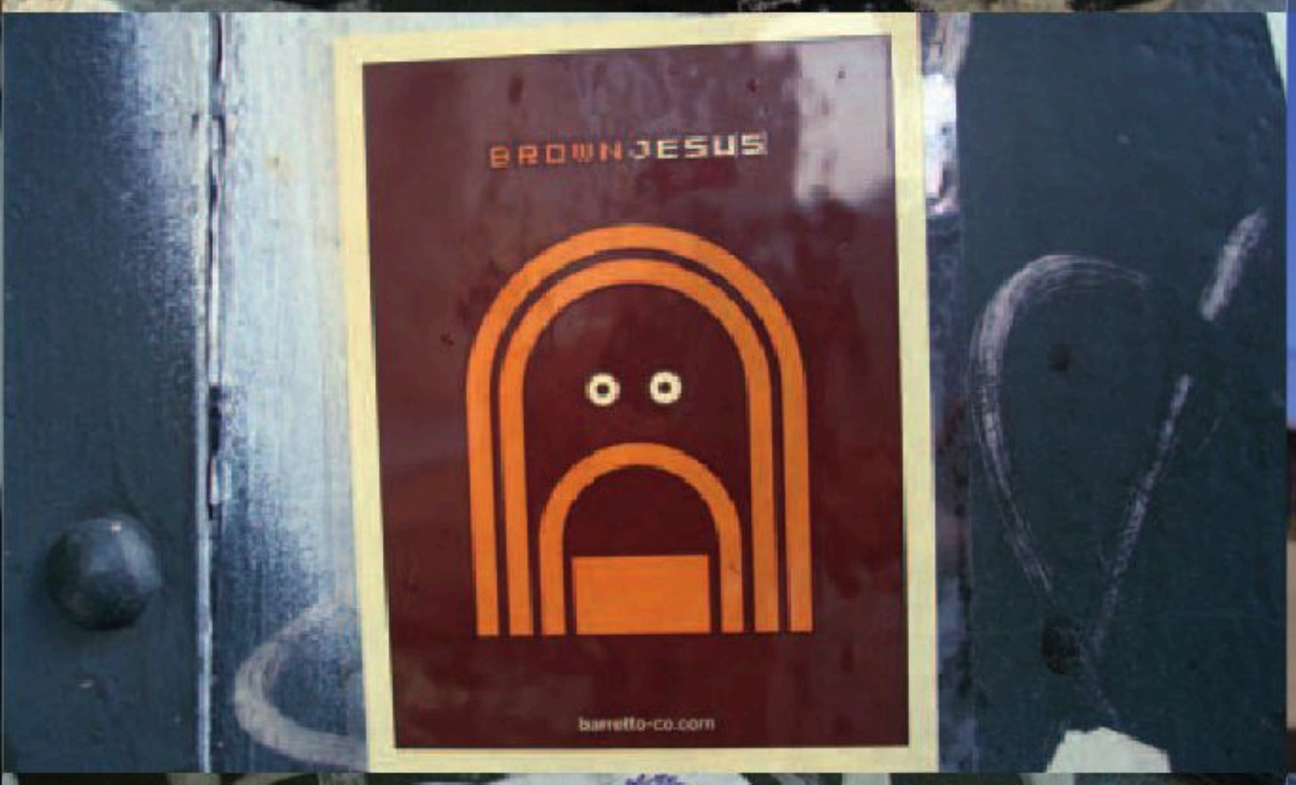
▸▸ Saiba Mais
www.womenareheroes.be
www.jr-art.net


type

KRSNAsexy
KRSNAmultiplies
ARCHITECT 700C



Campbell's
CONDENSED
TOMATO
SPRAY



Low_res nyc stickers mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

O TOQUE JAZZ DE LETIERES LEITE & ORKESTRA RUMPILEZZ

Por Luciano Valério . Fotos Divulgação

Os três atabaques do candomblé são conhecidos pelo nome de Rum (grave), Rumpi (médio) e Le (agudo). Somados às letras "ZZ", da palavra jazz, eles deram forma ao nome da maior orquestra de ritmos afro-brasileiros dos dias de hoje, a Orkestra (com K mesmo, tal qual o grupo do jazzista Sun Ra) Rumpilezz. Formada por vinte músicos, dentre eles quinze instrumentistas de sopro e cinco percussionistas do candomblé. A orquestra é encabeçada e regida pelo maestro Letieres Leite – eminência parda dos arranjos para o carnaval e a música pop baiana.

Letieres morou na Europa durante onze anos, onde estudou música em Viena e teve sua primeira experiência com uma orquestra. Em 1986, juntou percussionistas aos músicos de sopro e escreveu sua primeira composição orquestrada em ritmo tipicamente baiano. A experiência no início não foi ideal: os percussionistas eram brasileiros, mas os sopros não acompanharam bem o que ele desejava. No entanto, ali surgia a fagulha do que viria a ser chamado de Letieres Leite & Orkestra Rumpilezz. ⏩

"DENTRO DO UNIVERSO PERCUSSIVO BAIANO, O QUE NÃO DÁ PARA PERCEBER É O QUANTO ESTES RITMOS SÃO RIGOROSAMENTE ORGANIZADOS E COMO TODOS TÊM O SEU DNA IMERSO NA CULTURA DO CANDOMBLÉ..."

No mesmo período, Letieres foi convidado para tocar com o renomado violinista cubano Alfredo de la Fé. Foi estudando Alfredo de la Fé que Letieres descobriu como improvisar em cima de uma clave (a menor porção que define o ritmo, algo como o DNA do ritmo) e como trazer isso para o chamado " universo percussivo baiano".

" Dentro deste universo, o que não dá para perceber é o quanto estes ritmos são rigorosamente organizados e como todos têm o seu DNA imerso na cultura do candomblé. Quando me deparei com essa organização, fiquei chocado. E isso acaba chocando muita gente, porque, dentro do nosso universo de música popular, o que faz a diferença é a organização percussiva. É por isso que na Orkestra eu considero os percussionistas os 'doutores', pois são eles que estão à frente de tudo. É simplesmente uma orquestra de percussão acompanhada de sopros. Os músicos de sopro estão de chinelo, bermuda e camiseta, enquanto os percussionistas estão de terno, gravata e sapato, justamente para criar a idéia de 'Olha... estamos acompanhando os doutores ali'."

Letieres diz não saber onde a música termina. Há muito espaço para improviso e foi isso que o levou a se aproximar de músicos que tocam música instrumental na Bahia e uni-los aos músicos da ala B do candomblé. Ala B ou Ogan, é o nome dados aos músicos que não podem receber orixás. "Quando eu componho uma música, ela está totalmente ligada à porção rítmica, só que na questão harmônica tenho liberdade para trabalhar os improvisos. Então gosto de que o músico improvisador também conheça a clave e pratique sobre ela para ficar coerente com a música. É a mesma coisa que acontece na música cubana, ela é improvisada sobre a clave. Aqui quando você vai a uma jam, acaba sempre escutando escalas de jazz americano, funk, samba ou baião. Nada contra – até acho ótimo, mas também não precisa ser algo tão restrito. Daí pensei... tem o Hermeto Pascoal, que se aprofundou na música instrumental faz "quilômetros", tem também muita gente que toca frevo, como no caso da Spok Frevo Orquestra, tem o pessoal da Paraíba, o Quinteto Armorial. A partir daí, resolvi olhar para a música que sempre tive ao meu redor de outra forma. Acabei convidando todos os instrumentistas de música instrumental de Salvador – conhecidos ou não – e arrumei lugar para fazer uns ensaios com três alas B do candomblé, em que cada uma tocava e improvisava a música que queria."

A partir desta organização, alguns passaram a classificar o som da orquestra dentro do chamado spiritual jazz – não à toa, o álbum de estréia do grupo será lançado por um importante selo de jazz nos Estados Unidos, que Letieres pede para não ser divulgado ainda. É evidente a vibração afrocentrista e a espiritualidade dos ritmos tocados aos orixás. É no candomblé que está seu aprendizado, ainda que se considere no pré-primário dessa cultura.

"... RESOLVI OLHAR PARA A MÚSICA QUE SEMPRE TIVE AO MEU REDOR DE OUTRA FORMA."

“Entre nós, há percussionistas da nação Jeje. Só o candomblé dele tem mais de 320 anos. Imagina a quantidade de informação rítmica que tem ali... Um instrumento que eu uso com muito carinho, inclusive pela questão da espiritualidade, é a flauta. A flauta tem algo que me deixa livre nessa hora, e sinto como se não fosse eu quem estivesse tocando.”

Algumas décadas separam Letieres do trabalho do maestro Abigail Moura, precursor da música erudita fundamentada na cultura negra, com a sua Orquestra Afro-Brasileira.

“Eu fico muito feliz em saber que as pessoas vêm comparando o meu trabalho ao de Abigail Moura. Não conhecia o trabalho dele e vim a conhecer através do Ed Motta. Acho que há uma diferença no trabalho dele com o meu que é uma questão de época, o tipo de harmonia que ele usa, mas acho que a nossa inspiração vem do mesmo lugar: a música afro-brasileira.”

A Orkestra Rumpilezz teve suas músicas registradas no Teatro Castro Alves este ano sob os cuidados do engenheiro Alexandre Luis. Durante três dias, o teatro foi preparado com todos os cuidados de uma big band. Um estúdio com captação ambiente foi montado, microfones foram espalhados por todo o teatro de forma que a gravação ficasse mais viva e não viesse diretamente dos instrumentos.

“Eu tive a grande sorte de ter conhecido o John, do estúdio Legacy. Foi ele quem cuidou da mixagem do disco, tudo isso por intermédio de um amigo meu, que mostrou a gravação ao John. Ele gostou e nós acabamos enviando as masters para o estúdio dele nos EUA. Eu nunca achei que isso pudesse acontecer, porque eu o conhecia somente pelo nome nos discos e tal, enfim... Ele não só mixou em seu estúdio como também trouxe à tona o mesmo conceito acústico que eu estava querendo.

“Ele passou tudo por um sistema analógico fiel à época. Pensei assim: a questão da percussão e a sonoridade da Bahia ele não teria como conhecer a fundo, porque é muito particular. O som dos tambores do candomblé tem certas particularidades, e assim levei esse som basicamente pronto para ele. Expliquei nos mínimos detalhes que o tambor grave (Rum) tinha que soar muito, também explorei bastante os acordes em dissonância, tudo isso somado àquele som de big bands com metais etc. O resultado é muito nítido e vivo, o mais natural possível.”

Para o público da região Sudeste, há uma apresentação confirmada para novembro, em São Paulo. É esperar para ver a força da Orkestra de Letieres ao vivo.

» Saiba Mais
www.rumpilezz.com
www.myspace.com/letieresleiteamporkestrarumpilezz

TARA McPHERSON

e as constelações perdidas . Por Fernanda Masini . Imagens cedidas pela artista

A união da arte e da música sempre deu um belo jogo. A relação intrínseca entre essas duas expressões artísticas pode ser vista desde os pôsteres de cabaré do início do século XX de Toulosse Lautrec, dos Balés Russos de Léon Bakst aos psicodélicos de Victor Moscoso e o punk de Raymond Pettibon. Atualmente parece que estamos vivendo um *revival* dessa cultura e, como era de se esperar, surgem artistas muitas vezes maiores que suas obras, e esse é o caso da norte-americana Tara McPherson.

Tara é uma artista de múltiplas faces, com talento excepcional, que consegue por meio de seus desenhos nos levar a um universo surreal muito particular. Sua formação básica foi para lá de especial: estudou até o final do colegial nas *magnet schools* – versão americana para as nossas escolas técnicas – em que você pode estudar artes, ciências e outras áreas específicas com mais profundidade, o que segundo ela a ajudou a descobrir novas maneiras de pensar e criar. Nesse período, sonhava em ser fotógrafa, mas o universo da astrofísica (outra paixão da artista), acabou por conquistá-la. Em função desse interesse peculiar, cursou um ano de astrofísica na faculdade, ao mesmo tempo em que trabalhava em uma loja de animês. Ali conheceu inúmeros artistas de animação, e nessa época decidiu o seu caminho em definitivo - ou melhor, pôde enxergar seu destino: as artes. Assim, retomou seu percurso e terminou graduando-se no Centro de Artes em Pasadena, na Califórnia.

- Weight of Water, *Parte um. Óleo sobre tela*
- Weight of Water, *Parte três. Óleo sobre tela*

Seu talento indiscutível a permitiu percorrer quase todos os possíveis caminhos das artes gráficas. Ela passou pelos estúdios de Matt Gröening, na produção de *Futurama*, ilustrou diversos *comics* e capas para o selo Vertigo, da DC Comics, fez inúmeros pôsteres de shows e bandas, criou diversos *toys* em parceria com a Kid Robot, ilustrou campanhas publicitárias, páginas editoriais, até chegar às salas de aulas da Parsons - renomada escola de design em Nova York, onde leciona ilustração. Seu trabalho foi publicado em diversos livros de arte contemporânea, tais como *The Art of Modern Rock, Pop Surrealism* e *Illustration Now!*. Também ganhou as telas de cinema, como na recente produção *Juno* – onde seus pôsteres aparecem pendurados no quarto da personagem que dá nome ao filme - em seriados de TV e até no famoso game *Guitar Hero*. Seu primeiro livro, *Lonely Heart – The Art of Tara Mcpherson*, lançado há dois anos, é sucesso absoluto de vendas e já se encontra na terceira edição.

Modest Mouse, Death Cab for Cutie, PJ Harvey, Elvis Costello, Le Tigre e Melvins são algumas das bandas que habitam seu universo peculiar.

São amigos ou bandas que admira muito. Para ela, criar esses pôsteres é fonte de muito prazer, pois não há nada mais legal do que poder interpretar músicas ou letras que a inspiram, e ainda por cima fazer parte da história dessas bandas. Na maioria das vezes, procura fazer pôsteres apenas de shows que vão acontecer em sua cidade – Tara Macpherson é de São Francisco, mas hoje vive em Nova York –, porém abre algumas exceções.

Mas não é só da música que sua arte se alimenta. Com uma mente brilhante, em seus desenhos ela cria um universo de personagens surreais inspirados na realidade, mas levados ao extremo. Sua arte traz um universo ímpar, que une a delicadeza nos traços e cores, a agressividade de imagens que cortam, o realismo nos olhares e rostos que parecem atravessar nossas almas e, ao mesmo tempo, um surrealismo que nos leva a outros mundos.

" Aos meus olhos, nada do que crio faz parte do nosso universo como o conhecemos, então meus personagens não se limitam ao que entendemos como realidade. Eu amo poder romper os limites e fazer algo idealizado e atemporal, mas também surreal. Tenho uma imaginação bem esquisita, então é divertido para mim ter essas visões do que devo criar. Algumas vezes isso acontece com senso de humor e outras com um realismo duro. Mas amo ter liberdade para fazer de ambas as formas."

Com grande determinação, sua arte parece ter uma finalidade muito antes da concepção. Como se cada retrato tivesse um fim por si só e fosse produzido para guiar o observador a uma única sensação de estranheza e dualidade. Tara diz ter sempre uma idéia bem clara de onde quer chegar, mas muitas vezes esse processo é longo, e a realidade acaba por transformar suas obras, como se estivesse constantemente reinterpretando as idéias e pontos de vista. Esse processo faz com que cada obra seja única e, a partir do momento que ela está pronta, cada um pode e deve interpretá-la conforme sua imaginação. Esse é o momento em que a artista não possui mais nenhum controle sobre a obra ou sobre o que os outros venham a pensar dela.

▸ *Alguns pôsteres da artista . Serigrafia*

- Evolution of Language . *Óleo sobre tela*
- Lost Constellations . *Óleo e Acrílico*

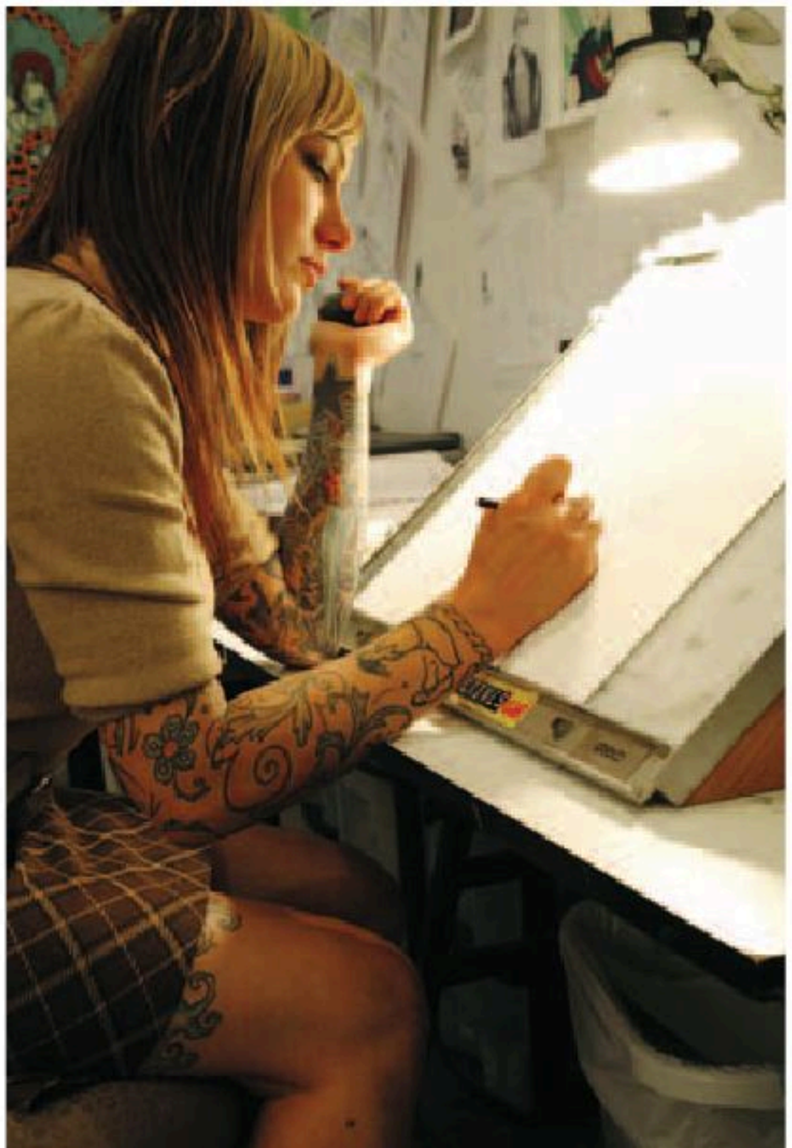
McPherson

Quando questionada sobre a terminologia utilizada para descrever seu trabalho, Tara afirma que, de todos os termos, Surrealismo Pop é o mais representativo, por que além dela existem diversos novos e talentosos artistas contemporâneos produzindo arte nesse mesmo espírito. Mas acredita que não é possível olhar somente para um gênero em especial, já que os termos são apenas ferramentas para descrever em um espaço de tempo a história da Arte e da Modernidade.

Em sua última exposição na galeria Jonathan LeVine, em Nova York, intitulada "Gravitation Lens", Tara elevou o experimentalismo e a astrofísica. Por mais que seja possível perceber ao longo dos anos que esses dois "conceitos" assumiram a estética do seu universo, é possível perceber uma experimentação maior, em uma seqüência de perspectivas inspiradas na teoria gravitacional de Einstein, onde a mesma obra se multiplica para representar diferentes parâmetros e coordenadas.

Tara é uma artista livre. Sem amarras ou pré-conceitos, perpassa diversos universos, dentro e fora das suas obras. Tem paixão incondicional pela arte e gosta de ver seus trabalhos em diversas plataformas, seja em *toys*, *comics*, livros ou outros. Hoje tenta diminuir o volume de trabalhos comerciais para ter mais tempo para se dedicar à produção de suas exposições, mas acredita que trabalhos em outras

plataformas ou mesmo trabalhos comerciais são maneiras de expandir seu universo para além das telas.



Sobre o futuro próximo, está em processo de produção do seu segundo livro, *Lost Constellations – The Art of Tara McPherson Volume 2*, que será publicado pela editora Dark Horse, com lançamento previsto para abril ou maio de 2009. Tara também está contando os dias para sua vinda ao Brasil. Em janeiro, a galeria Choque Cultural, de São Paulo, fará uma exposição coletiva dos artistas Jim Houser, Doze Green e Tara, e ela está produzindo dez novas telas exclusivas para a exposição. Depois pretende fazer uma turnê pela America Latina. Agora é só esperar um pouquinho para podermos conferir seu trabalho ainda mais de perto.

Saiba Mais

www.taramcpherson.com
www.myspace.com/taramcpherson

Veja em www.maissoma.com a entrevista completa.

Auto-retrato da artista
Somewhere Under the Rainbow - Reach e Rnk . *Óleo e Acrílico*
Untitled . *Óleo sobre tela.*

McPherson

ROTA: RAIZ

O ensaio de Pedro David, "Rota: Raiz", foi apresentado no espaço Mari'Stella Tristão, dentro do Palácio das Artes de Belo Horizonte. A exposição seguirá ainda este ano para o Centro Municipal de Fotografia de Montevidéu, no Uruguai.

As fotos foram realizadas nos vales do Jequitinhonha, do Mucuri, do São Francisco e no norte de Minas Gerais - todas regiões marcadas pela pobreza. No entanto, não há viés fa-

talista em suas fotografias. Pedro diz que esteve "*ocupado em dar corpo a imagens que existiam apenas em meus pensamentos*". O mote para o artista eram suas lembranças de infância, transmitidas por seus pais.

Não há cerimônia nem revelações epifânicas em seu trabalho, muito menos lágrimas ou sorrisos. Um garoto em uma rua mal iluminada, uma anja, ambientes geometrizantes, novas cortinas para velhas paredes, o ambiente natural; o olhar do viajante nos leva para o escuro de um ambiente desconhecido, inóspito. E isso gera atração e repulsa. ▸

▸ Imagens

Páginas anteriores, *Saci* e *Manu,* 2008. Acima, *Cortina* e, na direita, *Espelho,* 2008. Série Rota: Raiz

Páginas seguinte *Eucaliptos*, 2008 . Série Rota: Raiz

Curadoria

Cia de Foto

Veja Mais

www.pedrodavid.com

O PUNK LOUNGE DE M$NEY MARK

Por Mateus Potumati . Colaboração Tiago Moraes
Fotos Fernando Martins

"Quando o disco saiu, George Clinton me ligou e disse: 'Caramba, você fez um disco de lounge punk rock'."

O disco a que o pai do funk psicodélico se referia é *Brand New By Tomorrow*, e do outro lado da linha estava Mark Ramos-Nishita, seu criador. Você provavelmente o conheça como Money Mark, nome pelo qual ele lançou sete discos solo de estúdio, mais uma dezena de singles e EPs, e assinou colaborações ilustres. A mais famosa delas, com os Beastie Boys, se estende por dezesseis anos e lhe rendeu o título honorário de "quarto Beastie Boy". Recentemente, ele também leva projetos com Mike Watt e Omar-Rodriguez Lopes. A definição de George Clinton resume com exatidão o estado de espírito das onze faixas do disco de 2007, que Money Mark veio apresentar no Brasil este ano: repletas de grooves e melodias sutis, elas podem passar despercebidas como música de fundo aos menos atentos. Mas, se apreciadas com cuidado, revelam pequenas esquisitices e idiossincrasias – uma distorção malandra aqui, uma frase de auto-ironia ali - que passam longe da insipidez usual da música feita "para relaxar".

Money Mark habita um universo particular, onde coexistem o noise, o soul, o funk, o hip-hop, o jazz e as baladas pop, freqüentemente filtrados pelo timbre vintage de seu teclado Fender Rhodes. "*Verdadeiros fãs de hip-hop curtem jazz*", ele disse certa vez. Pessoalmente, ele não é menos peculiar. Com traços orientais e a pele escura, é o retrato da miscigenação à moda da América do Norte: seu pai, japonês, foi criado no Havaí; a mãe é da fronteira do México com o Texas ("*Ela é* tejana – chicana *e texana ao mesmo tempo*", explica). Mark nasceu em Detroit, mas se mudou para a Califórnia aos 6 anos de idade. "*Não me lembro muito de Detroit, só que era frio, nevava muito. Mas, quando voltei lá mais tarde, várias coisas da minha infância retornaram. Só*

percebi como elas me afetaram depois de mais velho: alguns temas das minhas músicas provavelmente vieram dessa época." Enquanto espera seu suco de açaí chegar, rodeado de frutas em uma quitanda no bairro da Bela Vista, em São Paulo, Mark alterna momentos de timidez, de excentricidade e da pura descontração californiana. Faz questão de tirar fotos ao lado de um carro todo pintado com propaganda política, um primor do brega, abraçado ao motorista. "*Ah, isso era política? Não sabia, gostei da música e das cores do carro. Então não publiquem, nem sei se esse candidato é decente*", ele pede, entre risadas.

A adolescência em Los Angeles foi agitada. "*Morei na cidade inteira, em Sunset Boulevard, no subúrbio. Vi vários shows – entrava escondido, lambia meu pulso e colava o carimbo de um amigo. Aí, comecei a conhecer e andar com músicos. Saí com [o ex-baixista do Who] John Entwistle umas vezes, nem sabia quem ele era. Andei com uma porção de gente.*" Mas, para ele, o ambiente não influenciou muito sua música. "*Se eu crescesse em Detroit, beleza. Porque na maior parte do tempo eu ficava no meu quarto com meus discos, ouvindo música.*" A influência maior veio de dentro de casa, ele explica. *"Minha mãe cantava e tocava havia muito tempo, então eu tinha contato com* ***música o tempo todo. Ela cantava jazz profissionalmente****, e cantava umas músicas mexicanas também."* O interesse por música veio cedo. "*Comecei a me interessar por música e a querer entender o funcionamento dos instrumentos quando eu tinha 6 ou 7 anos de idade. Aprendi a tocar piano aos 13, 14 anos.*" Mas a grande virada mesmo veio quando o pai lhe deu um presente dos sonhos. "*Lá pelos 14 anos, ele me comprou um Fender Rhodes. Eu ouvia o som dele nos discos de Herbie Hancock, Stevie Wonder, John Paul Jones.*" No dia em que ganhou o presente, Mark já o abriu para ver como funcionava. "*Eu precisava descobrir. Meu pai me incentivou, porque ele também queria entender como ele era feito. Ele era engenheiro eletrônico, não ficou bravo comigo quando eu fiz isso. (risos)*" Depois do Rhodes, ele comprou uma guitarra e um gravador. Com esse equipamento, gravou sozinho todas as músicas de seus primeiros discos, inclusive os clássicos do groove lo-fi *Mark's Keyboard Repair* e *Push the Button*. "*Quando entrei para os Beastie Boys, comecei a tocar mais teclado. É mais fácil carregar uma guitarra, mas percebi que conseguiria tocar em mais bandas com teclado. Se você se dispuser a carregar o teclado, pode entrar numa banda.*"

Mark adora colaborar, gosta da idéia de ter que se adaptar e se integrar a outras idéias. "*Aprendo muito com isso*", define. Não é só ele que aprende. Sua participação em *Check Your Head*, clássico de 1992, é considerada fundamental para a concepção do disco pelos próprios Beastie Boys. Mark relembra o período com carinho. "*Foi uma época maravilhosa para todos nós, nos divertimos muito. Foram dois anos de diversão o tempo todo, todos os dias. Umas merdas estavam acontecendo, o George Bush pai estava no poder, rolou a 'Tempestade no Deserto', quando eles invadiram o Iraque pela primeira vez. Também rolaram uns distúrbios em L.A., por causa do julgamento do Rodney King. Mas mesmo assim nos divertimos muito gravando o disco, tocando no estúdio, fazendo rolê.*"

No decorrer da carreira, a produção de seus discos solo se tornou mais limpa, e as músicas ganharam refrões e melodias. Mas Mark rejeita o título de singer-songwriter. "*Eu ainda estou aprendendo a compor músicas, então isso também é um experimento. E agora eu acho que estou voltando ao passado, aos sons e às batidas que são importantes para mim. O último disco girou mais em torno de aprender a compor músicas, mais do que qualquer coisa.*"

Quando a entrevista termina, Mark saca um mini-amplificador da bolsa que carrega a tiracolo. Em frente a uma galeria, ele monta um mini set com pedais e um microfone e começa a improvisar com loops de microfonia ("*Feedback 101*", ele batiza). À medida que o volume de ruídos cresce, Mark vai adicionando barulhos com a voz, criando um efeito engraçado e impossível de ser ignorado por quem passa. Ainda que algumas pessoas não façam idéia do que está se passando, a moral da história está bem clara para ele: "*Eu posso estar em qualquer lugar – no topo de um prédio em uma cidade desconhecida. Desde que tenha meus discos e meus instrumentos, meus pedais, meus microfones e meu gravador, estou feliz*".

» Saiba Mais

www.brushfirerecords.com

www.myspace.com/moneymarkoficialfansite

Veja em www.maissoma.com o vídeo de "Feddback 101"

HOROIWA NÃO DISCUTE COM O DESTINO

Por Mateus Potumati e Arthur Dantas
Imagens cedidas pelo artista

Se hoje podemos apreciar o trabalho de Dante Horoiwa, 20 anos, a culpada é sua mãe: "*Eu desenho desde moleque. Minha mãe dava um monte de giz e canetinha para mim e meu irmão, e a gente ficava desenhando enquanto a molecada estava jogando bola na rua*", brinca o artista, que vive na Zona Leste da capital paulistana.

Inicialmente, tinha o desenho como hobby e riscava personagens de games e de desenhos animados. "*Eu desenhava o que tinha a ver com minha vida*", define Horoiwa, em reflexão que sintetiza bem o imaginário de um garoto recluso de um grande centro urbano. Logo vieram quadrinhos, como *Spawn* e *Witchblade*, e o heavy metal extremo. Difícil acreditar que, por trás do semblante pacato e da fala mansa do artista, existiu o vocalista de banda de death/ trash metal, que inclusive estudou canto para aprimorar os vocais guturais característicos do gênero.

Houve dois momentos marcantes para a transformação de seu trabalho. Um foi mudança de um grafiteiro para perto de sua casa ("*fui procurar ele e saber como fazia pra pintar também*"). O outro foi a imersão na cultura de seus ancestrais, mais especificamente na filosofia samurai. "*O que mudou minha vida foi ler* Musashi *(livro sobre a vida do maior samurai da história), o* Livro dos Cinco Anéis, *o* Hagakure *e conhecer o* bushido *("caminho do guerreiro", o código de conduta samurai). Todo mundo tem uma inclinação para alguma coisa e essa [a arte] é a minha. Difícil é me definir, porque a mudança é constante e eu sei que daqui a seis meses tudo estará diferente.*"

O artista, que começou a pintar os muros da cidade inspirado em matérias na imprensa que falavam d'OSGEMEOS e de Titi Freak, hoje é designer de estampas em uma marca de surfwear e só tem uma meta em sua vida no momento: "*A única coisa que quero é aprimorar o meu trabalho, independente se vou viver disso ou não. É bem como diz um poema do Paulo Leminski, 'Distraídos Venceremos'. Se tiver que acontecer vai acontecer. Tem outra frase dele de que gosto: 'Não se discute com o seu destino/ O que pintar eu assino'*".

Saiba Mais

www.myspace.com/horoiwa
horoiwa.blogspot.com

Por Mateus Potumati . Fotos gentilmente cedidas por Daigo Oliva . Colaboração Luciano Valério

MICHAEL AZERRAD

HISTÓRIAS DE UM BIÓGRAFO DO UNDERGROUND

"Alguém me levou ao topo de um edifício no centro e eu pensei: 'Sou nova-iorquino, não me impressiono com nada'. Mas quando olhei para fora e vi que os prédios vão até onde a vista alcança, para todos os lados, não consegui parar de dizer 'isto é maravilhoso, é incrível'. Eu vivo em Nova York há trinta anos, e você não vai ver um nova-iorquino impressionado com nenhuma outra cidade. São Paulo é imensa, é vasta. E o trânsito é terrível (risos)."

Michael Azerrad declara seu recém-descoberto amor por São Paulo num dia ensolarado de agosto, sentado à mesa em um hotel confortável na região da Vila Olímpia. Ele está no Brasil para o lançamento, com quinze anos de atraso, do livro *Come As You Are –A História do Nirvana*, considerado por muitos a biografia definitiva da banda que mudou o rock nos anos 90. Se esse livro lhe deu fama, foi outro que fez de Azerrad uma espécie de oráculo da música independente: a bíblia *Our Band Could Be Your Life*, publicada em 2001 e ainda inédita por aqui. Com perfis detalhados de treze bandas seminais (Black Flag, Minutemen, Mission of Burma, Minor Threat, Hüsker Dü, The Replacements, Sonic Youth, Butthole Surfers, Big Black, Dinosaur Jr., Fugazi, Mudhoney e Beat Happening), o livro mapeia de forma inédita e abrangente a música underground dos EUA entre 1981 e 1991. Rico em histórias incríveis, pesquisa e análises originais, *Our Band...* é um marco na escrita sobre o rock e foi eleito pelo jornal inglês *The Guardian* como um dos cinqüenta melhores livros sobre música já escritos. Franzino, tímido e com cabelo desgrenhado, Azerrad é o típico intelectual nova-iorquino - os óculos pontudos aumentam a semelhança com Woody Allen. Nesta conversa com a *+Soma*, ele fala sobre o livro, música, política e revela um pouco mais de sua incansável capacidade de se interessar e se deixar surpreender pelas coisas. ⏩

O que levou você a escrever sobre música?

Resolvi escrever sobre música porque descobri que era bom nisso. Eu estava decidindo o que ia fazer da vida e trabalhava em um lugar que mandava vídeos de rock para clubes noturnos. Eles também publicavam uma revista direcionada a gravadoras, produtoras de vídeo etc. Aí, precisaram de alguém para escrever nessa revista e pensaram: "O Michael fez faculdade e teve banda, talvez ele dê conta do recado". Me ligaram perguntando o que eu achava, e eu pensei "eu consigo fazer isso". Acabei me dando bem, foi natural. Uma coisa levou a outra e a partir daí eu nunca parei de escrever. Isso já faz 23 anos.

O que foi necessário para escrever *Our Band Could Be Your Life*? Você conseguiu levantar histórias bem pessoais, as pessoas se abriram bastante. Que tipo de dificuldade enfrentou?

A parte mais dura desse trabalho foi a pesquisa. Para escrever, levei três anos de trabalho diário. Eu acordava de manhã, ia direto da cama para o computador e trabalhava até ficar com fome, lá pelas duas ou três da tarde. Comia e trabalhava enquanto conseguisse ficar acordado. Todos os dias, por três anos. É preciso muita disciplina para fazer algo assim. Quanto a se conectar com os entrevistados, parte disso vem com a pesquisa. É preciso conhecer seu tema antes de falar com alguém. Quando chega a hora de conversar com as pessoas, você já sabe as histórias, os entrevistados ficam felizes e você não faz perguntas idiotas. A conversa flui.

Steve Albini - (ex-Big Black) - aqui no Shellac

Mudhoney

E o que mais o interessa em uma banda?

O interesse não precisa ser sempre musical. Algumas vezes pode ser a forma com que a banda se encaixa em algum contexto cultural. Talvez a banda represente algo muito interessante – um grupo de pessoas, a mobilização por uma nova idéia ou causa. Foi o que aconteceu com as bandas de Seattle: eu não me interessava por várias bandas de lá, mas havia algo importante acontecendo naquele momento que merecia ser documentado. Procuro coisas que rendam bons textos. Fazer música muito boa é um dos motivos para se escrever sobre uma banda, mas não é o único. Às vezes também acontece algo como uma Síndrome de Estocolmo: quando você chega perto demais de alguma coisa, começa a gostar dela (risos).

Quais foram as bandas mais fáceis e quais as mais difíceis de contatar? Imagino, por exemplo, que falar com o J. Mascis (líder do Dinousaur Jr.) não foi muito fácil, porque ele não é de falar muito.

Na verdade, foi muito fácil chegar até o J. Mascis e falar com ele. Uma coisa que eu aprendi nesse livro é que as pessoas crescem. Boa parte dos eventos narrados aconteceu vinte anos ou mais antes das entrevistas, e as pessoas amadurecem nesse período. Um moleque pirado de 23 anos, que ainda está descobrindo quem ele é, é diferente de um homem de 40 e poucos, que sabe exatamente o que quer. E você pode falar de si

mesmo quase na terceira pessoa, tipo "que idiota eu era", "como eu era confuso". As pessoas falaram do passado de maneira muito natural, e acho que o J. Mascis é um exemplo perfeito disso. Ele ficou muito à vontade e feliz em falar de quase tudo que eu perguntei.

Qual foi a melhor entrevista, na sua opinião?

Provavelmente tenha sido com o Mike Watt, que foi o primeiro entrevistado de todos. Senti ali que ele é a alma do livro, o espírito da independência, do faça-você-mesmo. Ele carrega a mentalidade independente dos anos 80 como algo que você pode aplicar a todas as partes da sua vida. Ele foi incrivelmente inspirador, gosta muito de falar –fala muito, e é tudo bom –, tem grandes pontos de vista. O entusiasmo e o coração dele me deram o impulso para atravessar aqueles três anos e meio.

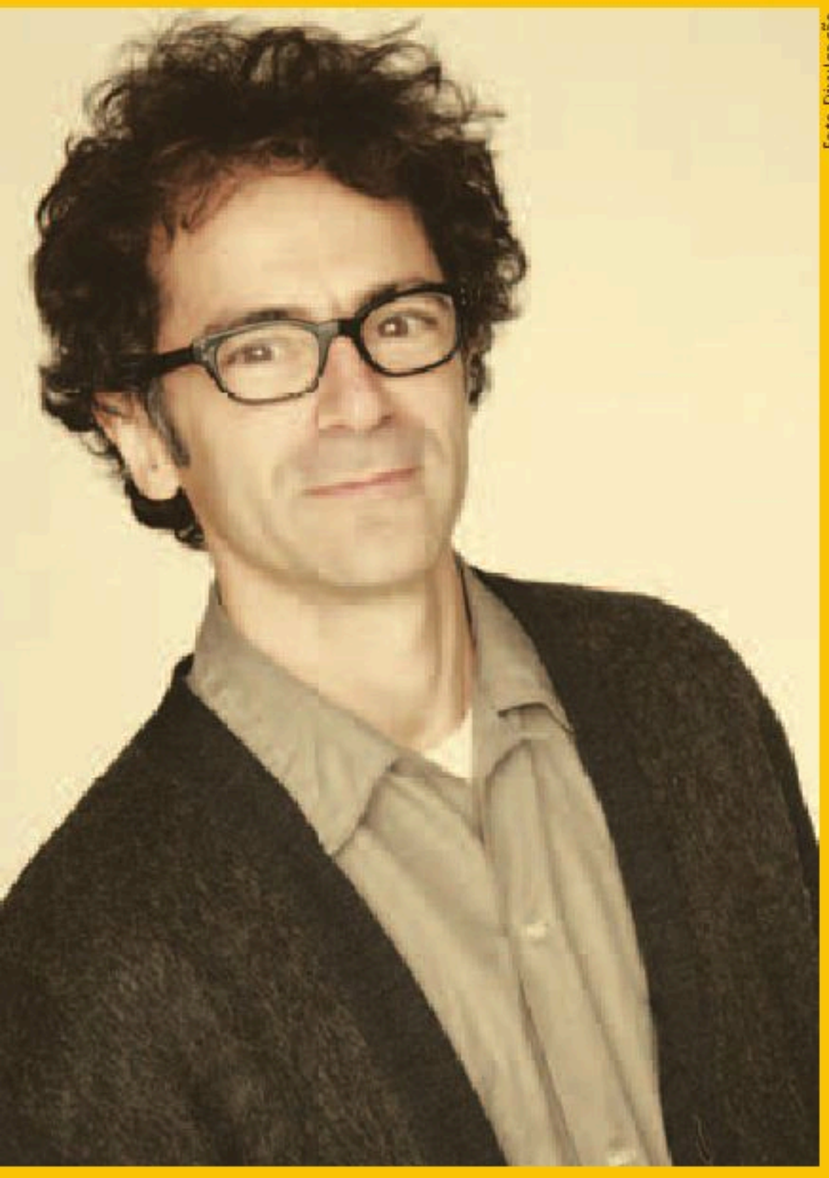


Foto Divulgação

Michael Azerrad

Mission Of Burma

Foi uma boa forma de começar.

Na verdade, eu fiquei impressionado comigo mesmo por ter sido tão esperto em falar com Mike Watt primeiro (risos). Depois que eu falei com ele, as pessoas perceberam que eu sabia o que estava fazendo. Consegui grandes entrevistas com Steve Albini, Ian Mackaye e outros que não costumam falar com jornalistas. Eles conheciam a minha reputação e sabiam que eu havia falado com Mike Watt, então pressentiram que seria uma boa entrevista.

Em um trecho no final do livro você diz que a internet poderia ser a nova Seattle. Isso foi em 2001, o ano do iPod, do Napster, da bolha. Agora estamos quase em 2009, e a internet praticamente destruiu a possibilidade de surgir outro Nirvana. Como você analisa esta primeira década do século XXI para a música e, especialmente, para a indústria? Que lugar ela irá ocupar na história da música gravada?

Será lembrada como a era do nascimento da distribuição digital. Isso significa que todos os tipos de música estão completamente disponíveis, o gosto das pessoas não é mais tão estreito - você pode gostar de Al Green, Shostakovich, Fela Kuti, Steve Reich, Laurie Anderson e música eletrônica. Você pode ler sobre qualquer coisa, se interessar e ouvir de tudo imediatamente. Isso é um ponto central. Por outro lado, se o gosto das pessoas se ampliou, também surgiram *world wide tribes*, [de onde saíram] artistas que vendem relativamente poucos discos, mas com alcance mundial. O Animal Collective é um bom exemplo disso: eles podem tocar em qualquer cidade do mundo, ainda que sejam shows pequenos. Essa "tribalização" é um fenômeno do século XXI, e é muito interessante –há pequenos grupos de pessoas por todo o planeta ouvindo algum tipo de música e se comunicando, formando comunidades virtuais. Outra coisa interessante é a "síndrome Clap Your Hands Say Yeah", quando a própria banda vendeu seu disco. Aquilo foi gigantesco, e nunca teria acontecido antes.

Mas você não acha que esses hypes são efêmeros? O Clap Your Hands foi muito falado durante um tempo, mas agora deu uma sumida, como outras bandas da época. Por outro lado, bandas como o Melvins estão aí há vinte anos, sempre underground. Foram influência para as bandas de Seattle e hoje são influência de bandas como Mastodon, Boris e Harvey Milk, que estão renovando o metal.

Em primeiro lugar, se me permite dizer, o fato de você conhecer uma banda como Harvey Milk, que é muito obscura, é algo totalmente do século XXI. É bizarro, porque eles vendem, sei lá, dez discos - mas eles são demais, gosto muito da banda. Quanto à sua pergunta, é difícil saber, porque grupos como Clap Your Hands Say Yeah, Tapes'n'Tapes e outros ainda estão para lançar o terceiro disco, que é o decisivo. O segundo geralmente nunca é tão forte quanto o primeiro, por isso não importa em que década ou em que selo você esteja, o terceiro disco é a prova dos nove. Então ainda vamos ver o que vai acontecer. Mas acho que o centro desse fenômeno é uma música que causa sensação imediata, que pega com facilidade, deixando artistas mais sutis em segundo plano. São bandas mais espetaculares, como Clap Your Hands, Tapes'n'Tapes, Ra Ra Riot - gosto muito de Ra Ra Riot, o som deles gruda fácil -, que mal haviam surgido e já foram literalmente empurradas para palcos imensos, na frente de muita gente. Os integrantes são muito jovens, ainda estão definindo sua identidade. Mas a adaptabilidade dos artistas é grande, e acho que, se você é bom, até o processo de se descobrir será interessante de assistir.

No seu livro, Thurston Moore diz que, quando o Sonic Youth foi à Inglaterra pela primeira vez, eles perceberam que trabalhavam bem mais do que as bandas inglesas. Você acha que o grande diferencial daquela geração foi o trabalho duro?

Sim, acho. Os EUA foram fundados por puritanos, e existe algo chamado "ética de trabalho protestante" (risos). Isso está enraizado na cultura americana, as pessoas trabalham pesado, ficam horas e horas no trabalho, preocupadas com eficiência. Algumas vezes esse esforço é mal direcionado, em outras vezes é inocente, mas em geral as pessoas são muito disciplinadas. E isso já vem de muito tempo - havia pessoas como o filósofo Henry David Thoreau, muito pragmáticas, estressadas, trabalhadoras, previdentes. E essa corrente ainda está presente na cultura americana, - embora também haja pessoas muito imprudentes (risos). Pessoas como Mike Watt, Ian Mackaye e Steve Albini vivem segundo esses princípios: eles trabalham bastante e se importam muito com o que fazem. O Sonic Youth também é um grande exemplo: eles fizeram turnês exaustivas, trabalharam muito pela música deles e fizeram tudo que foi necessário para sobreviver como banda. Acho que o trabalho pesado – como eu mesmo descobri, trabalhando diariamente por três anos - produz resultados. Thomas Edison disse que o sucesso é 1% inspiração e 99% transpiração, então acho que o segredo é esse.

ESSA "TRIBALIZAÇÃO" É UM FENÔMENO DO SÉCULO XXI, E É MUITO INTERESSANTE - HÁ PEQUENOS GRUPOS DE PESSOAS POR TODO O PLANETA OUVINDO ALGUM TIPO DE MÚSICA E SE COMUNICANDO, FORMANDO COMUNIDADES VIRTUAIS.

O livro em geral retrata o underground americano como uma cena relativamente harmônica, mas nós sabemos que havia diferenças. Tem por exemplo a história sobre o Hüsker Dü e o Black Flag enchendo o Ian Mackaye por ser straight edge. Como você acha que **essas diferenças foram trabalhadas para fazer a cena funcionar?**

É evidente que dentro da cena underground existem diferentes campos, pessoas extremamente opostas. Como os Butthole Surfers, que eram um bando de doidos, tomavam muitas drogas, mas também trabalhavam bastante, e isso é uma coisa que muitas pessoas não percebem: por mais que os Butthole Surfers fossem drogados, eles se importavam muito com sua música, a ética de trabalho deles era muito forte. No geral, as pessoas se uniram em torno da idéia do punk. Sempre houve interpretações diferentes sobre o que era o punk, como ele devia soar, mas a idéia principal era apenas ser você mesmo e não se importar em vender discos em grandes lojas. Então, nesse sentido, os Butthole Surfers eram punk rock, o Black Flag era punk rock e o Sonic Youth é punk rock. Se bem que isso tudo mudou quando o Green Day apareceu e disse: "O punk rock agora é uma fórmula" (risos). O punk era uma atitude, não um som, e essa atitude podia ser interpretada de várias formas diferentes, e tudo bem. Acho que as pessoas entendiam isso – havia competição, mas também era preciso cooperar. Havia cartazes bizarros, com bandas muito diferentes tocando na mesma festa, mas as bandas sabiam que teriam de cooperar na hora do show, ajudar a carregar equipamento etc. E eles também sabiam que estavam construindo uma comunidade, uma rede de trabalho. Aquela comunidade foi construída e isso foi bom para todo mundo. O Black Flag podia desprezar o Beat Happening, mas eles sabiam que seria uma boa idéia tocar em um clube comandado pelo Beat Happening em Olympia, Washington. Podia haver diferenças filosóficas e musicais, mas o sentimento geral era de construir uma comunidade para que todos pudessem desfrutar dela.

» Saiba mais:
michaelazerrad.typepad.com

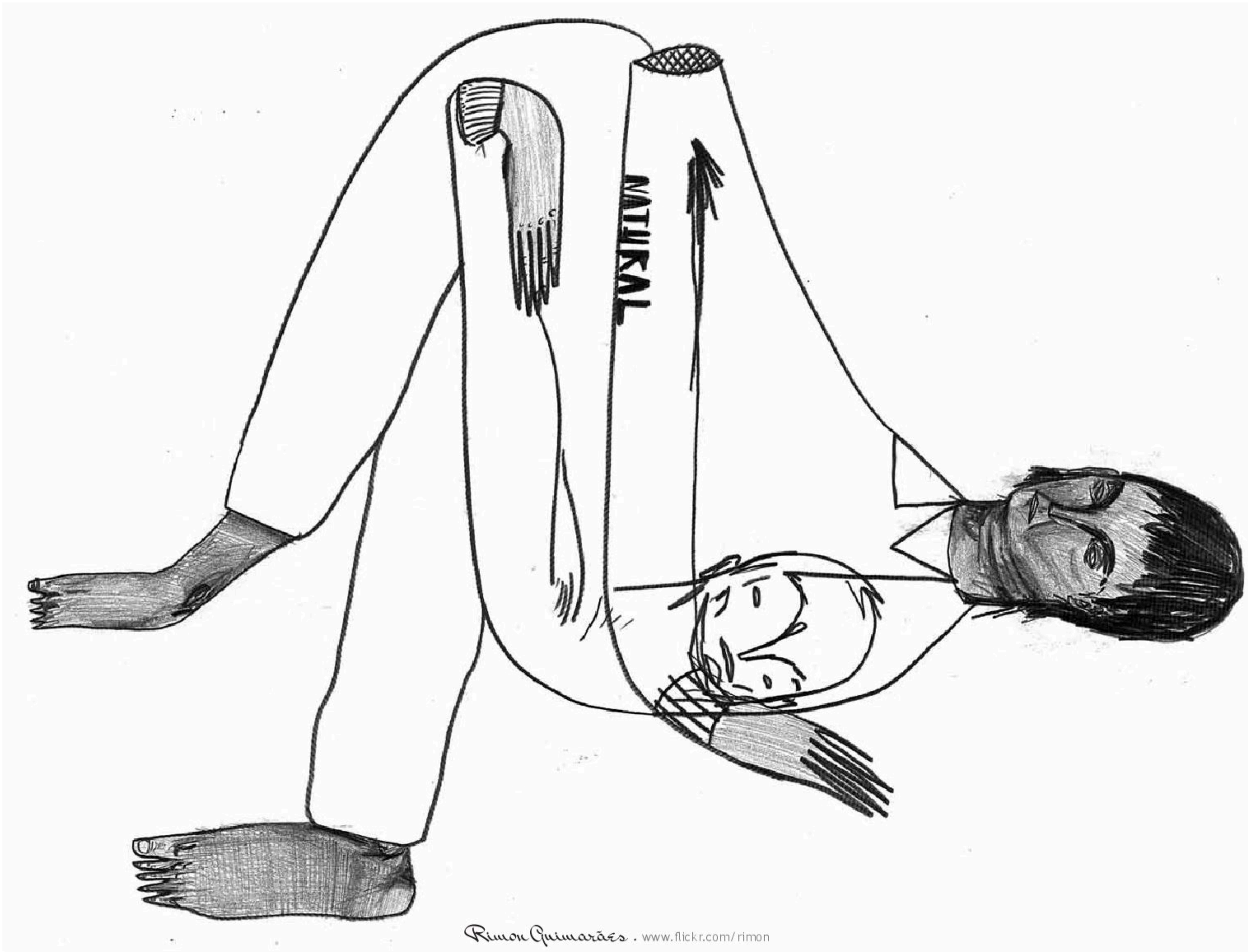
Veja video e a entrevista completa em www.maissoma.com

O desenho muitas vezes é visto como o primo pobre da pintura e da gravura – talvez porque faça parte do processo de produção destas duas. Mas, para nós, ele não é.

Clube do desenho

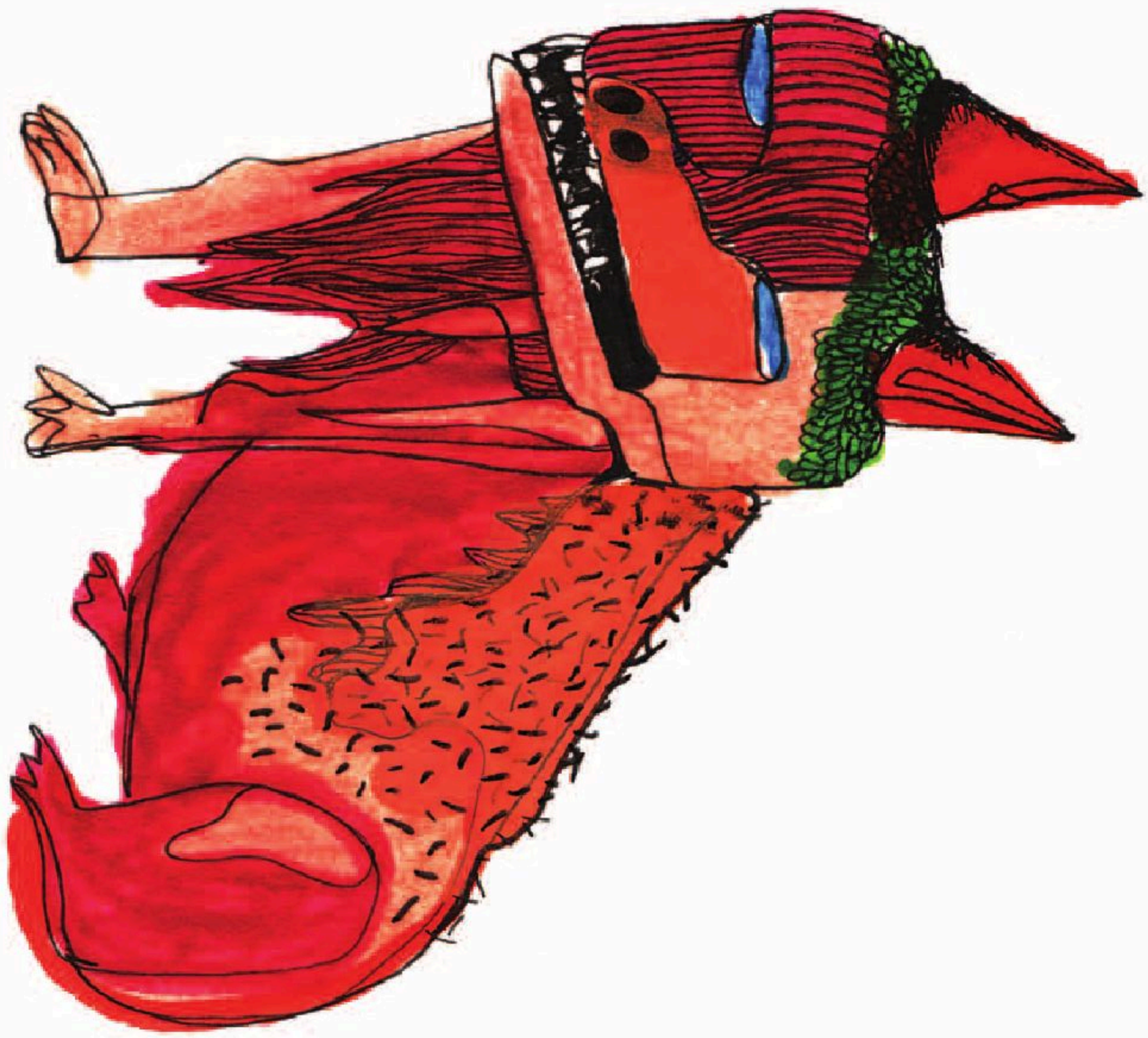
Convidamos cinco novos artistas, pinçados da rede de relacionamentos da +Soma na internet, para mostrar suas criações nesse suporte. Coloridas ou P&B, realistas ou fantásticas, as imagens falam por si só e enobrecem o desenho como forma de expressão. ⏩

CLUBE DO DESENHO CONTA COM O APOIO DA NIKE, QUE, ASSIM COMO A +SOMA, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO A CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

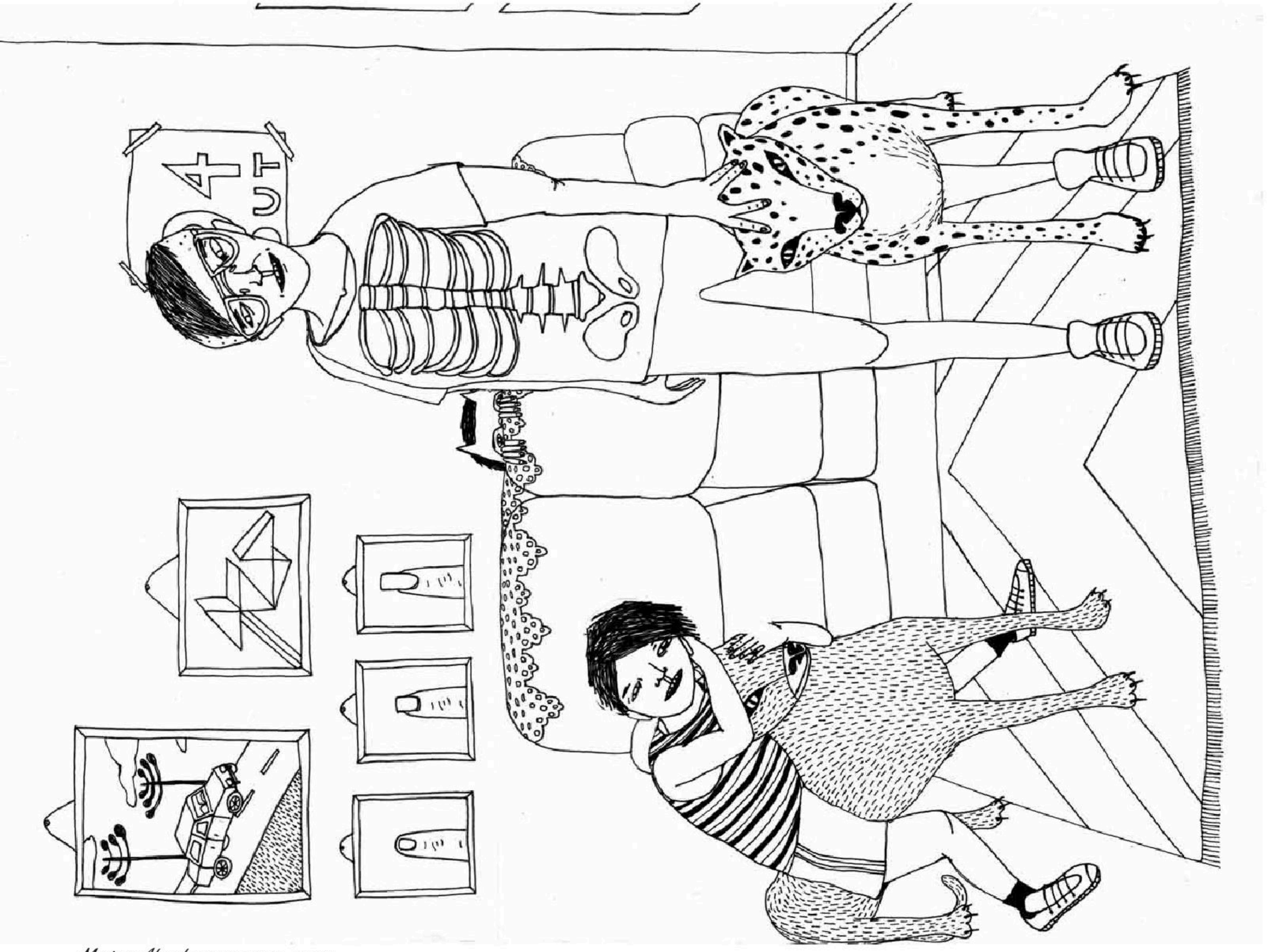


Rimon Guimarães . www.flickr.com/rimon

Dea Lellis . www.flickr.com/monstrosboo



Dom Vital. www.flickr.com/dom_vital



Lucas Biazon . www.flickr.com/anywheredotdoc

GUIZADO E A IMENSA SOLIDÃO CINZA

Por Arthur Dantas. Fotos por Fernando Martins

GUILHERME MENDONÇA, 36, CONHECIDO NA CENA MUSICAL COMO GUIZADO, É ANTES DE TUDO UM CARA MUITO BEM RELACIONADO. PUNX, SEU ÁLBUM DE ESTRÉIA MUITO BEM RECEBIDO PELA CRÍTICA, CONTOU COM PARTICIPAÇÕES DE MAURÍCIO TAKARA (HURTMOLD, SP UNDERGROUND, TRIO ESMERIL), MAURÍCIO ALVES (MESTRE AMBRÓSIO), RÉGIS DAMASCENO E RYAN BATISTA (AMBOS DO CIDADÃO INSTIGADO). COM RÉGIS E RYAN, ALÉM DO ÓTIMO CURUMIN NA BATERIA, GUILHERME TEM SE APRESENTADO POR TODO O BRASIL E VEM CONQUISTANDO UM PÚBLICO POUCO FAMILIARIZADO AO SOM CÍCLICO E DISSONANTE DO MÚSICO PAULISTANO. O ÁLBUM, LANÇADO PELOS SELOS DIGINÓIS E URBAN JUNGLE, É O PRIMEIRO DO TROMPETISTA SOB A ALCUNHA GUIZADO: "EU FIZ A PRODUÇÃO INTEIRA, COM AUXÍLIO NOS ARRANJOS DO PESSOAL DA BANDA. MAS A CONCEPÇÃO E A PRÉ-PRODUÇÃO FOI TODA MINHA. FOI UM LANCE PUNK MESMO, BEM FAÇA-VOCÊ-MESMO." ⏩

Onde você gravou o disco?
A gente gravou no Rocha (estúdio tradicional no bairro de Pinheiros, em São Paulo). Gravamos, masterizamos e mixamos lá em duas semanas. É um dos poucos estúdios de São Paulo feito para bandas, porque agora tem muito estúdio feito para gravar publicidade. Lá se tem a opção de gravar em rolo e foi o que fizemos, em 24 canais. Mixamos numa mesa analógica e ainda usamos outros equipamentos eletrônicos, efeitos, um delay de fita alemão... O estúdio fez toda a diferença para o disco porque deu aquele "toque da casa", que influenciou na sonoridade final.

Como os músicos que tocam com você influenciam nas composições? Você já chega com todos os instrumentos arranjados, bem formatados?
Não. Só agora estou experimentando chegar com as idéias mais bem acabadas. No caso do Punx, eu chegava só com uma imagem e o esqueleto. Nos ensaios o pessoal vinha com idéias e eu adequava a estrutura geral em função dessas idéias. A sonoridade, o beat, as melodias, os climas, tudo isso já estava pré-estabelecido. Mas nos ensaios a coisa muitas vezes virava algo que não era o que tinha imaginado em casa.

De onde você tirou o nome do disco, *Punx*?
Tem a ver com a filosofia do punk mesmo. Porque, quando comecei a fazer o disco, me vi na situação de ter que bancar tudo, correr atrás de capa, de gravação, ter que organizar um milhão de coisas. Por outro lado, tem essa coisa do punk com "x", que seria uma coisa mais "experience", do Jimi Hendrix Experience, mais lisérgico, viajandão. Não tem a ver com aquela coisa mais dura do punk com "k". É um lance mais da paz mesmo.

Se o Guizado tivesse letras, sobre o que elas falariam?
Esse é um desafio que tenho me colocado. Tenho duas músicas novas com letras, fico horas buscando versos e tem tanta coisa pra se falar... Isso abre um leque muito amplo de possibilidades para comunicar algo, contar uma história, é um caminho que estou buscando. Escrevi a letra de uma música agora que fala sobre coisas misteriosas, rola uma brincadeira com o som das palavras, esse jogo entre o significado e a sonoridade, um lance meio labiríntico. Tem sido algo mais para esse lado.

Você trabalhou muito como músico contratado por outros artistas. Quando você decidiu fazer um trabalho autoral?
Acho que foi quando passei a morar sozinho. Tive mais calma, pude pensar mais. E coincidiu que foi quando comecei a tocar com artistas mais autorais, como o Dona Zica - que foi um grupo que me influenciou muito -, o Curumin, o Maurício Takara, o Fernando Catatau e o Cidadão Instigado, o pessoal da Nação Zumbi... todos eles me influenciaram. Foi trabalhando com esse pessoal que comecei a pensar em fazer algo meu, fiquei instigado. Ao conhecer essas pessoas e muitas vezes trabalhar com elas criei confiança, porque eu tinha algo a dizer também. E foi aí que resolvi misturar todas as influências que acumulei.

DENTRE OUTROS, GUILHERME MENDONÇA JÁ HAVIA APRESENTADO O SEU TROMPETE ACOMPANHANDO ARTISTAS COMO CURUMIN, DONA ZICA, LUCAS SANTANNA E AINDA SE APRESENTA PARALELAMENTE COM O TRIO ESMERIL, COM O QUAL REALIZOU UMA TEMPORADA EM SÃO PAULO TOCANDO VERSÕES PARA OS AFRO-SAMBAS DE BADEN POWELL E VINÍCIUS DE MORAES. E, COMO É POSSÍVEL ATESTAR, APESAR DA INFLUÊNCIA "MORAL" DO PUNK EM SEU TRABALHO, O TROMPETISTA QUEBRA CERTA IDÉIA ASSOCIADA COMUMENTE AO PUNK: A NOÇÃO DE POUCO CONHECIMENTO MUSICAL E DOMÍNIO FRÁGIL DE SEU INSTRUMENTO. "SEMPRE FUI MUITO CURIOSO." O MÚSICO, QUE SE INTERESSA POR DIVERSOS ESTILOS MUSICAIS EXPLICA SUA PASSAGEM POR VÁRIOS INSTRUMENTOS: "COMECEI NA BATERIA, FUI PARA A GUITARRA E DEPOIS CHEGUEI AO TROMPETE". MAS, ACIMA DE TUDO, MOSTRA COMO TODA ESSA CURIOSIDADE, ALIADA AO APOIO FAMILIAR, FEZ COM QUE O ELE SE EMPENHASSE NOS ESTUDOS MUSICAIS.

Eu queria saber o seu histórico familiar. Havia outros músicos na família?
Cara, em casa sempre teve muitos discos. Meu pai sempre gostou de música e tinha muita coisa bacana, vários discos do Caetano Veloso, do Chico Buarque, do Tom Jobim, coisas de jazz. Logo que ganhei uma guitarra do meu pai, ele me deu o *Eletric Ladyland* do Jimi Hendrix e falou: "Olha, esse é o melhor guitarrista que existe, escuta bastante que ele vai te ensinar muita coisa". Tenho um primo talentosíssimo que tocava guitarra. Sempre tive a presença da música, dessa coisa de brincar com instrumentos. Tive apoio para explorar esse lado musical. Na adolescência fiquei sócio de um sebo chamado Sebo de Elite, que era parecido com a internet de hoje em dia. Você podia alugar discos lá,

e assim eu ficava em casa escutando discos o dia todo. Dava pra escutar na própria loja também.

E nessa época o que você escutava?
Eu ia na Pop's [famosa loja de CDs em São Paulo] e comprava muito Van Halen, Beatles, Rolling Stones, AC/DC, era meio essa praia que eu curtia na época. Mas, depois que fiquei sócio do sebo, abriu na minha cabeça toda uma avenida. Muito jazz, Miles Davis, Dizzy Gillespie, muito Frank Zappa também...

Teve alguém que te influenciou nessa passagem?
Uma das coisas que me levaram para o jazz foi um livro que eu li, o *On The Road* do Jack Kerouac. Eu pirava lendo ele falar de bebop e alguma coisa me puxou para esse lado. Comecei a fuçar na parte de jazz do sebo, a pegar os discos dessa galera do bebop, do Charlie Parker. E tinha minha curiosidade também, fui atrás de coisas como The Animals, The Jam, Kinks. Sempre fui muito curioso.

E, desse ambiente familiar, só você foi para a música?
Não, meu irmão seguiu para outro lado. Ele virou produtor de rap, mas sem uma educação musical mais formal, nunca estudou nenhum instrumento. Ele mexe muito com MPC e atualmente toca com o grupo de rap SP Funk. Ele pegou a coisa mais das ruas, e eu fui para o lado da reclusão, de estudar. Rolou um pouco de conflito, cada um querendo demarcar seu território, cada um querendo impor sua verdade. Eu falava que ele tinha que estudar música, e ele me falava para sair mais para a rua, fazer contatos, conhecer pessoas. Na verdade, os dois tinham razão e hoje equilibramos as coisas.

E você gosta de rap?
Gosto muito. Na época em que ele foi para o hip-hop, eu também ouvia muito esse som. Foi um tempo nos anos 90 que tinha De La Soul, A Tribe Called Quest, uma época mais aberta, mais musical até. Gostava de Run DMC também. Hoje em dia tá surgindo uma galera com essa musicalidade.

E foi em função de escutar jazz nessa época que você chegou ao trompete.
Foi. Paralelo à descoberta do *On The Road*, teve um amigo também que foi fundamental. Ele tinha um saxofone e depois do colégio ia para minha casa escutar uns discos. O avô dele tinha um trompete encostado. Daí pensamos: "Vamos fazer um naipe de sopro". A gente colocava umas coisas de blues, do Dizzie, e ficávamos tentando tocar em cima. Blues tem uma escala que quase sempre cobre toda a música. E eu nem sabia como achar as notas ainda, ia na tentativa e erro. Era muito legal, um lance que rolava a tarde inteira, todo dia.

E depois você foi estudar música para valer?
Sim, fui para uma escola chamada Groove, em uma época maravilhosa. Porque você tá ali na adolescência, não sabe direito o que quer da vida... e o pessoal da escola falava: "Olha, se você quiser ser músico, pode vir pra cá todo dia porque você vai fazer parte de um programa de estudos junto com umas seis pessoas que ficam aqui o dia todo estudando". E rolava todo tipo de estudo, a gente ficava até a escola fechar. O dono do lugar era meu vizinho e sempre dava altos toques, dizia o que eu precisava melhorar, me indicava coisas pra escutar. Era uma convivência de aprendizado diária.

Nas resenhas sobre seu disco percebo certa indecisão sobre o estilo de música que você toca, porque há elementos de eletrônica, jazz e rock. Na verdade, você pensa sua música de uma maneira rock, não?
É, você tá certo. Eu meio que virei as costas para um monte de coisa na adolescência... achava que jazz era o estilo superior mesmo. Foi bom porque aprendi um pouco do vocabulário do jazz. Mas nunca me vi como um jazzman, sabe? Mesmo naquela época. Nunca quis ser daquele rolê, de tocar de terno. Você tem que ser honesto e autêntico, saca? Você só é feliz no que faz quando acha autenticidade. É bom buscar coisas no passado, ter uma bagagem legal, para se ter uma ajuda criativa. Me emociono com várias coisas do pop, andei de skate, ouvi muito rock ainda bem novo... e achei um jeito de fazer tudo isso conviver dentro de mim de forma pacífica. Fiz todas essas coisas se entenderem, terem uma lógica, e a partir daí comecei a me encontrar de verdade. Foi quando deixei de ser estudante de música, um ouvinte que imitava o fraseado de trompete dos discos, para ser músico de verdade, com uma linguagem minha.

NÃO PENSO QUE ESTAMOS CONDENADOS SOMENTE AO CAOS DE UMA METRÓPOLE POUCO PLANEJADA. REALMENTE EXISTE ESSE LADO. MAS TEM O LADO COLORIDO, DAS RELAÇÕES COM AS PESSOAS, QUE TRAZ ALEGRIA E ESPERANÇA.

E teve algo na música pop que usava trompete e te chamava a atenção na adolescência?
Tinha algumas coisas. Lembro do Erik Truffaz, que me fez muito a cabeça, porque usava bastante distorção. O próprio Miles, no *On The Corner*, estava buscando essa coisa – ele tava ouvindo Jimi Hendrix, James Brown, Sly & The Family Stone. Miles foi um cara que mostrava uma saída pra mim.

Muitos falam que sua música se nutre muito da cidade de São Paulo, um lugar notoriamente tenso, carregado. O quanto disso é verdadeiro no seu trabalho?
São Paulo pode ser vista de várias formas. Tem um lado caótico que se reflete um pouco na minha música, mas a cidade também traz um sentimento de abandono, de solidão, que, apesar da cacofonia forte, tem uns momentos introspectivos, melódicos, uns riffs mais coloridos de guitarra.
São Paulo tem a coisa do caos, do free jazz, mas também tem o lance do sujeito que quer ficar bem dentro de uma imensa solidão cinza, apesar de estar sempre rodeado de gente. Não penso que estamos condenados somente ao caos de uma metrópole pouco planejada. Realmente existe esse lado. Mas tem o lado colorido, das relações com as pessoas, que traz alegria e esperança, não é só o deserto de concreto. Por isso que a capa que o MZK fez tem várias pessoas, eu falei para ele: "Cara, tenta fazer uma cena de esquina, um boteco, com vários personagens". É isso que faz a vida da cidade respirar, porque aqui não temos um horizonte azul, flores, colinas e matas... A cidade respira é por meio dessas relações humanas.

E o que anda fazendo sua cabeça atualmente? O que deixa sua vida mais colorida nessa imensidão cinza?
Muita coisa. As descobertas musicais e as coisas antigas, como os Beatles do álbum branco, do *Sgt. Pepper*, do *Abbey Road*... são coisas que escuto quando quero ter esperança, sentir coisas boas.
Além dos clássicos, tenho escutado muito Stereolab, Broadcast, produtores como o Prefuse 73, gosto de Joy Division...

Você gosta de música rica de texturas e ambientações. Acho que essa é a grande particularidade do seu trabalho, a forma como você cria texturas por meio do trompete...
É, pra caramba. Eu tento levar o trompete para outro lugar, para outro contexto, dar outra função. Não só fazer aquela coisa tradicional de uma melodia bela. Eu piro em grupos como o Stereolab e o Broadcast, em como eles colocam o baixo na frente da música e dão uma cara diferente, em como usam os sintetizadores etc.

E daqui para a frente, o que você espera?
Me desenvolver mais. Tô amadurecendo no lance de composição, em estruturar as canções. Agora é pensar nas letras, não como um cancionista, mas de outra forma, para poder me comunicar melhor, captar a atenção de quem está ouvindo.
E com certeza no ano que vem tem outro disco, tenho já umas cinco músicas novas e elas estão com uma cara diferente. O sonho de ser músico partiu do desejo de ter algo autoral, desde sempre. Mas foi bom ter tocado com todo mundo, passar por esse processo e agora estou batalhando para manter essa posição de ter um trabalho solo. Até aqui estou satisfeito... mais do que eu esperava! (risos)

▸▸ Saiba Mais
www.myspace.com/guizado

Veja em www.maissoma.com vídeo exclusivo

A Forma da pintura que virá

Por Arthur Dantas* . Imagens cedidas pelos artistas

Algo de muito interessante vem acontecendo nos últimos anos em São Paulo: o surgimento de uma sólida geração de pintores. São artistas na casa entre os 20 e 30 anos. Curiosamente, e sintomático de nosso tempo, não há um caráter de movimento ou escola – a unidade se dá apenas pelo fato de usarem a pintura como meio de expressão.

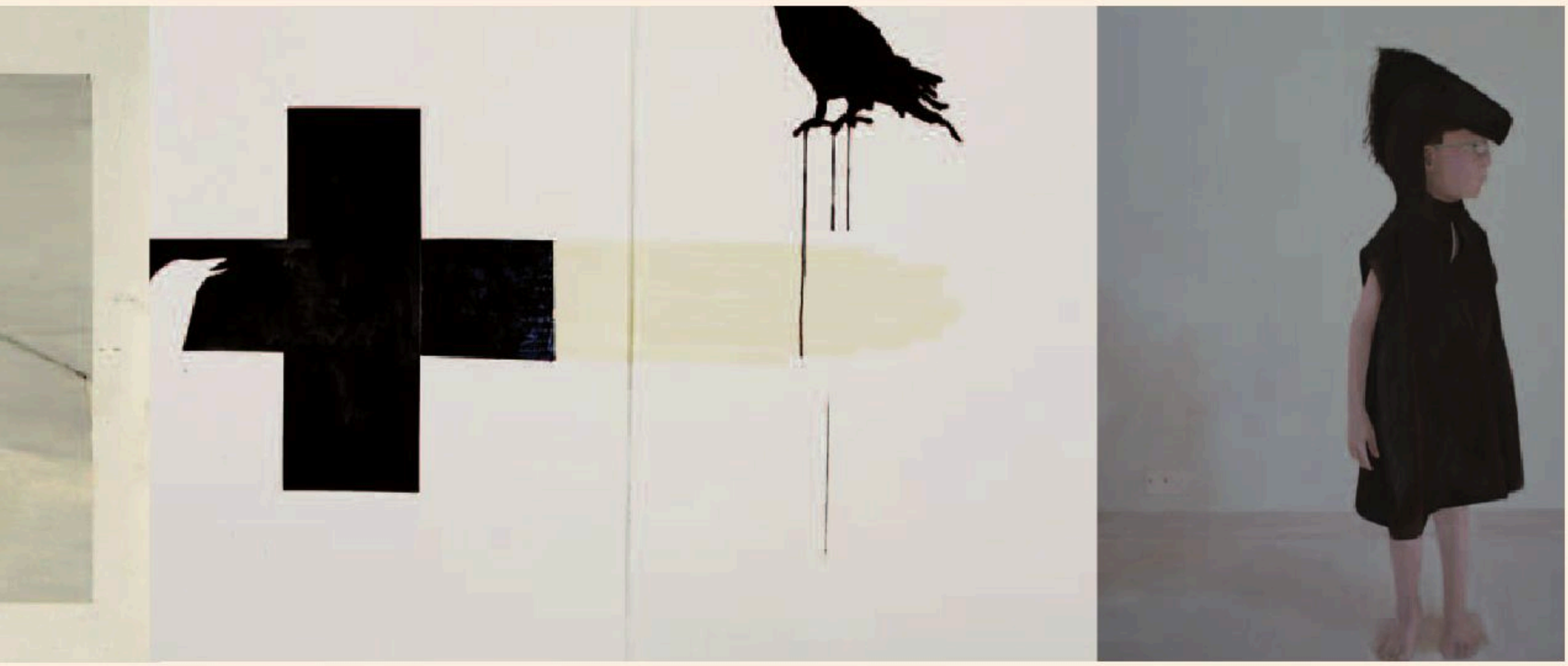
"*Na faculdade ninguém pintava*", diz, enfático, o artista plástico Marcos Brias, 28, que trabalha no mercado editorial. E completa: "*Na FAAP (faculdade particular paulistana) tinha umas três ou quatro pessoas que faziam pintura – toda turma tem uma meia dúzia que faz pintura, talvez agora tenha mais. Mas é um pessoal que quer fazer pintura de cavalete*". O denominador comum dessa geração é a pintura como vocação, a formação acadêmica e uma tentativa consciente de atualizar e dialogar com a pintura contemporânea.

Ana Prata . *Retrovisor,* 2008 . Óleo sobre tela

Renata De Bonis . *Landscape II*, 2007 . Óleo e cera sobre papel

Na imprensa, tal agitação ganhou ares de movimento após a exposição "2000e8", com curadoria de Paulo Pasta, que aconteceu de 5 de agosto a 6 de outubro no SESC Pinheiros, em São Paulo, e ganhou amplo destaque na imprensa nacional. Dessa exposição, participaram Ana Elisa Egreja, Bruno Dunley, Marcos Brias, Marina Rheingantz, Regina Parra, Renata de Bonis, Rodolpho Parigi e Rodrigo Bivar. Além desses nomes, há outros artistas que já têm um currículo de exposições individuais ou coletivas, como Ana Prata, Tatiana Blass, Henrique Oliveira, Ulisses Garcez, Rafael Carneiro, Leopoldo Ponce e Eurico Lopes, entre outros.

Nesta matéria, trataremos do trabalho de Renata de Bonis, Marcos Brias, Rodrigo Bivar e Ana Prata. São pintores que criam universos próprios no uso de elementos reconhecíveis a qualquer pessoa (um desejo de comunicação?) e têm em comum a preocupação maior com relações propriamente pictóricas do que temáticas – dialogam com as coisas do mundo e menos com questões inerentes ao mercado de artes e da história. »



Marcos Brias . Torre de Pisa . *Cena amor*, 2008 . Óleo sobre papel

Rodrigo Bivar . *Hóspede*, 2008 . Óleo sobre tela

Landscape I, 2007
Óleo e cera, sobre papel

Materializar o Tempo

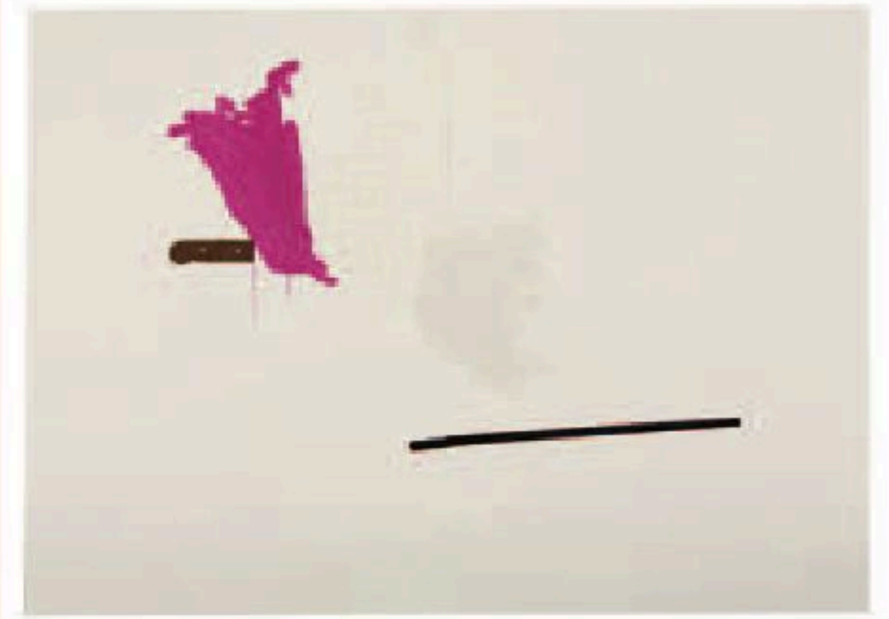
Segundo Renata de Bonis

Renata de Bonis, 24 anos, tem doze exposições no currículo e recentemente se tornou artista da galeria Laura Marsiaj no Rio de Janeiro. Renata começou a se dedicar exclusivamente à pintura há três anos. Seu interesse surgiu depois de uma viagem à Europa, onde teve a experiência de exercitar um olhar estranho e estrangeiro. "*(Na Europa) vi muita pintura. Antes eu fazia escultura, outras coisas. Na Europa há todo um gosto por pintura e vi muita coisa importante ao vivo. Por exemplo, eu fui para Bologna e vi as paisagens que o Giorgio Morandi (pintor italiano do início do século XX) via, e aquilo mexeu comigo. Quando voltei, comecei a fazer pinturas desses lugares. Comecei a pintar lugares que tinham alguma relação afetiva. (...) Percebi que ali a relação que eu tinha com a paisagem era igual ao tempo para ver uma pintura.*"

Essa relação que Renata sugere é expressa em uma pintura de poucos tons, e a representação da paisagem não sugere realismo, pelo contrário: muitas vezes ela caminha em direção ao abstrato. "*Apareceu esse branco mais iluminado, porque comecei a pintar neve, daí comecei a brincar com isso, fazer uma pintura em que todas as cores partiam do branco. Fui pesquisando, descobri um pintor chamado Armando Reverón (pintor venezuelano do início do século XX, marcado por três fases, divididas de acordo com a tonalidade), que fazia pinturas de paisagens monocromáticas. Comecei uma pesquisa de fazer cada vez mais pinturas com menos cores. Às vezes enche o saco e faço trabalhos mais coloridos, mas essa coisa dos tons acabou quase virando o assunto central do meu trabalho.*"

Pergunto o que lhe interessa na pintura de paisagem: "*O que sempre gostei na pintura de gênero é a questão de tempo e registro, de não deixar aquele momento ser efêmero, de materializar aquilo que você tá vendo*". Sobre sua paleta reduzida a poucos tons, Renata explica que "*Morandi sempre foi meu porto seguro. E ele tem uma paleta assim*". Morandi, assim como Carlo Carrá, Alberto Savinio e Giorgio de Chirico, fez parte da escola italiana de pintura metafísica. Sobre os artistas metafísicos, Chirico disse que "*sabemos que alegrias e dores estão contidas em um pórtico, na esquina de uma rua, entre as paredes de um quarto (...)*". Talvez por isso, o crítico Tiago Mesquita, em uma palestra, tenha encontrado semelhanças entre o trabalho de Renata e a pintura metafísica. Faz sentido: "*Inevitavelmente, pinturas sobre esses lugares acabam carregando a carga de ser um pintor hoje, porque é algo sofrido, pesado, e quando eu consigo terminar uma pintura é uma baita realização. E há certa solidão pessoal mesmo, de se sentir assim quando pinto*", explica a artista. E basta olhar seus trabalhos para entender esta afirmação. Renata prepara uma mostra individual no Rio de Janeiro, onde mostrará novos trabalhos. Agora ela abanonou o papel e pinta sobre tela.

Landscape III, 2008 . Óleo e cera sobre papel



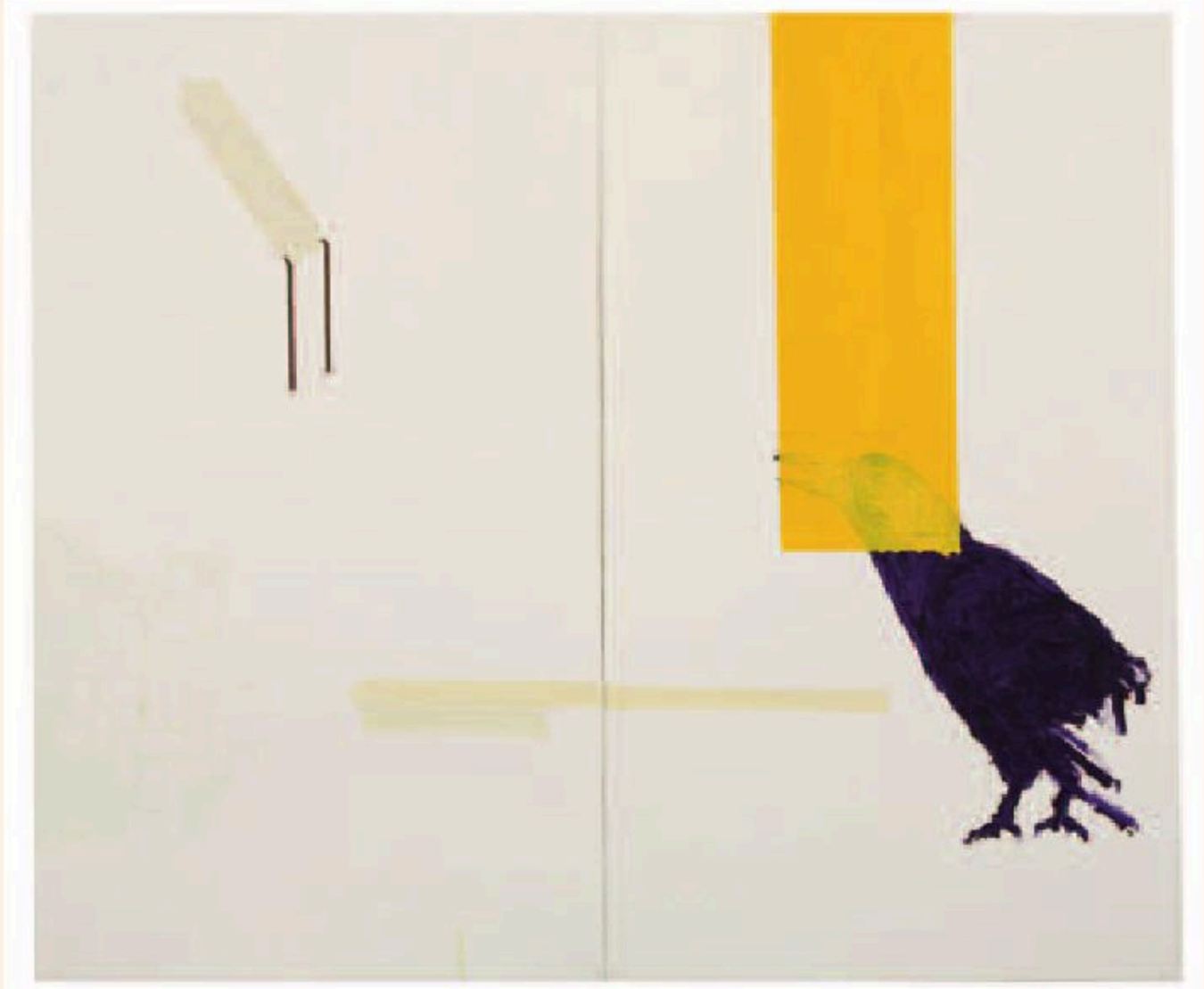
Cena crime, 2008
Óleo sobre papel

O Trabalho Editado de Marcos Brias

O trabalho de Marcos Brias, 28 anos, é uma colisão de elementos pictóricos identificáveis - uma fita crepe, um pássaro, por exemplo – e a mais pura abstração. Em algumas exposições, repete certos elementos, criando uma narrativa que identifica como "*possível influência de quadrinhos*". O fato é que essa relação entre figurativo e abstrato resulta em um jogo de espelhos. "*Tem uma coisa muito forte de figuração hoje, que já virou quase uma escola. Isso vem muito da fotografia - de fotografia de ambiente, que tem uma luz meio mal feita. Nunca tive vontade de fazer algo assim, apesar de gostar de fotografia, porque não queria fazer pintura figurativa. Comecei então a colocar mais desenho no meu trabalho. Achei que tinha a ver, porque eu sei que é uma pintura, mas é uma pintura ao contrário. Pintura você faz por adição, e no meu caso a pintura surge por subtração.*"

Essa característica da obra de Brias, que trabalha há anos no mercado editorial, permite uma analogia com a literatura por parte do artista, muito pertinente: "*Eu vou com um cenário pronto e elimino o que acho excessivo, vou deixando umas marcas. É como fazer poesia – saber escolher as palavras muito bem, para não deixar gordura na pintura. (...) Eu leio muito e tenho esse lado de editor, minhas referências vêm muito mais da literatura que das artes plásticas*".

Attorney, 2008
Óleo sobre papel

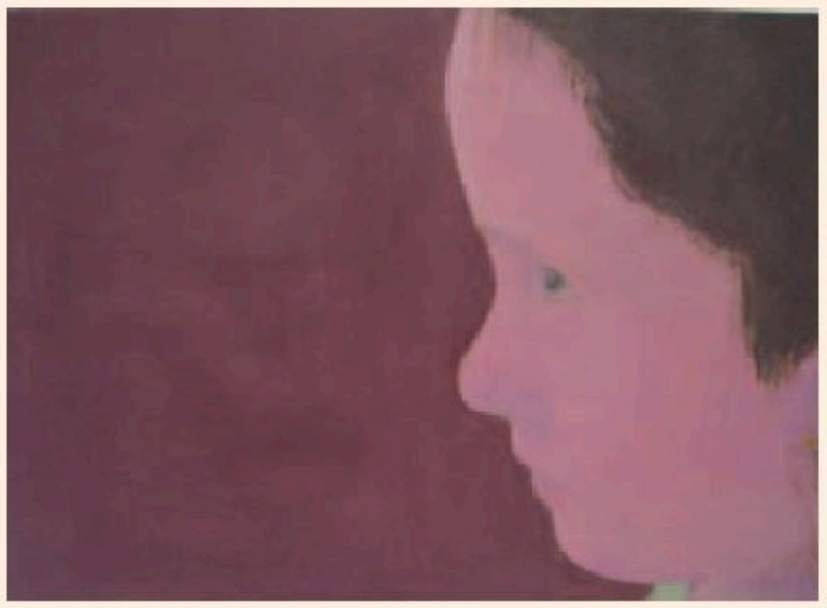


Nos trabalhos presentes em sua nova exposição na galeria Marília Razuk, em São Paulo (curadoria de Rodrigo Andrade e que conta ainda com Ana Prata e Bruno Dunley), os trabalhos sintetizam tanto o lado editor como o encontro do figurativo e o abstrato. "*Não quero trazer, por exemplo, a abstração. As minhas figuras são meio abstratas. Você vê o corvo ali na pintura, mas é também uma baita mancha. Eu acho mais interessante isso. Eu acho muito acertada a analogia com a poesia. Gosto dessa indefinição: é desenho? É pintura? É abstrato? É figurativo? Quando você faz uma pintura figurativa e tudo é reconhecível, é muito forte aquilo ser daquela forma. Você nunca vê a pintura e a figura, vê um ou outro. Na minha pintura eu busco mostrar os dois*", resume Brias.

Digo que, pelo catálogo da exposição "200e8", há impressão de um intenso contato entre os oito artistas. Marcos dá sua visão sobre o momento vivido até a concretização da exposição.

"*Eu sempre me senti o patinho feio da turma. Não vendo, eu trabalho, tenho carteira assinada e não sou pintor em tempo integral como o pessoal. E sempre fui o que menos produz. Nesse sentido foi muito estimulante, por olhar todo mundo produzindo, ver aqueles trabalhos todos 'chiquérrimos'. Tem isso também – acho meu trabalho muito pouco chique. Claro que tudo é meio truque: a tinta escorrida não é por acaso. Eu tenho uma relação um pouco menos* fine arts *do que os outros. Foi bom porque deu pra entender o lugar de cada um. Meu trabalho tem um lado bagaceiro, ainda que tenha refinamento de pensamento, de procedimentos. Foi bom estar no grupo para ficar confortável com isso.*"

Mina, 2008
Óleo sobre tela



O Tempo da Pintura e o Tempo do Olhar de Rodrigo Bivar

Na primeira oportunidade de ver uma obra de Rodrigo, 28, fiquei impressionado. Seja pela dimensão física de seus retratos, seja pela imersão que a pintura proporciona ao olhar. Rodrigo explica: "*Faço uma pintura mais rebaixada, mais calma. O tempo que demoro pra fazer a pintura é, de certa forma, o tempo que a pessoa precisa para ver o quadro. Não é uma fuga, mas a pintura é um lugar para fugir para outro lugar, um artifício*". A pintura pede sua atenção, te atrai e, definitivamente, isso não é um estorvo, mesmo em um mundo que demanda sempre agilidade e rapidez das pessoas.

Desde o início, o artista sabia que sua vocação era a pintura e já entrou com destino certo na faculdade em 2002. O que não sabia era que se notabilizaria pela pintura figurativa (Bivar fez pintura abstrata até 2005). "*Eu achava que pintura abstrata era mais fácil. E percebi que não tinha interesse naquilo. Gosto de uma história na pintura.*" No caso, o assunto da pintura de Rodrigo no momento é realmente a ficção presente em nossas vidas. "*Eu estou fazendo essa série com crianças fantasiadas, penso em fazer uma série no zoológico, tenho uma idéia de vídeo sobre aquelas pessoas que pilotam barquinhos no Ibirapuera. A pintura é um artifício – ela não tem profundidade, é plana e você acredita naquilo que ela mostra. Tudo é mediado pela cultura. Tenho interesse na fantasia, no fato de acreditarmos em coisas que não são o que aparentam. Porque a criança acredita que é um pirata ao se vestir como tal, assim como o adulto trata a experiência de pilotar barquinhos como se realmente navegasse em um navio.*"

Pirata, 2008
Óleo sobre tela

Pude ver uma etapa importante do trabalho de Rodrigo em seu ateliê: a forma como lida com o registro fotográfico. Ele pintava o quadro de uma criança baseado no retrato de um sobrinho. Ainda que guarde semelhanças em linhas gerais com a fotografia, as cores da foto não se manifestam na pintura e elementos fantasiosos são oferecidos pelo artista. O pintor explica que "*algumas cores (da foto) não se resolvem na pintura. Tem também a coisa de não precisar reproduzir a fotografia, porque o legal da pintura é essa coisa de você se perder um pouco, não saber onde vai dar*".

Questiono qual seria seu interesse em pintar retratos. "*Tem o ser humano que sempre vai interessar. Pega um quadro do Manet (pintor impressionista do século XIX). Você pode não conhecer a pessoa retratada, mas aquilo te interessa. Cada ser humano tem uma singularidade e ninguém é igual ao outro. O interesse no retrato é a vontade de falar da vida, de coisas prosaicas.*"

Rodrigo Bivar é artista da galeria Milan em São Paulo e tem uma individual agendada para junho de 2009 no mesmo espaço.

Revista, 2008
Óleo sobre tela

A Pintura ao Alcance das Mãos

de Ana Prata

Ana Prata, 27, terá muito trabalho até o fim do ano. Além da exposição com Bruno Dunley e Marcos Brias, aberta até 20 de novembro, participará de uma coletiva chamada "Entre Cinco Paredes", junto com os artistas Mariana Ferri, Lucas Arruda e Bruno Dunley, que cedeu o ateliê para a montagem. A partir de 8 de dezembro, participa de coletiva no Paço das Artes na USP, faculdade que cursou até este ano.

O trabalho de Ana é baseado em fotografias ("*Se tivesse que fazer de observação, me limitaria de forma radical. Normalmente eu sei o que quero, vou para a internet e fico caçando as coisas*"). Afirmo considerar curioso esse interesse da pintura pela fotografia "*É engraçado porque a fotografia quando surgiu imitava a pintura. As duas coisas sempre andaram juntas. O mundo pra gente hoje é imagem. Temos um acesso ao mundo por imagem que é uma loucura. Eu estava lendo* Moby Dick *e ali a baleia é uma coisa misteriosíssima. Hoje em dia, qualquer criança desenha uma baleia. E nada é muito estranho para a gente. Acho que essa diferença é interessante.*"

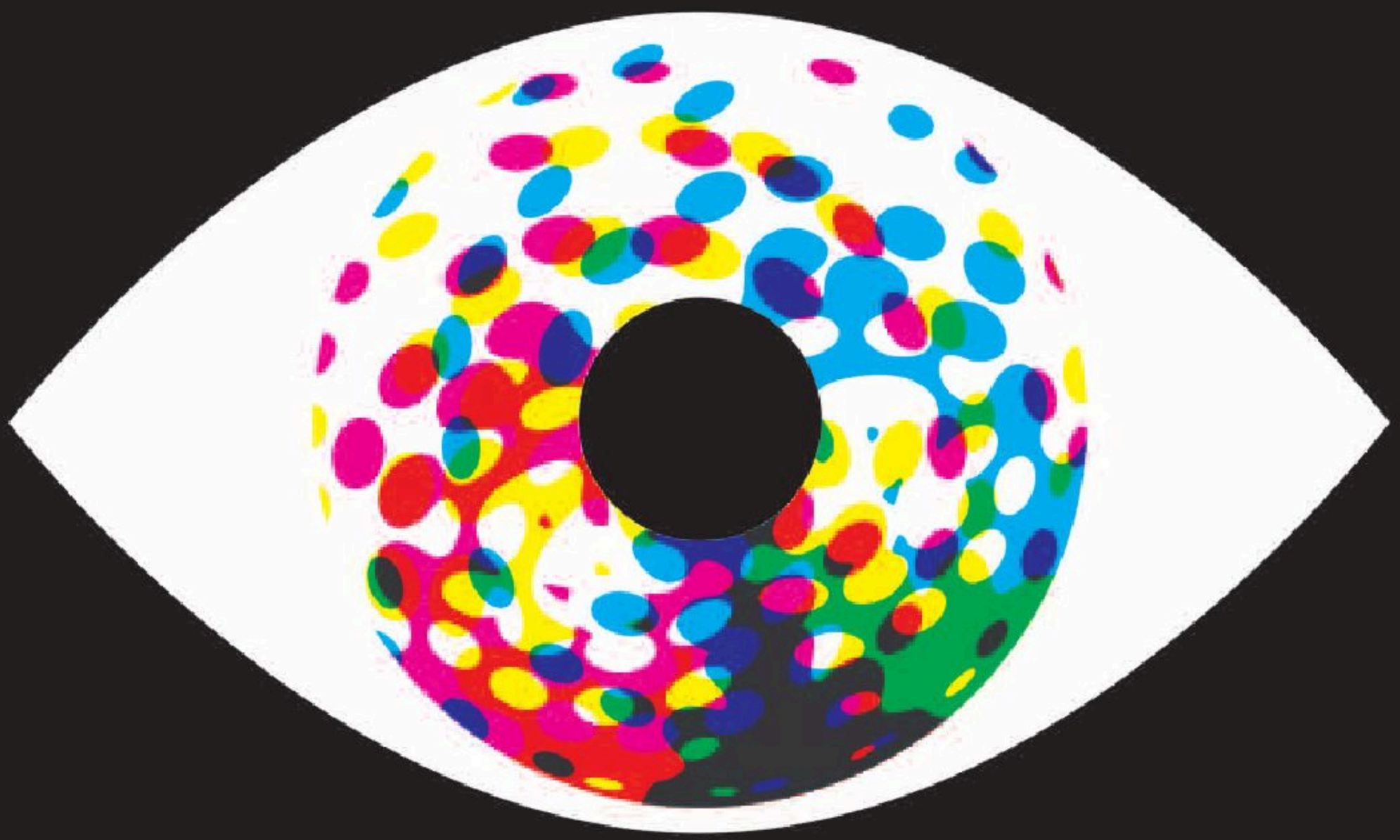
O trabalho para a artista começa onde o de Rodrigo se encerra. Se para um o interessante é a supressão de tons na passagem da fotografia para a pintura, para Ana Prata o que parece lhe interessar é o exagero. A adição de cores fortes, diferenças de tom e de tratamento, o que confere uma certa urgência para seus quadros. "*Às vezes eu olho o quadro e vejo que preciso resolver aquela pintura e acabo dando uma 'estragada' mesmo. O mundo é muito agitado e isso acaba transparecendo um pouco na pintura*". Isso se manifesta de forma curiosa no tempo para a realização de um quadro. Em trabalhos de dimensões semelhantes, Rodrigo gasta vinte dias, ao passo que Ana demora somente uma semana –isso em colegas de ofício que são disciplinados e pintam quase diariamente.

Apesar de não acreditar muito numa idéia estética ou em um discurso artístico que orientaria a sua produção, Ana Prata revela que sua obra é pautada pelos objetos que escolhe retratar, normalmente "coisas mais vulgares, do mundo cotidiano". Diz que "a pintura tem uma tendência a engrandecer o objeto do qual ela trata, mas no fim das contas eu acabo não fazendo isso". Ela teoriza sobre outro aspecto de seu trabalho, baseado na observação de um professor dos tempos de faculdade. "*Há a questão da proximidade dos objetos em minha pintura. Mais do que o tamanho do objeto na visão, o importante é o alcance da mão a ele. Meus quadros têm mais o alcance da percepção do que da visão. E pintura você faz com a mão. Então eu estou pintando algo que está ao alcance da minha mão. O pincel é a mão.*"

Estrada I, 2008
Óleo sobre tela

Por fim, se podemos achar um traço em comum dentre os quatro artistas retratados, seria a vontade de se comunicar com o público, expressando de formas diversas essa atitude de participar do mundo, tão cara aos jovens.

**Agradeço aos diversos toques e observações de Tiago Mesquita*



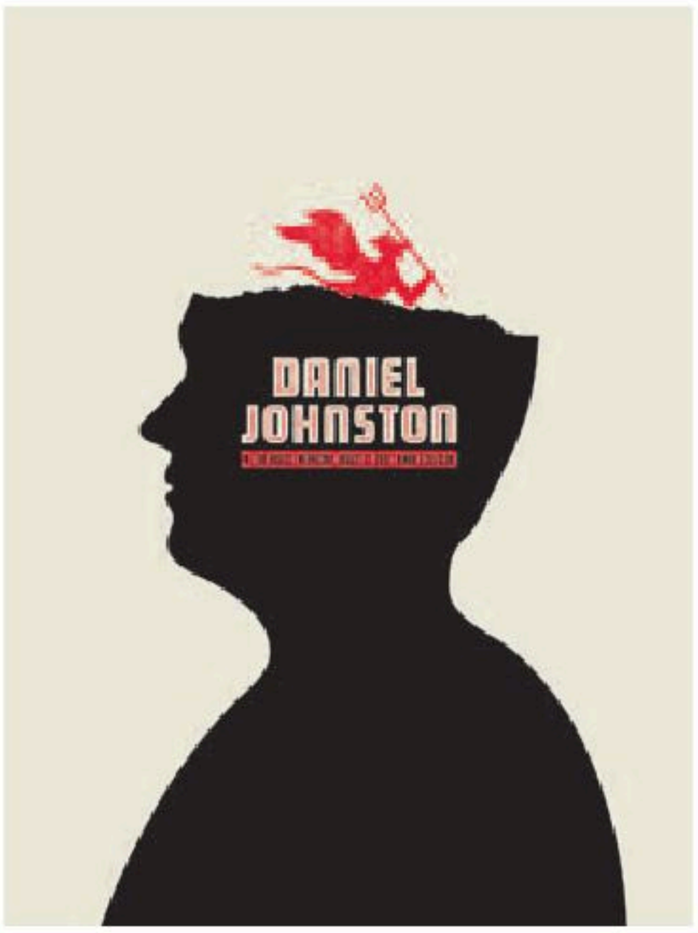
ASSUMINDO RISCOS

Entrevista com Jason Munn

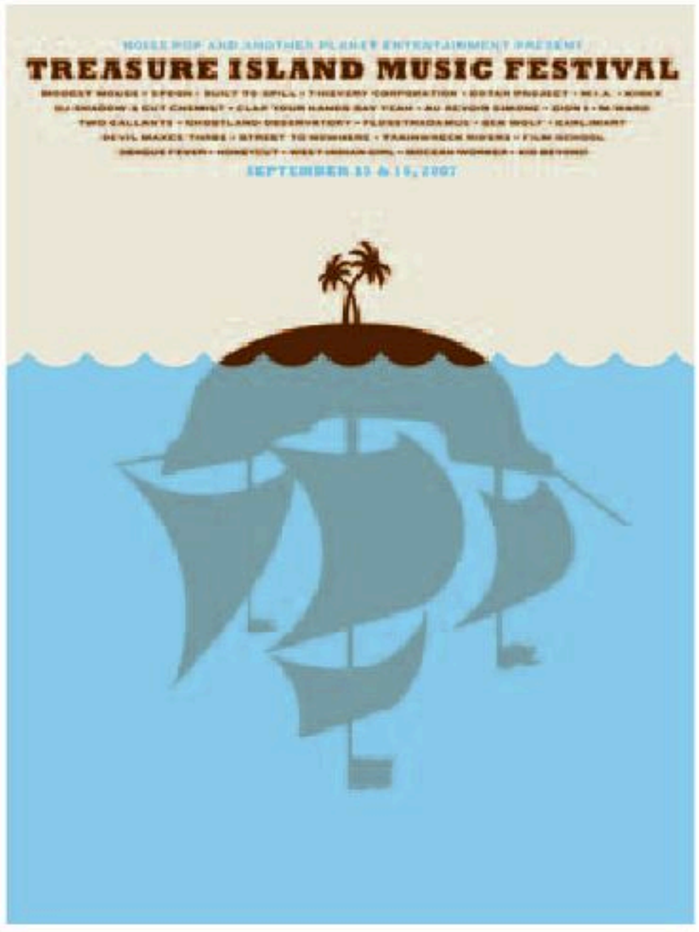
Por Tiago Moraes . Colaboração Rodolfo Herrera

A história de vida do designer e artista gráfico norte-americano Jason Munn é sobre assumir riscos. Colocar o portfólio embaixo do braço e se mudar da pacata Wisconsin para Oakland foi um deles. Sem nenhum trabalho garantido, Jason logo tratou de bater de porta em porta nas agências e estúdios de design locais. Mas o momento, exatamente durante a quebradeira das empresas pontocom no vizinho Vale do Silício, não era dos melhores: o mercado estava apreensivo e ninguém contratava. Partiu então para o plano B. Primeiro, tratou de garantir o dinheiro do aluguel com o trabalho de imprimir camisetas e limpar telas numa loja de silk-screen. Não muito tempo depois, os planetas resolveram se alinhar e as coisas começaram a clarear para ele. Primeiro, conseguiu um estágio no Noise13, estúdio de design emergente em São Francisco, cidade vizinha a Oakland. Ao mesmo tempo, amigos começaram a agendar shows no porão de uma igreja em Berkeley e convidaram Jason para desenhar os pôsteres. O resto é história. Jason é hoje um dos artistas mais requisitados do universo musical, tendo realizado trabalhos para cantores como Beck e bandas como Modest Mouse, The Books, The Shins e Low, entre outras. Seu estúdio, batizado de The Small Stakes, é homenagem direta a uma de suas músicas preferidas, da banda Spoon, que fala sobre adivinhe o quê?

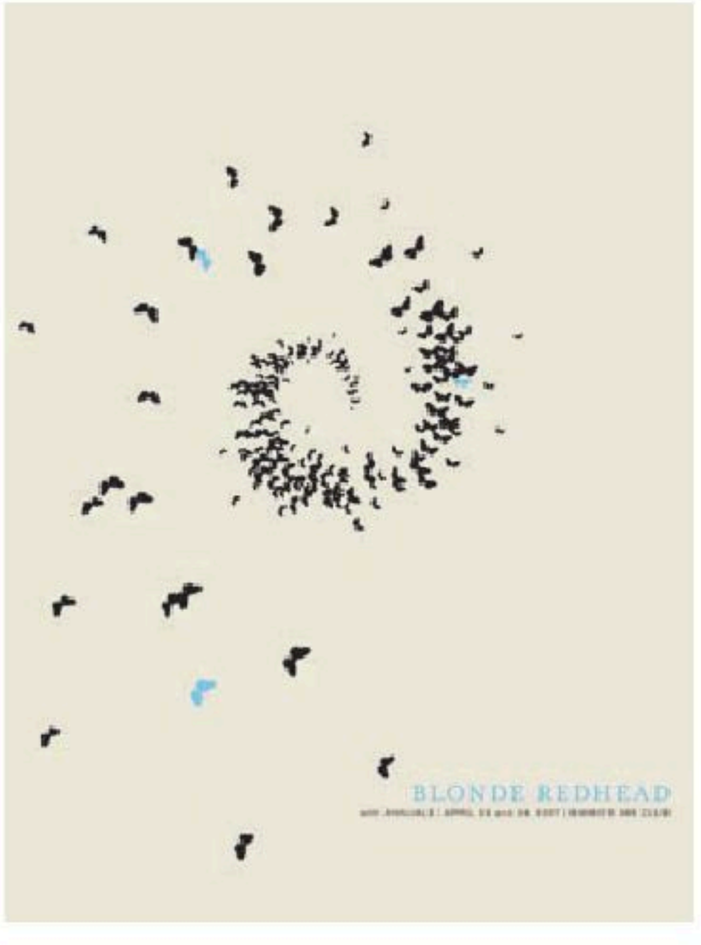
Assumir Riscos.»

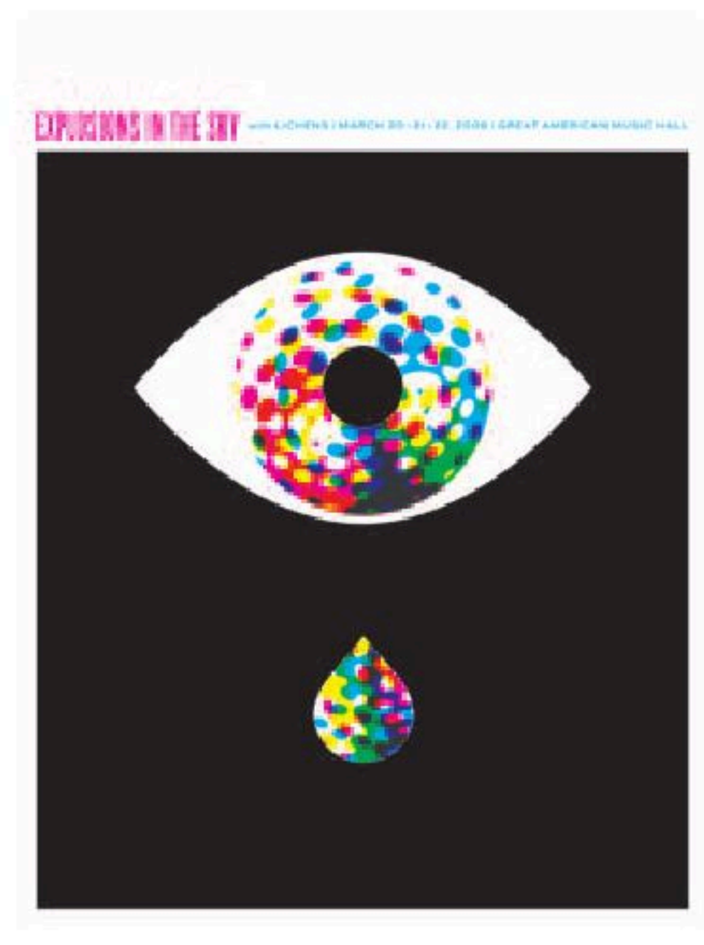

DANIEL
JOHNSTON

MODEST
MOUSE
with MATT COSTA • TUESDAY, DECEMBER 11, 2007 • RIALTO THEATER • TUCSON, AZ


TREASURE ISLAND MUSIC FESTIVAL

LOW


BLONDE REDHEAD


EXPLOSIONS IN THE SKY

O fato de eu imprimir meus pôsteres também acabou influenciando muito na forma e no estilo do meu desenho. Fui percebendo que conseguia resultados melhores de impressão quando o trabalho tinha o design mais simples e encorpado.

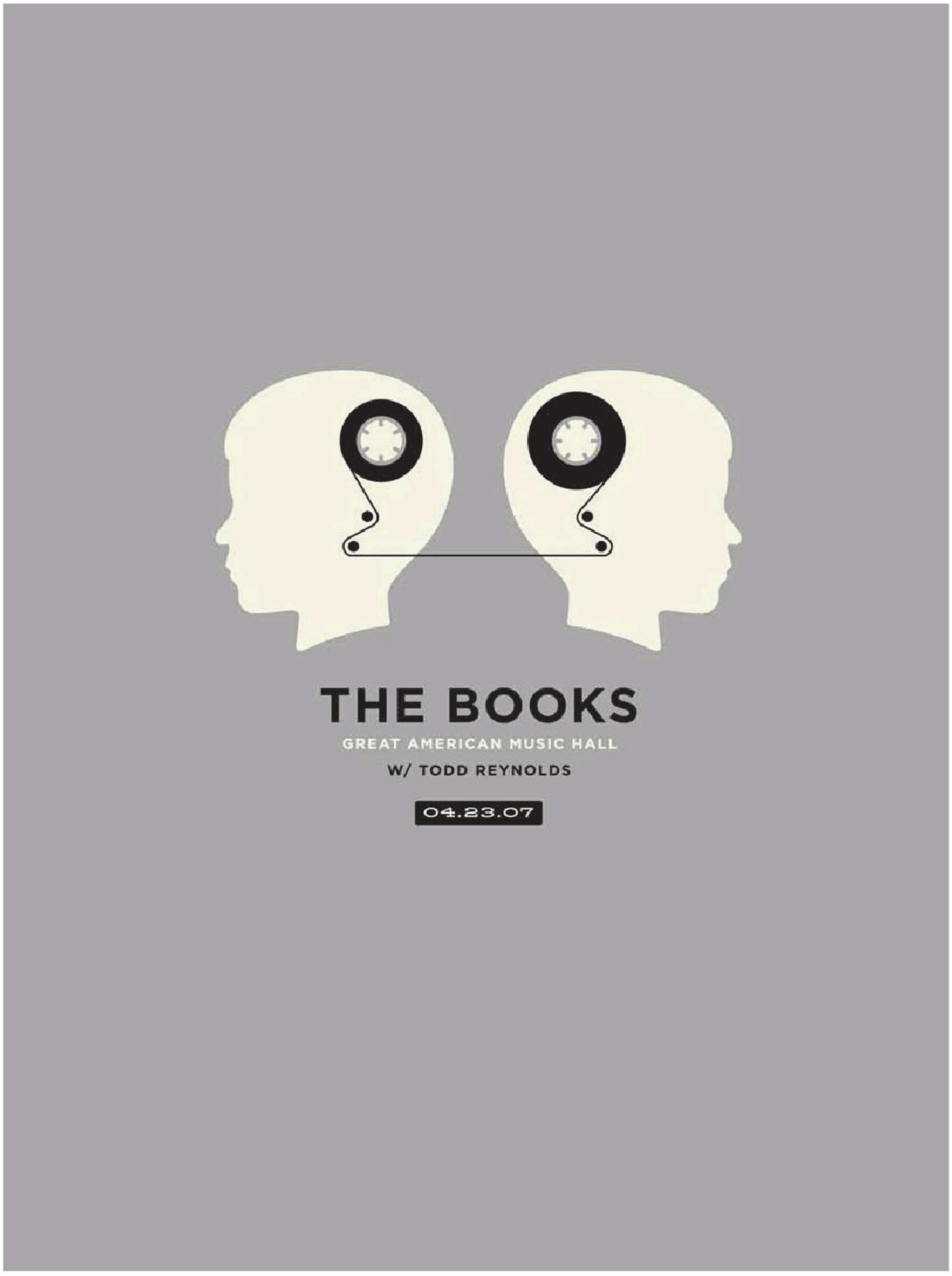
Quais foram as influências que ajudaram a definir seu estilo?
No começo da carreira, os grafismos do skate foram com certeza minha grande influência, já que cresci andando neles. E, quando eu não estava em cima do skate, estava folheando revistas sobre skate. O uso minimalista de cores na maioria desses desenhos me chamava a atenção, e na época eu nem sabia que a arte dos shapes de skate era feita em serigrafia. E por meio do skate acabei me envolvendo com o universo do punk e da cena independente, que acabou exercendo influência enorme no meu trabalho.

Como você se envolveu com a produção de pôsteres? Quais foram as primeiras bandas para quem você criou pôsteres?
Na época que ainda estava no colégio, fazia alguns pôsteres para amigos, depois me formei e me mudei para Oakland. Alguns meses depois alguns amigos começaram a organizar shows no porão de uma igreja em Berkeley [The Ramp] e me perguntaram se eu não queria fazer os pôsteres dos shows, que aconteciam geralmente uma ou duas vezes por mês.
Foi nessa época que comecei de fato a produzir mais e muitas bandas incríveis passaram por lá. Alguns dos primeiros pôsteres foram para o Why?, o Damien Jurado e para o Rob Crow (Pinback). Infelizmente esse lugar só durou um ano, mas depois continuei fazendo trabalhos para algumas das bandas e selos que conheci nessa época.

Que tipo de música você ouvia naquela época e o que você tem ouvido hoje em dia?
Eu cresci ouvindo bandas como Ramones e Descendents... Ultimamente tenho ouvido o novo disco do Deerhunter (Microcastle, 2008) sem parar!

Alguns artistas de pôsteres apenas criam as artes originais e terceirizam a produção, mas você é um dos poucos que imprimem seus pôsteres, não? Como e quando você aprendeu serigrafia? Você acha importante se envolver em todas as etapas do processo, da criação à produção?
Sim, eu imprimo a maioria dos meus trabalhos, mas ultimamente acabo tendo que terceirizar alguma coisa, principalmente no caso de trabalhos maiores. Comecei a imprimir meus próprios pôsteres na época em que comecei a criá-los para os shows no porão da igreja em Berkeley. No início, imprimia no galpão de uma empresa onde alguns amigos trabalhavam na época, mas depois conheci o cara que era dono da Bloom Screen Printing e passei a imprimir no espaço dele, onde continuo até hoje. Eu já sabia um pouco de serigrafia porque tinha um amigo que aprendeu bastante sobre os processos na faculdade de artes, e isso era algo que sempre tive vontade de fazer. Mas foram meus amigos - com a necessidade de fazer pôsteres para divulgar seus shows - que me fizeram começar a imprimir meus trabalhos. Confesso que no inicio eu não sabia direito o que estava fazendo, mas fui aprendendo com o tempo e mais ainda com a ajuda do Nat [Swope], da Bloom Screen Printing.

Em seus primeiros trabalhos, é possível notar a presença de muitos elementos nos pôsteres. O uso de texturas e outras interferências era comum, e você parecia ser menos preocupado com um foco central. Hoje em dia você costuma trabalhar com elementos centrais e existe clareza maior: os elementos estão menos dispersos e há mais refinamento. Essa é uma percepção correta do seu trabalho? Essa mudança é consciente ou foi uma evolução natural?



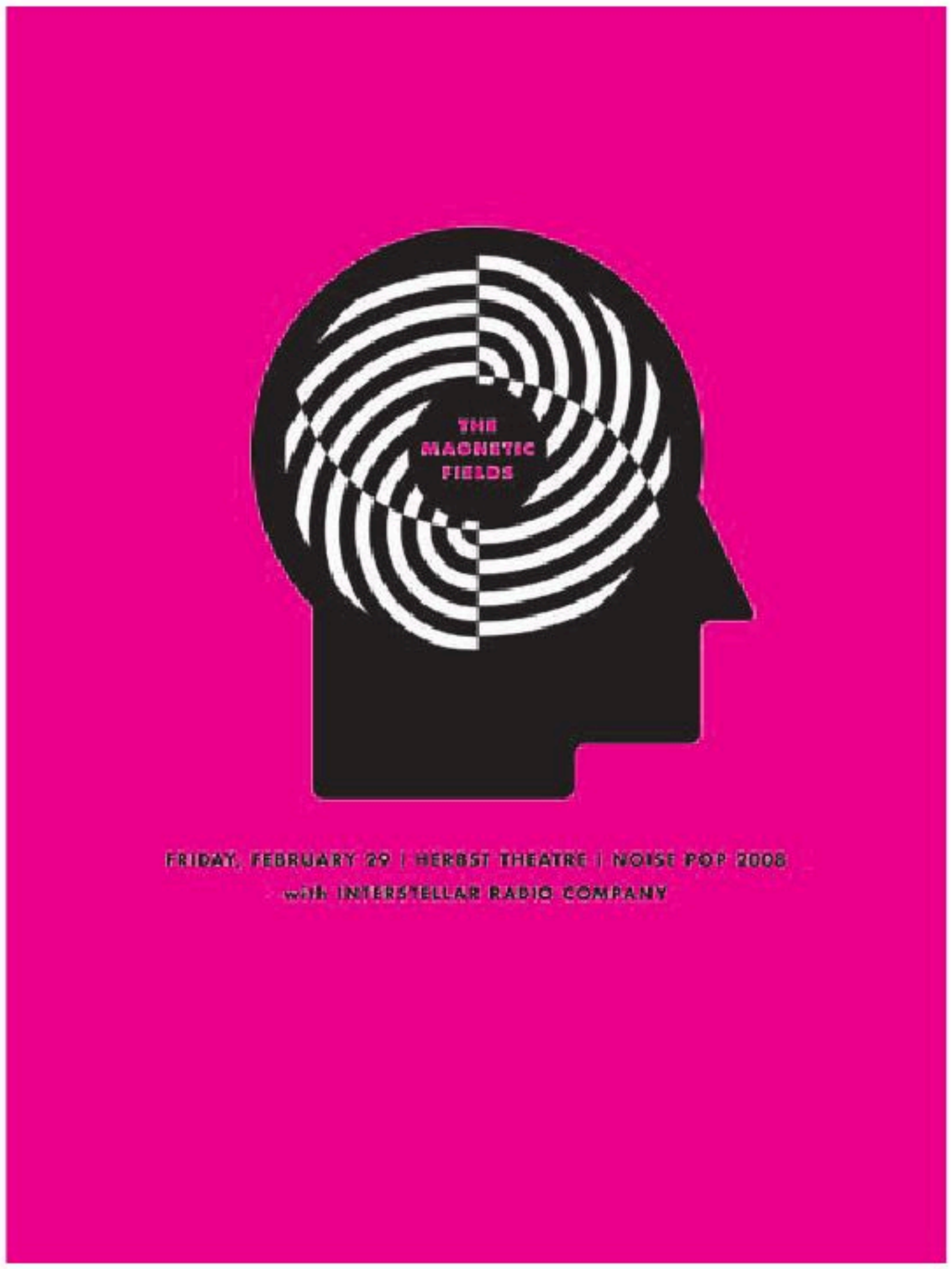
THE BOOKS

GREAT AMERICAN MUSIC HALL

W/ TODD REYNOLDS

04.23.07

THE SHINS
27 MARCH 2007 at MANCHESTER ACADEMY
WWW.RICHARDGOODALLGALLERY.COM



Sim, acho que é uma percepção correta. Mas a mudança não foi necessariamente tão consciente. Em meus primeiros pôsteres, usei muitas imagens que garimpava como elemento de design e narrativa do pôster. Com o tempo, passei a desenhar eu mesmo esses elementos, que em sua maioria eram mais icônicos e simples do que as imagens que estava usando antes. Eu ainda uso imagens garimpadas de vez em quando, mas, na maioria dos trabalhos, penso muito antes na idéia para depois ver qual a melhor forma de executá-la. O fato de eu imprimir meus pôsteres também acabou influenciando muito na forma e no estilo do meu desenho. Fui percebendo que conseguia resultados melhores de impressão quando o trabalho tinha o design mais simples e encorpado.

A produção de pôsteres serigráficos nos EUA, principalmente aqueles relacionados à música indie, parece nunca ter sido tão forte quanto hoje em dia, ao menos para quem vê de fora esse cenário. Convenções como o FlatStock e documentários como Died Young, Stayed Pretty mostram que a produção só aumenta a cada dia. Isso obviamente não nasceu de um dia para o outro. Como você vê esse crescimento?
Existem algumas razões possíveis, mas provavelmente a maior delas é o fato de que muitas pessoas estão adquirindo música digitalmente. Quando se baixa uma música, você perde a mensagem visual das bandas, algo que complete e fortaleça a música delas. Então as bandas começaram a procurar novas maneiras de se comunicar visualmente com seu público, e isso resultou no ressurgimento dos pôsteres, camisetas e até no aumento da venda de discos de vinil.

Você produziu recentemente uma série de vinte trabalhos para pôsteres e camisetas da InSound. Como foi o processo de escolha dos temas e o desenvolvimento dos trabalhos?
Eu me lembro do dia em que recebi a lista das bandas e fiquei um tempo olhando para ela, tentando me decidir por onde começar. Basicamente comecei com a primeira banda da lista e fui descendo, uma por vez. Às vezes, eu voltava e revisava algumas coisas, mas no geral a história rolou mais ou menos assim. Eu queria que todas as imagens tivessem uma relação e fizessem parte de uma série, mas elas também deveriam fazer sentido para as bandas.
Os projetos, além de terem que funcionar para pôsteres e camisetas, também tinham de funcionar em escala menor, como na parte da frente de moletons com zíper. Por isso os trabalhos tinham que ser simples e icônicos.

Hoje em dia as bandas o procuram para que você produza os pôsteres e CDs? No início você se oferecia?
Hoje, na maioria dos casos, eu trabalho direto com as bandas e selos, mas no começo fiz muitos trabalhos para casas de shows. Hoje as pessoas me procuram, mas ainda entro em contato com bandas de que gostaria de fazer um pôster quando descubro que estão vindo tocar na minha cidade.

Se você pudesse escolher um artista ou banda que já morreu ou acabou para desenhar um pôster, quem você escolheria?
Já me perguntaram isso outras vezes e, para ser sincero, eu não sei se tenho uma resposta pronta. Me sinto sortudo por ter feito tantos

Quando se baixa uma música, você perde a mensagem visual das bandas, algo que complete e fortaleça a música delas. Então as bandas começaram a procurar novas maneiras de se comunicar visualmente com seu público, e isso resultou no ressurgimento dos pôsteres, camisetas e até no aumento da venda de discos de vinil.

---

pôsteres para bandas que já ouvia e curtia antes de ter a chance de trabalhar com elas. Pensando bem, se eu pudesse ter a chance de fazer alguma coisa para o Pavement, seria demais.

Como é o funcionamento do Small Stakes como estúdio? Você tem uma demanda de trabalhos não relacionados à música e bandas?
Sim, ainda faço coisas não relacionadas à música. Dedico a maior parte do meu tempo aos pôsteres, mas também faço uma boa quantidade de ilustrações editoriais, capas de livros, logos e alguns trabalhos mais comerciais para agências de publicidade.

O Small Stakes é um estúdio de um homem só ou você tem mais gente trabalhando com você? Se é só você mesmo, como consegue administrar tanta coisa ao mesmo tempo, como prospectar clientes, gerenciar os trabalhos, criar, imprimir, cuidar dos envios etc.?
É, basicamente sou só eu mesmo. Realmente é um pouco complicado lidar com tanta coisa ao mesmo tempo, e em alguns dias me sinto um pouco frustrado quando não consigo resolver tudo por ter que fazer tanta coisa ao mesmo tempo. Mas minha mulher tem me ajudando bastante com os envios e a parte logística, o que me ajuda bastante, e tento terceirizar parte da minha produção de pôsteres para dar uma aliviada também.

O que podemos esperar do Jason Munn num futuro próximo? No que anda trabalhando?
No momento tenho uma lista grande de pôsteres para produzir. Acabei de finalizar um pôster para a apresentação do filme *Christmas On Mars*, do Flaming Lips. ◂

» Saiba Mais
www.thesmallstakes.com

BAILANDO COM A ACADEMIA DA BERLINDA

Por Arthur Dantas . Foto Divulgação

"SE EU NÃO PUDER DANÇAR, ESTA NÃO É MINHA REVOLUÇÃO." A FRASE, ATRIBUÍDA À FEMINISTA E REVOLUCIONÁRIA EMMA GOLDMAN, ENCAIXA-SE PERFEITAMENTE QUANDO O ASSUNTO É A ACADEMIA DA BERLINDA, O COMBO DANÇANTE MAIS QUENTE QUE SURGIU NOS ÚLTIMOS ANOS NO BRASIL. MAIS UM PRODUTO DA CENA RECIFENSE, O GRUPO FUNDADO EM 2004 COMANDA BAILES DANÇANTES À MODA ANTIGA, COM CASAIS DANÇANDO COLADINHOS, CRIANDO O PRETEXTO PERFEITO PARA AQUELA NAMORADINHA ESPERTA. "A IDÉIA INICIAL ERA FAZER UM SOM PRO PESSOAL CHAMAR A MENINA PARA DANÇAR NA PRIMEIRA MÚSICA E SÓ SOLTAR NA ÚLTIMA. DANÇAR MESMO, COMO EM UM GRANDE BAILE. A GENTE SENTIA FALTA DISSO AQUI, NOSSOS PAIS SEMPRE FALAVAM DOS GRANDES BAILES TRADICIONAIS QUE ACONTECIAM NA CIDADE ANTIGAMENTE", EXPLICA YURI RABID, BAIXO E VOZ DO GRUPO. ▸▸

Pergunto para Yuri se a emblemática geração Mangue Bit teve algum papel ao retirar o foco da música de baile da região.

"ACHO QUE ELES ENFOCAVAM OUTRAS CARACTERÍSTICAS TRADICIONAIS DO NOSSO ESTADO E, AO MESMO TEMPO, VIERAM COM UMA VISÃO DIFERENTE NÃO SÓ DA MÚSICA... FOI UMA COISA QUE ENVOLVEU PENSAMENTOS E ESTÉTICAS DE UMA ÉPOCA."

Ao mesmo passo, o músico contextualiza a situação atual e contemporiza o papel da Academia em um possível renascimento da música de baile para as novas gerações:
"Sobre eles terem tirado o foco da música de baile, acho que não foram os responsáveis por isso, porque esse tipo de música já estava um pouco esquecida. Nós também não inventamos essa história, já que a música sempre se renova".

Os músicos do grupo não são necessariamente novatos da cena local: Tom Rocha toca com Mundo Livre S/ A, Alexandre Urêa toca com a banda Eddie, Gabriel Melo acompanha o DJ Dolores, Tiné e Hugo Gila tocam com a Orquestra Contemporânea de Olinda, e Irandê com A Roda. Yuri também fez parte do grupo A Roda e toca forró tradicional com o Quarteto Olinda. Essa "promiscuidade" toda possibilita viver de música?

"Acho que temos sorte por conseguir viver de música. Por enquanto dá pra pagar as contas e tomar uma cervejinha", brinca Yuri. Fico curioso para saber como se deu a gênese do grupo. A resposta sintetiza muito do espírito festivo das apresentações da trupe.

"O que se passava era meio que assim: 'GALERA, VAMOS FAZER UMA FESTINHA BEM LEGAL PROS AMIGOS, PRA DEIXAR TODO MUNDO FELIZ'."

"Uma das primeiras festas foi assim. O ingresso custava dez reais, a gente pegou a grana que arrecadou e comprou cerveja, batidas de maracujá, creme de galinha com arroz e era tudo de graça! Era um lance intimista e sem pretensão de nada... arrumamos a caixa de radiola com parentes, cobrimos o palco com lona preta caso chovesse, coisa de doido. Hoje em dia está mais organizado."

O primeiro CD do grupo é uma profusão de estilos locais mesclados com ritmos latinos – o que não é necessariamente uma novidade, segundo o próprio Yuri. "DESDE HÁ MUITO TEMPO O NORTE DO PAÍS SE IDENTIFICA BASTANTE COM CUBA, ÁFRICA E TODA A AMÉRICA LATINA. Isso vem desde a colonização, quando houve grande mistura de tradições e costumes. Por exemplo, o Maranhão é considerado a Jamaica brasileira. O Pará recebeu muitas tradições vindas de Cuba, tem o carimbó, que é tradicional de lá, mas teve origem em outros ritmos.

Foi o Pinduca que inventou o carimbó e vários outros ritmos de lá, que a gente mistura com os de nossa região, como o côco e a ciranda." Vale ressaltar: Pinduca é o cantor e compositor conhecido como o "rei do carimbó" e criou ritmos como sirimbó, lári-lári, lambada e lam-gode.

Além da cidade de São Paulo, a Academia já levou sua música para o interior do estado, para o Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza, Campina Grande, Recife e região.

O disco está na sua quarta prensagem e foi disponibilizado na internet pelo próprio grupo. Yuri brinca para definir a opção do grupo.
"PODE BAIXAR, COPIAR, MANDAR PROS AMIGOS. O IMPORTANTE É NOSSO SOM CHEGAR!"

Há espaço, junto ao imaginário festivo do grupo, para canções que abraçam um lado mais rebelde, talvez inspirado por ideais à moda cubana, como "Cumbia do Lutador" ou "O Sonho e a Dor"
(ESTOU NA TERRA PRA SONHAR/ COM UM MUNDO MELHOR QUE TUDO DÁ/ CAMA PRA DORMIR, CASA PRA MORAR/ E COMIDA NA MESA DO POVO).
Mas, entre o punho cerrado e o sorriso no rosto, o que prevalece é a alegria, expressa já na escolha do nome do grupo:
"Nos shows sempre brincamos com alguém da banda ou do público, aquela coisa de deixar sempre um na berlinda.
E, de tanto fazer isso, virou uma academia".

Há espaço para música de baile no mercado independente? "Acho que não existe mais essa coisa de ficar se lamentando se sua banda não vai pra frente porque você não tem uma gravadora. Tem que arregaçar as mangas e trabalhar que as coisas vão acontecendo e a música pra dançar tá aí. Todo mundo gosta de ralar o bucho, de ariar a fivela do cinto. Tem cumbia, carimbó, salsa, forró, lambada...
O BRASIL É UM PAÍS QUENTE, AS PESSOAS SÃO QUENTES E TEM QUE DAR CALOR PRA TODO MUNDO QUE GOSTA.◂

» Saiba Mais
www.myspace.com/academiadaberlinda

MARITIME

ÁGUAS MAIS CALMAS NA VIDA DE DAVEY VON BOHLEN

Por Marcelo Viegas . Colaboração de Leonardo Melamed

Davey von Bohlen tem apenas 33 anos, mas um currículo invejável. Tocou no seminal CaP'n Jazz, fez história com o The Promise Ring e hoje segue compondo e tocando com o Maritime. Formado em 2003, o quarteto norte-americano já acumula três álbuns e mostra uma sonoridade mais próxima ao indie rock do que ao emocore dos velhos tempos. Depois de superar um câncer no cérebro, Davey parece em paz consigo mesmo, como que navegando em águas mais calmas. O guitarrista e vocalista não se ***incomodou em falar sobre sua antiga banda ("não estou de saco cheio de falar sobre The Promise Ring"), explicou sua notória fixação geográfica nas letras e ainda comentou algumas faixas do excelente*** Heresy & The Hotel Choir, *o álbum mais recente do Maritime.* ⏩

Quem decidisse contar uma história ordinária da banda Maritime poderia começar assim: formada em 2003, das cinzas do The Promise Ring, de onde vieram o vocalista/guitarrista Davey von Bohlen e o baterista Dan Didier, e do The Dismemberment Plan, que cedeu o baixista Eric Axelson, o Maritime fez seu debut com o EP *Adios*. Seguiram-se os álbuns *Glass Floor* (2004), *We, The Vehicles* (2006) e o mais recente *Heresy & The Hotel Choir* (2007). Eric deixou a banda, e no seu lugar entrou Justin Klug. A formação (quarteto) atual ainda conta com Dan Hinz, que responde pela segunda guitarra, sintetizador e teclado.

Está correto. Mas, convenhamos, poderia ser bem melhor. Porque omite o elemento trágico que envolve toda essa história. Contá-la do ponto de vista de Davey von Bohlen dá as cores mais corretas para esse quadro. Afinal, em 2002 a vida de Davey sofreu uma reviravolta: sua ex-banda, The Promise Ring, havia acabado de lançar *Wood/Water*, mas as coisas já não caminhavam tão bem internamente. "O fim da banda está relacionado com o nosso amadurecimento e com o 'alerta' de que estávamos nos tornando pessoas diferentes. E isso começou a ficar muito óbvio, até mesmo nas decisões tomadas pela banda", reflete Davey, e vai além: "Nós começamos o Promise Ring quando tínhamos mais ou menos 20 anos, e estávamos quase nos 30 quando a banda acabou. Caminhos divergentes não são exatamente uma surpresa se você considerar a quantidade de mudanças que ocorre com as pessoas nessa idade".

Não bastassem as divergências pessoais entre os membros do TPR, outra bomba – e essa bem mais letal – caiu no colo de Davey no mesmo ano: ele foi diagnosticado com meningioma, um tipo de tumor no cérebro. O tumor foi removido com sucesso, mas infecções posteriores obrigaram Davey a voltar à mesa de cirurgia em outras duas ocasiões.

BANDA NOVA, VIDA NOVA

Com a saúde restabelecida, Davey retomou sua carreira musical com a nova banda, Maritime. Ainda mais melódico que o TPR, o quarteto navega com destreza pelo chamado indie rock, deixando o passado emocore para os fãs saudosistas, que guardam com carinho o material produzido pelo CaP'n Jazz e pelo The Promise Ring. Mas Davey está longe de sentir vergonha do seu background ("é uma parte importantíssima da minha vida") e dos antigos colegas de banda, os irmãos Kinsella (Mike e Tim, do CaP'n Jazz): "Eu amo as bandas do Mike (Joan of Arc, American Football, Owen) e Tim (Joan of Arc, Make Believe, Owls)! Mike chegou a tocar guitarra conosco no passado, e ambos continuam meus amigos e pessoas que respeito e admiro", afirma. "Creio que Tim, Mike e eu estamos de certa maneira tentando fazer coisas parecidas na música." Ele só não tem saudade das tours longas e cansativas do passado: "Turnês intermináveis amplificam as coisas boas e ruins", avalia. "Mas o Maritime faz bem menos turnês que The Promise Ring, então isso nem chega a ser relevante para nós." Aproveitando o tema, não custa especular sobre uma possível visita ao Brasil: "Nós já tivemos algumas ofertas, mas isso só nos últimos anos. Dez anos atrás eu estaria no avião sem pensar, mas hoje nós temos famílias e um tempo reduzido para turnês. Mesmo assim, procuramos tocar em todos os lugares possíveis", desconversa.

FIXAÇÃO GEOGRÁFICA E OUTROS SEGREDOS

Desde os primórdios, um tema recorrente dá as caras nas letras de Davey: cidades, estados e afins. A lista é gigante: Birmingham, Califórnia, Dakota do Sul, Denver, Arkansas, New England, Filadélfia, East Texas, Louisiana, Indianápolis, Nova Jersey e Tennessee, só para citar alguns exemplos. O que explica essa fixação geográfica? "Lugares são ótimas metáforas, porque eles reservam muitas memórias para diferentes pessoas, ao mesmo tempo em que carregam características supostamente universais. Eu gosto do modo como eles representam sentimentos que seriam difíceis de se explicar de outra maneira", diz o nativo de Milwaukee, Wisconsin (EUA).

A conversa toma o rumo do álbum *Heresy & Hotel Choir*, e Davey comenta algumas faixas do disco, como "Are We Renegade", que tem um trecho com a letra: *"It's a full time job trying not to work at all"* (algo como "tentar não trabalhar é um trabalho de tempo integral"). "Eu estava basicamente me referindo aos músicos, mas a idéia de 'trabalho' tem diversos significados." Já a belíssima "Be Unhappy" não deixa espaço para interpretações múltiplas, ao decretar que even if you find the love of your life / you're going to be unhappy ("mesmo que você encontre o amor de sua vida você será infeliz"). "Eu apenas defendo que até a coisa mais perfeita é defeituosa, pois tudo possui cumes e fundos. Mas essa letra soa mais pesada do que eu realmente planejei...", admite. Num disco repleto de grandes canções, há algo inegavelmente superior em "Pearl". Nem mesmo Davey desmente isso: "Acabamos de escrever uma música chamada 'Air Arizona', e, depois que a tocamos inteira pela primeira vez, olhamos um para o outro e dissemos que sentimos o mesmo quando tocamos 'Pearl' no começo. Então sim, 'Pearl' está no topo do ranking para mim".

Ainda sobre *Heresy*, o baterista Dan Didier chegou a afirmar que "parecia nosso primeiro álbum". Davey é mais contido: "Eu não iria tão longe. Mas tive a sensação de que éramos uma banda pela primeira vez, e não apenas parte de uma banda tentando ser um conjunto. Acho que falar assim 'na lata', dessa maneira, desrespeita o que foi feito com apenas dois ou três de nós", argumenta.

NOVOS MARES

Cada vez mais indie. Essa parece ser a receita do Maritime. Ao menos é isso que fica evidenciado ao se ouvir *Heresy & The Hotel Choir*, que traz teclados e sintetizadores em abundância. "Nós focamos na direção de fazer um álbum que pudéssemos executar ao vivo sem adicionar mais ninguém à banda. Dan Hinz toca ambos ao vivo (guitarra e teclado) e está ficando cada vez melhor em se revezar entre um e outro. Então, isso provavelmente vai continuar", diz. O "capitão" Davey revela que a banda já começa a preparar material para o próximo álbum: "Estamos começando e muitas idéias estão surgindo". Assim, o Maritime prepara-se para mais uma viagem. Que seja calma, inesquecível e longa. Para o bem dos nossos ouvidos. ◂

» Saiba Mais
www.maritimesongs.com
www.myspace.com/maritimesongs

ASPEN

Por Arthur Dantas . Foto Divulgação . Ilustrações Por Laura W.

Aspen, o novo projeto do polivalente Rafael Crespo, 35, é mais uma incursão recente do guitarrista no universo folk. Além do Aspen, Rafael tem um projeto solo chamado Poniboy. Ex-membro de grupos tão díspares como Planet Hemp, Elroy, Polara e Wee, Rafael é conhecido por diversas fases distintas, o que me levou a perguntar das razões de sua atual fase folk. "Acho que é uma busca... você está sempre procurando algo para aquele momento da sua vida, não que você esteja sempre procurando coisas diferentes, mas os momentos são diferentes. Eu não sou a pessoa que era dez anos atrás, e isso acaba se refletindo na música. Estou vivendo um momento espiritual, de busca, e essa música mais tranqüila me traz a paz que tenho procurado. É também uma forma de expressão que encontrei que tem mais a ver com esse momento que vivo." ⏩

Além de Rafael, o Aspen é formado por Laura W (responsável pela bela e simples arte do disco) e Mancha, cuja casa se tornou um recente pólo indie, desde que foi aberta para shows de bandas de amigos.
"O último show do Polara foi na casa do Mancha – eu o conheci nesse dia.
Esqueci o meu violão lá, depois fui buscá-lo e descobri que ele tocava. E eu sentia uma energia muito boa nele e na casa dele.
A Laura conheci uns meses depois, em janeiro, por indicação de uma amiga.
Convidei ela para ir ver um ensaio, ela foi e gostou, e acabou voltando no ensaio seguinte. Eu venho de uma escola diferente, do punk/ hardcore, emo (na época em que isso não era um xingamento). Para mim tem sido um aprendizado tocar com eles."

No CD de estréia, sem título, o grupo contou ainda com diversas participações ("Chamamos uns amigos para participar, como o Lucas, do Gigante Animal, que tocou piano, o F. Chovich, que tocou bandolim, e o Chankas, do Hurtmold, que tocou cello."). A gravação foi feita no estúdio de Chuck Hipólito (Forgotten Boys) e as músicas foram definidas no próprio estúdio:
"Foi legal, a gente tinha as músicas meio arranjadas, mas ninguém fazia muita idéia de como elas ficariam, foi uma surpresa agradável".

As músicas têm arranjos simples, porém detalhistas, com harmonias bem definidas e um clima lisérgico leve, que emula o folk americano, mais especificamente aquele surgido no interior do indie rock americano dos anos 90. As letras são simples, muitas vezes diretas e tratam de relações humanas (ou melhor, do desacordo entre as pessoas) como em "Mal-Entendido" e "Fora de Sintonia" e de solidão, de forma terna e plácida, como em "Jardim Secreto".

A riqueza de detalhes na música contrasta com a leveza e caráter naïf das letras.
"Bom, o caso é que eu venho de uma escola punk, em que as letras são sempre diretas e cruas. Mesmo quando abordo temas mais abrangentes e elaborados, gosto de ter essa visão de certa forma adolescente e muitas vezes irônica sobre as coisas. Acho que se tentasse ser mais erudito eu não estaria sendo sincero. Sou mais adepto da prosa do que da poesia, embora tente juntar um pouco as duas. Tenho uma preocupação em não ser vago, nem pretensioso."

Rafael também tenta situar o imaginário das letras do Aspen dentro da tradição folk:
"Esse peso lírico que você diz é atribuído ao folk de protesto (Bob Dylan, Joan Baez etc.) ou aos cantores-compositores (Leonard Cohen, Van Morrison etc.).
Não me vejo ligado a isso.
O nosso som é mais psicodélico".
O grupo tem como meta em 2009 lançar um LP. Além disso, o ritmo de criação das músicas deve aumentar no próximo ano, já que o grupo agora tem estúdio próprio.
Obviamente, tocar faz parte dos planos, mas Rafael aponta como maior problema o caráter das casas noturnas.

"Queremos tocar o máximo possível, mas não é tão simples assim, porque nosso som é muito calmo, e não é em qualquer lugar que fica agradável. O esquema balada não é muito propício para se assistir a um show nosso. Estamos procurando nosso espaço, procurando as pessoas sintonizadas, mas sem excluir ninguém.
Basta entrar na sintonia."

O CD DE ESTRÉIA, FAIXA A FAIXA, POR RAFAEL CRESPO:

"Mal Entendido" – A letra fala sobre briguinhas que acabam tomando proporções gigantescas. A música é um rock psicodélico, o solo de guitarra foi uma tentativa frustrada de imitar o Randy Holden, do Blue Cheer.

"Jardim Secreto" – A letra é sobre uma entrevista do cineasta Claude Lelouch, sobre a necessidade de cultivarmos nosso jardinzinho. Há influência de folk celta. O bandolim do Chovich e o cello do Chankas fizeram toda a diferença nesse som, e a voz da Laura se encaixou como uma luva.

"Nuvens Anônimas" – A música é da Laura e não tínhamos idéia de como faríamos o arranjo, mas no final deu tudo certo. Toquei bateria, o Mancha tocou acordeão e o Lucas piano.

"Clematis" – É uma intro para a música seguinte. Sinta as vibrações, feche os olhos e relaxe.

"Fora de Sintonia" – É um mantra, no final você estará hipnotizado e sob nosso domínio. ◂

▸▸ Saiba Mais
www.myspace.com/ aspenmusicas

A MÚSICA VISUAL DO RUÍDO/MM

Por Mateus Potumati . Fotos Rafael Dabul

Como o próprio nome revela, a música do ruído/mm ("ruído por milímetro") está na relação entre o barulho –em suas mais variadas formas e texturas –e o detalhe. Mas há um terceiro elemento fundamental em cena, que o nome não entrega: a imagem. E é exatamente a riqueza visual que coloca o álbum Praia*, recém-lançado pelo selo paulistano Open Field, à frente da maioria dos esforços recentes no surrado post-rock. Como uma partitura transformada em tela expressionista, as sete faixas do disco são um manifesto da música pensada em cores e timbres, em vez de notas e escalas. "A gente não costuma se comunicar muito por meio de elementos sonoros, tipo 'muda esse acorde, faz um crescendo etc.'... Às vezes falamos coisas do tipo 'olha o trem passando'", explica, entre risadas, Ricardo Pill, guitarrista e tecladista do sexteto curitibano. Formado em 2003 por ele, João XXIII (guitarra, sintetizadores e acordeão) e Felipe Luiz (guitarrista que deixou a banda no começo do ano), o ruído/mm hoje também conta com André Ramiro (guitarra, percussão e escaleta), Giva (bateria), Rafael Martins (guitarra) e Rubens K (baixo).* ⏩

"A GENTE NÃO COSTUMA SE COMUNICAR MUITO POR MEIO DE ELEMENTOS SONOROS, TIPO 'MUDA ESSE ACORDE, FAZ UM CRESCENDO ETC.'. FALAMOS MAIS EM CORES, TIMBRES. ÀS VEZES TAMBÉM FALAMOS COISAS DO TIPO 'OLHA O TREM PASSANDO'(RISOS)."

Em 2007, os seis criaram o projeto Ruído Corporation, que levou a Curitiba bandas como Medications, Hurtmold, SOL, Constantina, Debate e La Carne, entre outras. A seguir, +Soma fala com Pill sobre o disco, os projetos da banda e sobre a visão peculiar de praia que o grupo tem.

Fale um pouco sobre como funciona a parte de instrumentação e arranjos do disco.

A gente basicamente usa muita guitarra com muito pedal de efeito (risos). Tem coisa que parece teclado, mas é guitarra com POG, uma espécie de Pitch Shifter que solta oitava pra todo lado. Ele joga vários agudos e graves, parece órgão de igreja, como em "Praieira". A gente também usa sanfona, sem efeito... usamos harmônica, que tem um timbre meio de sanfona, em "Novíssima". Gravamos muitos instrumentos, mas o que importa é a intenção que queríamos dar em cada momento. A coisa rola na base da experimentação: alguém começa a fazer um tema e esperamos dar o clique: "Ah, dá pra colocar uma guitarra ali, dá pra usar um pedal aqui etc.".

Quais pedais de efeito vocês usam?

POG, e-Bow, muito delay, distorções de várias espécies - Emulo, Memory Man.

O que tem de metais no disco?

Tem o trompete do Igor [Ribeiro, músico convidado para o disco] em "Praieira", na segunda parte da música. É um trompete dobrado com guitarra. Também tem a participação do [saxofonista canadense] Glen Hall em "A Praia".

Como vocês fazem nos shows? Imagino que seja complicado levar tudo isso, até porque você deve ter tocado mais de um instrumento nas gravações.

Não é tão diferente assim. Nesse disco tem violino, por exemplo, gravado pelo Heitor [Humberto], da banda Gentileza. Só que ele não gravou um violino, gravou vários, daí não tem mesmo como fazer ao vivo. Mas o repertório de show é muito parecido com o CD. Acho até legal não podermos levar tudo, porque tocamos com uma pegada mais rock, damos um gás a mais na guitarra e temos espaço para fazer coisas diferentes. Também usamos bastante a sanfona.

O som de vocês tem uma vertente post-rock, desert-rock, mas também tem outros elementos, como as trilhas sonoras do Ennio Morricone. Como fica a música brasileira nessa equação? Vocês acham que fazem música brasileira?

Cara, se a gente faz eu não sei, mas a gente escuta (risos). Na época do disco, ouvimos muito os discos do início da carreira do Tom Jobim, Villa-Lobos... O Ramiro tem uma puta coleção de discos brasileiros, eu sempre ouvi Chico Buarque e Vinícius, sem contar as coisas que ficam no inconsciente. Eu também escutava muito Titãs nos anos 80, por exemplo. Mas temos mais influência de coisas de fora, guitar, e de coisas não-americanas, como Ennio Morricone, que você citou, Yann Tiersen e outros. Na época do disco, ninguém estava pensando em post-rock. Claro que já escutamos muito Mogwai e Godspeed, mas eu não vejo esse disco como post-rock. Ele tem alguns momentos - frases com crescendo etc. -, mas tem uma variação grande e uma estrutura harmônica que não tem muito a ver com o que eu entendo como post-rock. Não ligo de usar esse termo, mas nossa música é uma mistura de tudo o que a gente ouviu.

E essa coisa de praia? Eu sei que praia no Paraná é uma droga (risos).

Praia boa no Paraná é no inverno: é mais deserto, quieto. As faixas "Praia" e "Praieira" foram quase totalmente compostas lá, no inverno, quando não havia vizinhos e não íamos incomodar ninguém. São as duas músicas mais longas, mais trabalhosas. A gente achou que o título poderia soar meio "reggaeiro", mas fazia sentido pra gente, e era sugestivo (risos). A praia aqui não é um lugar de socialização, e sim de isolamento. ◂

» Saiba Mais
www.myspace.com/ruidopormilimetro
www.openfield.org

+QUEM SOMA . Guilherme Barrela . Por Arthur Dantas . Colaborou Tiago Moraes . Retratos Cia de Foto

“Cara, não sei o que queria que soubessem de mim. Só diria que eu sou exatamente a mesma pessoa que o meu público. Eu sou um deles, ou um de nós, no caso.” É entre risos que Guilherme Barrella, 32 anos, dá essa autodefinição, que, ainda que verdadeira, pouco diz sobre um dos maiores agitadores culturais da cidade de São Paulo. Sua banda Blue Afternoon, a distribuidora Peligro Discos, o selo Open Field, a tradicional festa semanal da Peligro e a festa Brasa (no Clube Berlin), o festival anual Gui Fest: só a produção cultural promovida pela ação de Barrella chega a ser maior que a produção total de cultura de uma cidade de médio porte do interior do país.

E no início era o verbo! Ou melhor, um adolescente fã de heavy metal e industrial, cujos primeiros CDs, comprados em 1992, foram o *Bricks are Heavy* do L7 e o *Psalm 69* do Ministry. Nada mais anos 90. A passagem de espectador para produtor se deu em 1999, com a banda Winnie Cooper. Dali para outros projetos foi um pulo. “Na época do Winnie Cooper eu entrei na [gravadora paulistana] Slag. Eles lançavam fitas cassete. Aí montei o Blue Afternoon e meu primeiro selo próprio, a 1,2,3 Indiezinhos. Depois entrei na [loja e selo, ícone da cena indie paulistana] Bizarre como funcionário e em 2002 virei sócio - sócio do selo, não da loja.

Comento com Barrella que ele parece ser uma das pessoas com menos inimizade em um meio marcado pelo não-me-toques e intrigas de fim de semana. “Não quero inimizade com ninguém, faço questão de aparar as arestas sempre, quando elas surgem. Hoje em dia, eu tenho um selo, uma loja e faço festas. As pessoas têm que me aturar.” Ok, nós aturamos de bom grado. E pensar que o culpado pela transformação de Guilherme de metaleiro de condomínio para agitador-mor do mundo indie foi um certo bardo canadense. “Entrei na faculdade [de Rádio e TV] e conheci pessoas diferentes. Antes disso fui pesquisando música e uma coisa leva a outra, você sabe. Talvez o divisor de águas tenha sido o Leonard Cohen. Fiquei louco quando ouvi aquilo. Eu só ouvia metal e industrial. Daí, comecei a escrever e compor.”

De todos os projetos, é da Peligro que Guilherme mais se orgulha. E mais uma vez, tudo começou de forma prosaica. “Eu tava desempregado e sem dinheiro, só queria levantar um troco fazendo algo que gostasse. O investimento inicial da Peligro foi zero, tudo no cartão de crédito, mas deu lucro no primeiro mês.” E qual seria o conceito da Peligro? “A Peligro sou eu. É a minha cara ali. É uma loja, um selo, uma festa, uma distribuidora... É minha credencial pra fazer as coisas que eu quero e consigo colocar tudo dentro de um mesmo conceito.”

Barrella diz que o conceito nasce da premissa de que é comum as pessoas escutarem de tudo um pouco. Questiono se as coisas funcionam assim mesmo. "Prefiro acreditar que as pessoas sejam assim. Do contrário, é muito sem graça. Sendo assim, a gente pode atirar pra qualquer lado, desde que a gente acredite. Tudo vale a pena, nesse raciocínio. Ou seja, não é que eu não me preocupe com o que os outros vão achar, mas parto do pressuposto de que alguém vai gostar. São essas pessoas que me interessam." Prova dessa multiplicidade de interesses são os lançamentos de seu selo Open Field: de Bonde do Rolê até Tony da Gatorra, de Diplo até o duo de improvisação livre Colorir. Foram 37 lançamentos, que ganharão mais dois acréscimos nos próximos meses. "Ruído/mm e um quarteto [de improvisação] do Rohrer, Barella, Takara e Mazurek. Serão os primeiros lançamentos num novo modelo de trabalho, [em que] os artistas serão meus parceiros de negócio. Vou conseguir baixar o preço final para o consumidor e também para o artista. O preço do disco vai cair de R$ 15 pra R$ 10 nessa brincadeira. E mais: mesmo baixando o preço, o artista vai ganhar mais. Fiquei um tempão fazendo conta e planejando."

É esse espírito empreendedor e plural que fez com que a Peligro não sofresse tanto com a quebradeira da indústria fonográfica: "Tomei uma rasteira, mas sempre fui um cara dos nichos. Os nichos mudam e tudo continua caminhando, e eu não estou completamente desamparado: tenho uma loja [virtual], um selo e faço festas. Se as pessoas deixarem de comprar discos para irem às festas, minha conta ainda fecha e tudo continua". Pergunto qual o volume de vendas para um artista entrar na famosa lista dos 10 mais vendidos da Peligro. "Depende. A lista do mês é mais modesta, ainda mais hoje em dia. A lista geral é de responsa. Vendi mais de 250 cópias do TV On The Radio. Me fala uma loja que tem esse número."

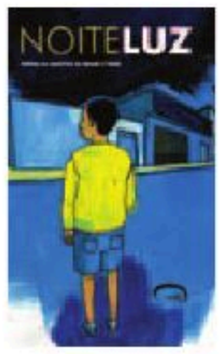
Por fim, perguntamos se depois de tantos projetos, erros e (muitos) acertos, Barrella está satisfeito. Para nossa sorte, o admirador de selos como Constellation, Takoma, Revanant e dos nacionais Amplitude, Submarine, Desmonta e Essence, parece ainda ter muito a fazer. "Eu sou um eterno insatisfeito, mas, ao mesmo tempo, a cada coisa que faço me sinto mais realizado. O lance é que eu quero sempre fazer mais; isso é o que me move. Tenho um milhão de idéias que ainda não pus em prática." Esperamos, felizes, a realização dessas novas idéias.

Saiba Mais
www.peligro.com.br
www.openfield.org

+REVIEWS

» Mudhoney .
The Lucky Ones
Sub Pop/Inker . 2008

Depois da profusão de sopros de *Since We've Become Translucent* (2002) e da mistura entre garage punk festivo, teclados e riffs à Tommy Iommi de *Under a Billion Suns* (2006), o Mudhoney volta à crueza dos Stooges em *The Lucky Ones*. Gravado em três dias e meio, o disco traz um Mark Arm mais tenso e cético, ainda que às vezes filtrado pelo hedonismo, como na faixa de abertura, "I'm Now". Diante de um passado sem sentido e de um futuro pouco animador, ele canta - berra - pelo presente. "Next Time" é neta assumida de "1969", seja na guitarra blues freak, seja no vocal à Iggy Pop. Em "The Open Mind", Arm decreta, entre a hostilidade punk e o puro conservadorismo: *"The open mind is an empty mind/ So I keep mine closed"*. Se o Mudhoney repete aqui fórmulas de sua carreira, como um novo Ramones, ao menos o faz com consistência, e Arm canta como homem de 40 anos com a crueza de um de 20. ◂ *Por Mateus Potumati*



» NoiteLuz .
Marcelo D'Salete
Via Lettera . 2008

Há uma nova geração de quadrinistas brasileiros conquistando espaço no exterior. Uma safra de bons artistas inseridos na tradição de linguagem próxima à dos quadrinhos adultos americanos das grandes editoras. Nenhum mal há nisso. Marcelo D'Salete corre por fora e é o elemento estrangeiro dessa perspectiva. Curioso, por se tratar de um artista com uma visão muito particular e interessante sobre o espaço onde vive. No caso, a megalópole São Paulo. Da folha de rosto até a última página, há uma neblina, uma textura pulsante que alimenta uma aura particularíssima que remete mais ao cinema do que às HQs. As cenas da última página, tal qual a chave maior de um soneto, definem estética e temática dos seis contos visuais do livro: um casebre humilde, um jovem de ar pesaroso, o choque de realidade representado pela manchete de jornal, a mulher que é foco e vítima da ação de homens errantes, uma gravura de são Jorge e a panorâmica de uma grande cidade plácida, quase que inabitada - percebe-se que há vida por detrás de um vagão de metrô que corta o cenário. Situações prosaicas, mas nunca simples e maniqueístas. A escuridão e sombra dos ambientes se mescla à pele escura dos personagens, o que por si só é um caso a ser estudado, particularíssimo em nossa HQ. O *leitmotiv* das histórias é a boate que dá nome ao livro. As histórias são quase sempre tristes, quase sempre inacabadas, quase dramas. No último momento, todas encontram sentido. Dostoiévski dizia que, para falar bem do mundo, deve-se falar bem da vila onde vive. D'Salete sabe disso. Álbum a ser lido como quem lê a vida. ◂ *Por Arthur Dantas*

» Chibata! . Hemeterio & Olinto Gadelha .
Conrad Editora . 2008

Adaptações literárias ou baseadas em fatos históricos não são novidade no cinema. Nas HQs brasileiras, sim. Os resultados muitas vezes não são animadores, apelando para um didatismo canhestro e interessado somente na verba governamental destinada à compra deste tipo de obra. Ainda que o álbum *Chibata!* flerte com o didatismo, ele consegue ser, acima de tudo, uma obra viva, interessante e interessada em fato histórico pouco evidenciado nas artes nacionais. A Revolta da Chibata, acontecida em 1910, no Rio de Janeiro, foi em tudo novidade no país. Um marinheiro negro, João Cândido, foi o líder da revolta que desejava justiça e liberdade para os marujos de baixa patente, sobretudo mulatos, que ainda sofriam com o abuso dos castigos à base da chibatada. O fato, por si só, suscita curiosidade, e o desfecho da revolta sintetiza muito da essência da civilização brasileira. O roteiro de Olinto Gadelha não se distancia dos fatos, mas cria uma obra fluente e complexa, sustentada pelo desenho detalhista e rico em hachuras de Hemeterio, que exibe pleno domínio em seu fazer e mostra como a formação em arquitetura e design jogou a favor para a elaboração da obra. Tudo cheira a quadrinho, sem grandes invencionices pós-modernas. E nesse caso específico é muito bom, pois os artistas não precisam realmente apelar a outros artifícios que não aqueles mais caros e essencialmente quadrinísticos. ◂ *Por Arthur Dantas*

TV on The Radio . Dear Science

4AD . 2008

A ciência busca explicações para coisas inexplicáveis. A ciência matou Deus, construiu mitos e derrubou crenças. Quem ainda acredita no rock de Nova York? Quem ainda acredita em Willliamsburg? O melhor álbum de 2008 usa a ciência ordinária para explicar conflitos internos, relações acabadas, pensamentos solitários e histórias mundanas de amor e morte. Em *Dear Science*, o TV On The Radio troca a razão pela paixão. Tunde Adebimpe, Kyp Malone, David Andrew Sitek, Gerard Smith e Jaleel Bunton transformaram o estúdio em laboratório, misturando o rock com bases negras, ora soando como um Prince tenso ora como um P.M. Dawn sedado. O synth pop oitentista e o free jazz remetem a uma espaçonave de ficção científica indo em direção ao futuro. O senso de urgência permanece presente nas canções, como astronautas embarcando para o espaço, flutuando, porém sem tirar o peso dos ombros e da gravidade. Depois de *OK Calculator*, *Desperate Youth*, *Blood Thirsty Babes* e *Return to Cookie Mountain*, *Dear Science* soa mais fácil, mas não menos inteligente e ousado. Stephen Hawking diz que "quando achamos a Matemática e a Física teórica muito difíceis, voltamo-nos para o misticismo". A ciência do TV On The Radio é menos exata. E, talvez por isso mesmo, mais cheia de acertos. ◂ *Por Zico Farina*

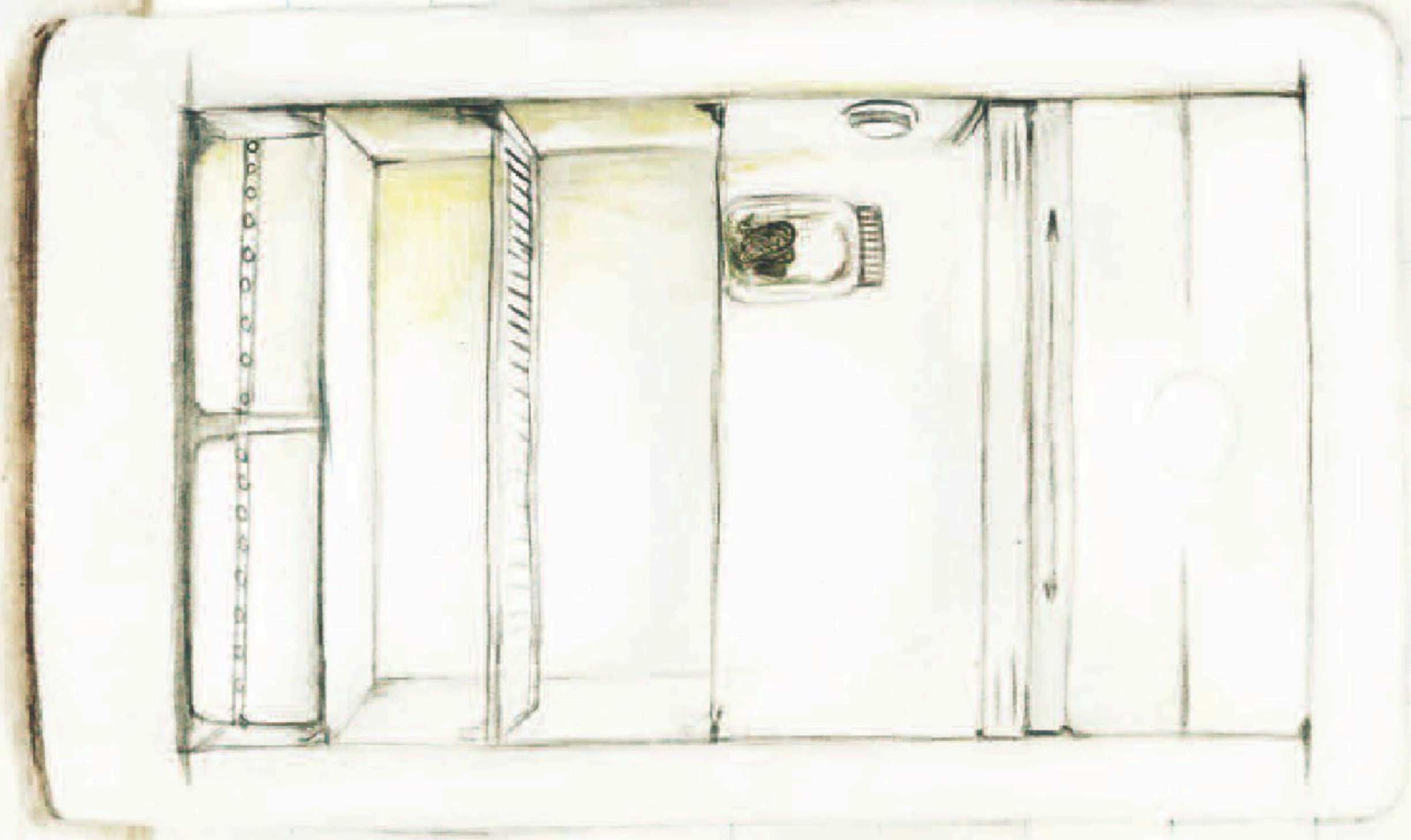
E Pluribus Venom . Obey

Gingko Press . 2008

O nome do livro é homônimo à mais importante e ambiciosa exposição individual da carreira de Shepard Fairey, que aconteceu em junho de 2007 em Nova York. Além de tomar todo o ambiente da espaçosa galeria Jonathan LeVine no Chelsea, foi necessário outro galpão extra de mais de 600 m2 no Brooklyn especialmente para a ocasião. Como não podia deixar de ser, Shepard também bombardeou as ruas da cidade para a exposição como há muito não fazia. Suas artes questionam os símbolos e métodos da máquina americana e do sonho americano, e também celebram aqueles que se opõem à cegueira do nacionalismo e da guerra. O mais interessante dessa exposição é que ela compreende somente o período de produção do primeiro semestre de 2007. É realmente impressionante a enorme quantidade de obras que o artista produziu nesse período, mais de uma centena de trabalhos que vão de formatos menores aos de proporções gigantescas. Assim como o seu incrível livro, *Supply and Demand*, lançado em 2006, *Pluribus...* impressiona pela impressão impecável, capa dura com acabamento delicado em tecido e *hotstamp* dourado. Coisa fina! ◂ *Por Tiago Moraes*

Plastik Wear

A Plastik Store, unanimidade entre os aficionados por *toy art*, que conta também com uma fina seleção de livros e revistas de arte e uma simpática galeria, agora entra de cabeça no universo da moda e bombardeia o mercado com uma seleção das marcas mais hypadas da cena do *street fashion* mundial. Você não precisa mais passar dez horas esmagado numa minúscula poltrona de classe turística nem encarar as perguntas capciosas dos "simpáticos" agentes de imigração americanos para ficar bonito na foto. É só desembarcar na Plastik e escolher os lançamentos de marcas como a ultra-cultuada japonesa Bape (A Bathing Ape) - que passa a ter a loja como seu primeiro ponto de distribuição na América Latina - ou as nova-iorquinas Alife, BBC/Ice Cream, Supreme, aNYthing, Stussy, 10deep e Original Fake, entre outras. A Plastik também aposta suas fichas na Nossa, marca de Cassiano, DJ e produtor musical brasileiro residente em Nova York que faz música e vestimentas inspiradas em nossa terrinha. ◂ *Por Tiago Moraes*



Tédio

Por Gustavo Mini . Ilustração por Didi Cunha / www.flickr.com/cubobege

Falam muito da resistência das baratas no caso de um ataque nuclear, mas esses dias eu me dei conta de que existe um bichinho muito mais resistente a uma variedade ainda maior de ameaças: o tédio. Enquanto as baratas sobrevivem à radiação, o tédio parece ser eliminado facilmente com qualquer agentezinho químico. Mas a verdade é que todo composto destinado a erradicar o tédio rapidamente se transforma em combustível. É como tentar apagar o fogo com querosene.

Estamos vivendo uma das épocas mais ricas em ferramentas contra o tédio. Fora todas as novas possibilidades tecnológicas, ainda estamos assistindo o nascimento de uma sociedade muito mais tolerante com comportamentos individuais, e a maior parte das pessoas pode ser e fazer muito mais do que seus antepassados puderam em qualquer outro ponto da história.

Por isso, aparentemente, o tédio poderia começar as tratativas a respeito de sua cremação e decidir onde quer suas cinzas jogadas. Mas, com todo esse movimento no mundo, a aposentadoria do tédio está cada vez mais longe, uma vez que se criam constantemente novas formas de alimentá-lo. O que pensamos que vai matá-lo, o engorda.

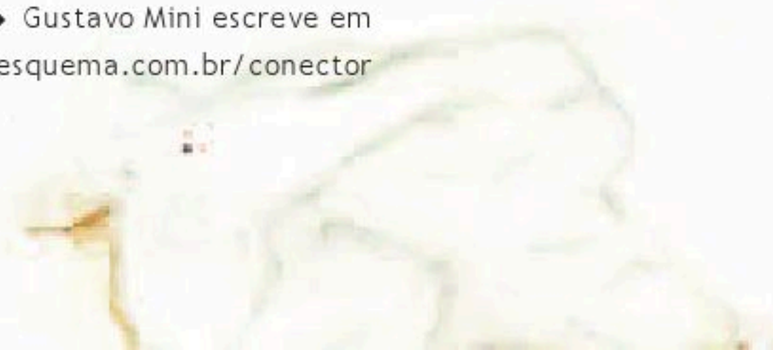
Mas isso não deveria nos desanimar. Abraçar sinceramente o tédio pode ser uma forma digna e produtiva de se lidar com ele. Artistas como Roman Opalka há muito vêm declarando nas entrelinhas seu apoio ao tédio. O pintor francês de origem polonesa começou em 1965 uma série de telas com uma contagem que vai do número um até o infinito. Desde a década de 60, Opalka vem cortejando o tédio ao pintar números sucessivos em telas praticamente idênticas, apenas com um detalhe a diferenciar: o fundo preto ganha, em cada nova obra, um por cento de tinta branca. O que na década de 70 era escuro hoje já está tão pálido quanto os cabelos brancos do pintor. O fim está próximo.

O mestre budista Chögyam Trungpa, durante uma série de palestras na década de 70, também pagou tributo ao tédio falando de meditação: *"É um bom sentimento ficar entediado depois de tanto tempo sentado. Soa o primeiro gongo, depois o segundo, depois o terceiro, e ainda há outros por soar. E continuamos sempre sentados. Cortar a artéria até o tédio tornar-se extraordinariamente forte. Temos de trabalhar arduamente para isso"*. O texto completo não só destaca a importância do tédio como também evita romantizá-lo excessivamente. Porque colocar o tédio em um pedestal dourado pode tornar-se, rapidamente, uma forma de distração.

Se pudéssemos enxergar o mundo todo com um microscópio, não falaríamos em tédio. Coisas estão acontecendo o tempo inteiro, em nós e ao nosso redor. O coração bate incansavelmente, enquanto nosso sangue flui, a respiração segue seu ciclo incessante e nossas células trabalham 24 horas por dia renovando nossa forma física. Pessoas nascem e morrem a cada segundo, economias sobem e descem, países se fortalecem ou quebram, carros passam, o ar circula, pequenas bactérias flutuam no ar em trajetórias rocambolescas, montanhas erodem, rios correm e átomos se reorganizam o tempo todo em novas configurações.

No meio disso tudo, o tédio sobrevive. Onde houver percepção, uma mente percebendo um objeto, haverá a tentativa de se transformar o movimento dinâmico do universo em uma fotografia, um instantâneo, uma cena congelada, um fotograma. Onde houver fotograma, haverá tédio. Mas não tem problema. Onde houver tédio em contraponto à distração, haverá um caminho aberto para a liberdade. ◂

» Gustavo Mini escreve em
www.oesquema.com.br/conector



EU SIMPLESMENTE NÃO ENTENDO...

O QUÊ?

NÃO SEI COMO VOCÊ PODE GOSTAR DE COMICS.

O QUE QUE TEM?

MUITO INFANTIL, PIADAS SEM GRAÇA E TODAS TÊM FINAL IDIOTA... JÁ NÃO ESTAMOS MAIS NA IDADE DE LER ESSAS COISAS.

UAU! BEM VOCÊ QUE COLECIONA BONECOS VAI FALAR ISSO DA MINHHA COLEÇÃO DE QUADRINHOS!!

E É *TOY ART!* É PÁRA DE CHAMAR DE QUADRINHOS! CHAMA DE *COMICS!*

O QUE EU TENHO QUE FAZER PARA VOCÊ NÃO PARECER UM NERD???

DE BRENO TAMURA:

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep.8

TRILHA SONORA:
DOZEN ROSES
BRAID

DAQUI AINDA ME PARECE UM NERD!

SÉRIO?? O QUE EU TENHO QUE FAZER PRA VOCÊ PARAR COM ISSO?

VOCÊ PODERIA IR EMBORA... PARA SEMPRE.

FABIO CRISTIANOTHE K7 DUNK

▸ **PLAY**

CADA MÚSICA MARCA UMA SESSÃO.

O SKATE DE FABIO CRISTIANO INTERPRETADO POR PARTEUM EM UMA FAIXA INÉDITA. BAIXE A MÚSICA, CONHEÇA OS PLAYLISTS QUE INSPIRAM SUAS SESSÕES ATÉ HOJE E SAIBA MAIS SOBRE A 3ª SÉRIE DO PROJETO BRASIL CUSTOM SERIES EM PLAYCUSTOMSERIES3.COM.BR

NIKE SB BRASIL CUSTOM SERIES 3

+ENDEREÇOS

INKER +SQUAT .
www.inker.art.br

Drag City .
www.dragcity.com/dragcity.html

Diginóis .
www.diginois.com.br

Galeria Marília Razuk .
Rua Jerônimo da Veiga, 62 São Paulo . SP
www.galeriamariliarazuk.com.br

Gingko Press Inc. .
www.gingkopress.com

4AD .
www.4ad.com

Little Brown Book .
www.littlebrown.co.uk/home

Dark Horse .
www.darkhorse.com

Cia de Foto .
www.ciadefoto.com.br

Milo Garage .
Rua Minas Gerais 203a
Higienópolis . São Paulo . SP
www.milogarage.com

Conrad Editora .
www.conradeditora.com.br

Studio SP Espaço Cultural .
Rua Augusta, 591
São Paulo . SP
www.studiosp.org

Galeria Choque Cultural .
Rua João Moura . 997
Pinheiros . São Paulo . SP
www.choquecultural.com.br

Via Lettera .
www.vialettera.com.br

Element / Nixon .
Rua Oscar Freire . 909
Jardins . São Paulo . SP
www.elementskateboards.com

Nike .
Rua Oscar Freire . 969
Jardins . São Paulo . SP
www.nikesportswear.com

Plastik
Rua Melo Alves . 459
Jardins . São Paulo . SP
www.plastiksp.com

Volcom .
Alameda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
loja@volcom.com.br

NIKE SB **BRASIL** CUSTOM
SERIES 3

▸ PLAY

CADA MÚSICA MARCA UMA SESSÃO.

O SKATE DE CEZAR GORDO INTERPRETADO POR PARTEUM EM UMA FAIXA INÉDITA. BAIXE A MÚSICA, CONHEÇA OS PLAYLISTS QUE INSPIRAM SUAS SESSÕES ATÉ HOJE E SAIBA MAIS SOBRE A 3ª SÉRIE DO PROJETO BRASIL CUSTOM SERIES EM PLAYCUSTOMSERIES3.COM.BR

CEZAR GORDO THE HEADPHONE DUNK

RODRIGO PETERSENTHE WALKMAN DUNK

▸PLAY

CADA MÚSICA MARCA UMA SESSÃO.

O SKATE DE RODRIGO PETERSEN INTERPRETADO POR PARTEUM EM UMA FAIXA INÉDITA. BAIXE A MÚSICA, CONHEÇA OS PLAYLISTS QUE INSPIRAM SUAS SESSÕES ATÉ HOJE E SAIBA MAIS SOBRE A 3ª SÉRIE DO PROJETO BRASIL CUSTOM SERIES EM PLAYCUSTOMSERIES3.COM.BR

NIKE SB BRASIL CUSTOM SERIES 3